



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)/
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) em implantação
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO
TERRITÓRIO**

NATÁLIA SOARES FERREIRA

ARRUMAR E SERVIR:

O trabalho feminino e vida cotidiana no setor hoteleiro em Catalão (GO)

CATALÃO (GO)

2018

Processo:

23070.037596/2020-27

Documento:

2777628



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE GEOGRAFIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESSES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ [X] Dissertação ☐ [] Tese

2. Nome completo do autor

NATÁLIA SOARES FERREIRA

3. Título do trabalho

ARRUMAR E SERVIR: Trabalho feminino e vida cotidiana no setor hoteleiro em Catalão (GO)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ [x] SIM ☐ [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Processo:
23070.037596/2020-27

Documento:
2777628



Documento assinado eletronicamente por **Carmem Lúcia Costa, Professora do Magistério Superior**, em 22/03/2022, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **NATALIA SOARES FERREIRA, Discente**, em 28/03/2022, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2777628** e o código CRC **0F7C2EB5**.

Referência: Processo nº 23070.037596/2020-27

SEI nº 2777628

NATÁLIA SOARES FERREIRA

ARRUMAR E SERVIR:

O trabalho feminino e vida cotidiana no setor hoteleiro em Catalão (GO)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unidade Acadêmica Especial Instituto de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG)/Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Ordenamento do Território.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa.

CATALÃO (GO)

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Ferreira, Natália Soares

ARRUMAR E SERVIR : O trabalho feminino e vida cotidiana no setor
hoteleiro em Catalão (GO) / Natália Soares Ferreira. - 2018. 127, CXXVII
f.

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto de
Geografia, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Catalão, 2018.
Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de
figuras, lista de tabelas.

1. Espaço urbano. 2. Mulher. 3. Trabalho. 4. Setor Hoteleiro. 5. Catalão (GO).
I. Costa, Carmem Lúcia, orient. II. Título.

CDU 911



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UAE - INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP - 75704-020
Fone/fax: (64) 3441-5331. E-mail: mestradogeografia@gmail.com



ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Natália Soares Ferreira

Aos cinco dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezoito (05/09/2018), às 14h (quatorze horas), na Sala de Aula do Mestrado em Geografia, Regional Catalão/UFG, teve lugar a 148ª Sessão Pública de Julgamento da Dissertação de Mestrado **Natália Soares Ferreira**, matrícula nº 20160970, CPF 352.578.858-40, intitulada “**ARRUMAR E SERVIR: Trabalho feminino e vida cotidiana no setor hoteleiro em Catalão (GO)**”. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria nº. 023/2018 do Programa de Pós-Graduação em Geografia-RC/UFG, pelas as Professoras Dra. Carmem Lúcia Costa (Orientadora) CPF nº 607.267.841-68, Dra. Lilian Marta Grisólio (Membro Externo) CPF nº 188.672.498-94, Dra. Magda Valéria da Silva (Membro Interno) CPF nº 618.587.301-04. As examinadoras arguíram na ordem citada, tendo a mestrandia respondido satisfatoriamente. Às 16 horas e 30 minutos a Banca Examinadora passou ao julgamento, em Sessão Secreta, tendo a mestrandia obtido os seguintes resultados:

Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa – Ass. _____

Aprovado (X) Reprovado ()

Profa. Dra. Lilian Marta Grisólio – Ass. _____

Aprovado (X) Reprovado ()

Profa. Dra. Magda Valéria da Silva - Ass. _____

Aprovado (X) Reprovado ()

Obs.:

Acatar as recomendações da banca

Presidente da Banca – Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa - Ass. _____

Resultado final: APROVADA (X) REPROVADA ()

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente Ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora, Mestrando examinado e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia-RC/UFG.

Assinatura da Mestranda: _____

Secretária do PPGGC-RC/UFG _____

Priscila Querino de Lima
Secretária do Programa de Pós-Graduação
em Geografia / Regional Catalão / UFG

Obs: O(a) aluno(a) deverá encaminhar, no prazo de até 30 (trinta) dias, a contar da data da Defesa Pública, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento e devidos encaminhamentos, conforme as normas definidas pelo PPGGC-RC/UFG.

AGRADECIMENTOS

Findar uma etapa na trajetória acadêmica não é tarefa fácil, ainda mais quando se trata de uma mulher, mãe, estudante, militante e trabalhadora. Cada dia, durante esse período, foi um duro enfrentamento às condições históricas a que nós mulheres estamos sujeitas na sociedade patriarcal em que vivemos, principalmente quando buscamos nossa emancipação e igualdade de direitos e oportunidades. A realização deste estudo é fruto de muitas colaborações e coletividade. É possível que deixe de registrar aqui algum nome, pois foram muitos momentos vividos que contribuíram para o encerramento dessa etapa e, por isso, gostaria de agradecer a todas as pessoas muito queridas que passaram pela minha vida, nesses últimos dois anos, pelo apoio o qual me fortaleceu.

Agradeço à minha família, meu alicerce, mesmo distante fisicamente. A minha mãe Cida, que desde a minha graduação com sua força, amor, dedicação e cuidado me incentivou e permitiu que eu seguisse firme nessa dura caminhada em busca do conhecimento. Tenho a clareza de que sem o seu apoio não seria possível chegar até aqui. Agradeço também aos meus irmãos Regys e Klebert, pelas conversas, ideias compartilhadas e pela motivação. Particularmente, por me apoiarem e acreditarem sempre em mim. Ao meu pai (*in memoriam*) Klebert, que me mostrou desde “pequena” a importância de insistir naquilo que sonhamos e acreditamos.

Minhas crianças Sabrina e Arthur, pelo amor incondicional e compreensão nos muitos momentos de ausência e impaciência. Digo que: É por vocês que eu vivo e pelo futuro de vocês que eu sigo em frente. Ao meu companheiro na jornada da vida Bruno Ulhôa, pelo amor e apoio em todos os momentos.

Agradeço de forma especial e carinhosa a minha orientadora Profa. Dra. Carmem Lúcia Costa, que me orientou desde a graduação. Principalmente, por sua paciência e seu companheirismo revolucionários, por confiar e acreditar em mim na construção dessa dissertação e de outros projetos em que tivemos a oportunidade de trabalhar juntas. Pessoa pela qual respeito e admiro, sobretudo, por sua competência inquestionável.

Às professoras e membros da banca, Dra. Magda Valéria da Silva e Dra. Lilian Marta Grisolio, mulheres pesquisadoras, que me inspiram e que tanto admiro. Pessoas que contribuíram imensamente para o desenvolvimento e amadurecimento desta pesquisa.

À todas amigas, que não me deixaram carregar esse fardo sozinha. Pessoas incríveis que me fortaleceram em cada abraço apertado, amparo e carinho trocado, além dos diálogos e contribuições essenciais nos momentos de reflexão. Agradeço, em particular, à amiga e irmã

de muitos carnavais, Izadora Mariano, pela sua força, carinho e solidariedade, sempre me acolhendo com palavras sensíveis, nos momentos mais difíceis, que me transformaram, acalmaram, acolheram e encorajaram. Amiga que sou grata pelas inúmeras partilhas. Como também, a Camila Campos, pelo apoio, força e dedicação, por se fazer presente nas horas tensas, em essencial, pela sua disposição em compartilhar as dificuldades. Sobretudo, agradeço a essas amigas incríveis.

Às companheiras e companheiros “*agbean@s*”, da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) de Catalão, pelo engajamento e coletividade durante nossa vivência representando esta entidade, que me fizeram crescer e acreditar que era possível a construção coletiva em busca de uma transformação da sociedade, contribuindo através dos estudos e práticas da ciência geográfica. Principalmente, porque temos um papel fundamental enquanto geógrafas nesse processo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa. Digo que: diante da atual conjuntura político-econômica de retrocessos e cortes orçamentários em setores básicos, promovida pelo governo vigente, principalmente no setor da educação através da contenção de verbas destinadas à educação pública e pesquisa, ressalto neste momento, a importância vital dos recursos oferecidos pela CAPES no que se refere ao fomento de pesquisas na graduação e pós-graduação, que visam garantir a autonomia da ciência brasileira, soberania e redução das desigualdades em nosso país.

Agradeço às trabalhadoras que contribuíram para essa pesquisa, mesmo que este trabalho não seja algo concreto que as livre das amarras das desigualdades de gênero e da precarização do trabalho. Seguiremos com as pesquisas (e a militância ativa) para mostrar a realidade das mulheres trabalhadoras brasileiras e com a luta por melhores condições de vida para todos e todas. Espero que em um futuro próximo possamos comemorar a nossa emancipação plena e a supressão da sociedade patriarcal. É preciso caminhar rumo à utopia.

Aos meus companheiros de quatro patas, Ozzy e Johnny, por aquecerem os meus pés debaixo da mesa de estudos e pelas lambidas carinhosas nos momentos de aflição.

À Geografia! Imensuravelmente pelo crescimento intelectual e humano que me proporcionou, sendo uma lente que filtrou a leitura dos espaços, dos sujeitos, das relações e estruturas da nossa sociedade.

Enfim, sou grata a todas as pessoas que de alguma forma cruzaram meu caminho durante minha trajetória acadêmica. Às professoras e professores do curso de Geografia da UFG/RC, em especial, ao Dr. Gilmar Alves Avelar e ao Dr. Paulo Henrique K. Orlando, pelas

longas e construtivas conversas e pela parceria e compromisso coletivo com a AGB de Catalão.

Aos colegas da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG) da regional de Catalão, que de alguma forma fizeram parte da minha trajetória durante a formação profissional. Particularmente, à Izadora Mariano, Alessandro Ferreira e à Márcia Carolina Silva, pela amizade, diálogos e pelas partilhas, que contribuíram imprescindivelmente para minha formação humana e intelectual.

O espaço é a esfera da possibilidade da multiplicidade nas quais distintas trajetórias coexistem, é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade, sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então, isto deve implicar na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos.

(Doreen Massey)

RESUMO

A abordagem deste estudo se refere ao trabalho feminino no setor hoteleiro da cidade de Catalão (GO), a partir do contexto da reestruturação produtiva do capital, pautada em um projeto de sociedade neoliberal, que ganhou força na década de 1970 e estabelece grandes transformações no mundo do trabalho e nas relações sociais até os tempos atuais. Buscou-se como objetivo central, demonstrar através das interfaces do modo capitalista de produção, o que este setor representa para a (re)produção do espaço urbano local e regional, como também, de que forma essas trabalhadoras se apropriam e se inserem nesse espaço. Para tanto, este estudo se embasou no método teórico de Marx, do materialismo histórico dialético, isso por compreender que a relação capital/trabalho se materializa de forma dialética em sua totalidade espacial para que se ultrapassem as barreiras da aparência para a compreensão da sua essência, a partir dos diversos processos históricos do sistema capitalista. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com orientação analítico-descritiva, mediante entrevistas semiestruturadas e questionários, pelo qual foi iniciada após prévia aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e consentimento esclarecido oral das entrevistadas. A interpretação do material coletado permitiu identificar, a partir da análise do cotidiano das trabalhadoras, as formas de emancipação ou não dessas mulheres no mundo do trabalho, no setor pesquisado. Como resultado, entendeu-se que as relações de submissão e exploração de gênero neste setor estavam no centro da (re)produção espacial através do patriarcado, prática socioespacial que marginaliza mulheres em todo o mundo. Relações que são reforçadas pelo papel social da mulher e que determinam suas funções específicas no seu cotidiano laboral.

Palavras-chave: Espaço urbano; Mulher; Trabalho; Setor hoteleiro; Catalão (GO).

RESUMÉN

El abordaje de este estudio se refiere al trabajo de las mujeres en el sector hotelero de la ciudad de Catalão (GO), a partir del contexto de la reestructuración productiva del capital, a partir de un proyecto de sociedad neoliberal, que tomó fuerza en la década de 1970 y establece grandes transformaciones en el mundo del trabajo y las relaciones sociales hasta la actualidad. El objetivo principal fue demostrar a través de las interfaces del modo de producción capitalista, lo que este sector representa para la (re)producción del espacio urbano local y regional, así como también cómo estos trabajadores se apropian e insertan en este espacio. Por lo tanto, este estudio se basó en el método teórico de Marx, del materialismo histórico dialéctico, porque entiende que la relación capital/trabajo se materializa de forma dialéctica en su totalidad espacial de manera que se superan las barreras de la apariencia para la comprensión de su esencia, a partir de los diversos procesos históricos del sistema capitalista. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria, con orientación analítico-descriptiva, a través de entrevistas semiestructuradas y cuestionarios, que se inició previa aprobación del Comité de Ética en Investigación y consentimiento informado oral de los entrevistados. La interpretación del material recolectado permitió identificar, a partir del análisis del cotidiano de las trabajadoras, las formas de emancipación o no de estas mujeres en el mundo del trabajo, en el sector investigado. Como resultado, se entendió que las relaciones de sumisión y explotación de género en este sector estaban en el centro de la (re)producción espacial a través del patriarcado, una práctica socioespacial que margina a las mujeres en todo el mundo. Relaciones que se ven reforzadas por el rol social de la mujer y que determinan sus funciones específicas en su trabajo diario.

Palabras clave: Espacio Urbano; Mujeres; Trabajo; Sector hotelero; Catalão (GO).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Mapa 1 –	Catalão (GO): Localização geográfica (2018)	36
Mapa 2 –	Localização dos hotéis ativos na área urbana de Catalão (GO)	66
Foto 1 –	IBIS Catalão (GO)	77
Foto 2 –	Bristol Catalão (GO)	77
Foto 3 –	Mara Turismo Catalão (GO)	78
Foto 4 –	Hotel San Phellipe Catalão (GO)	78
Foto 5 –	Sala de reuniões do Bristol Hotel Catalão (GO)	79
Foto 6 –	Quarto arrumado em hotel 3 estrelas – Catalão (GO)	98

QUADROS

Quadro 1 –	Categorização do setor de serviços	55
Quadro 2 –	Número de hotéis e flats por localização (2016)	61
Quadro 3 –	Participação do PIB de Catalão em relação a Goiás - 2014 (R\$/mil)	69
Quadro 4 –	Catalão (GO): Hotéis registrados (1970-2018)	73
Quadro 5 –	Dados sobre hotéis pesquisados (2017)	82
Quadro 6 –	Mulheres: turno de trabalho ocupado no setor hoteleiro em Catalão (GO)	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Total de empresas segundo o segmento de serviço no Brasil (2014)	57
Gráfico 2 –	Número de pessoas ocupadas segundo o segmento de serviço (em mil) – Brasil – 2014	58
Gráfico 3 –	Catalão (GO): Emprego – CAGED	70
Gráfico 4 –	Crescimento do emprego nos serviços de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e televisão – Goiás (1999-2016)	72
Gráfico 5 –	Catalão (GO): Crescimento do setor hoteleiro por década	75
Gráfico 6 –	Trabalhadoras do setor hoteleiro – Catalão (GO): você é responsável pelo trabalho doméstico não remunerado em sua casa?	92
Gráfico 7 –	Uso do tempo dedicado aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por pessoas ocupadas, por sexo (horas semanais)	93
Gráfico 8 –	Proporção de trabalhadoras que recebem até 1 salário mínimo	99
Gráfico 9 –	Moradia: Trabalhadoras do setor hoteleiro	101
Gráfico 10 –	Trabalhadoras do setor hoteleiro em Catalão (GO): Gasta a maior parte do salário com despesas do lar?	103
Gráfico 11 –	Trabalhadoras do setor hoteleiro Catalão (GO): Relação entre faixa etária e gasto com despesas domésticas	104
Gráfico 12 –	Catalão (GO): Diferenciação por sexo no setor hoteleiro	107
Gráfico 13 –	Distribuição de funções das mulheres nos hotéis pesquisados	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Desemprego no Brasil (2012-2018)	51
Tabela 2 –	Catalão (GO): população censitária por situação de moradia	69
Tabela 3 –	Catalão (GO): Crescimento Geométrico populacional	75
Tabela 4 –	Setor hoteleiro em Catalão (GO): escolaridade por cargo	96
Tabela 5 –	Faixa salarial por função – hotéis pesquisados	97
Tabela 6 –	Divisão laboral por gênero	107
Tabela 7 –	Descrição dos cargos ocupados por mulheres no setor hoteleiro em Catalão (GO)	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CMOC	<i>International – China Molybdenum</i>
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CONTRACS	Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços
CCQs	Círculos de Controle de Qualidade
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DIMIC	Distrito Mineiro-Industrial de Catalão
DIQUIC	Distrito Químico-Industrial de Catalão
GOP	<i>Gross Operating Profit (Lucro Operacional Bruto)</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMB	Instituto Mauro Borges
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MMC	Mitsubishi Motors Company
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OXFAM	<i>Oxford Committee for Famine Relief</i> (Comitê de Oxford de Combate à Fome)
PAS	Pesquisa Anual de Serviços
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PEA	População Economicamente Ativa
PME	Pesquisa Mensal de Emprego
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RASEAM	Relatório Anual Socioeconômico da Mulher
REVPAR	Receita por Quarto Disponível
SCN	Sistema de Contas Nacionais
SEGPLAN	Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	TRABALHO E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: UMA QUESTÃO DE GÊNERO	20
2.1	O método da pesquisa: 200 anos de Marx vivo!	21
2.2	Mulher, trabalho, lugar e cotidiano no contexto geográfico	24
2.2.1	Sobre o conceito de gênero na Geografia	26
2.2.2	O lugar no mundo e o mundo no lugar	30
2.3	O lugar Catalão (GO) e suas configurações espaciais	34
3	REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO CAPITAL, (RE)PRODUÇÃO DO URBANO E O SETOR HOTELEIRO EM CATALÃO (GO)	41
3.1	As consequências da reestruturação produtiva no mundo do trabalho	42
3.2	Reestruturação produtiva no setor de serviços e o setor hoteleiro	53
3.2.1	Setor hoteleiro: um panorama nacional	59
3.3	(Re)produção do urbano e setor hoteleiro em Catalão (GO)	62
3.3.1	Caracterização dos empreendimentos hoteleiros em Catalão (GO)	72
4	O TRABALHO DAS MULHERES NOS HOTÉIS: EMANCIPAÇÃO E/OU PRECARIZAÇÃO?	83
4.1	Espaço reprodutivo e espaço produtivo: a condição da mulher trabalhadora	86
4.2	Salário que emancipa ou precariza?	95
4.3	O trabalho feminino no setor hoteleiro: limpar e arrumar são coisas de mulher?	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
6	REFERÊNCIAS	116
7	ANEXOS	121
7.1	ANEXO I – QUESTIONÁRIO HOTEL	123
7.2	ANEXO II – QUESTIONÁRIO TRABALHADORAS	124
7.3	ANEXO III – ROTEIRO DE ENTREVISTA	126

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge a partir de diversas inquietações diante da atual conjuntura, no mundo do trabalho, em um momento de inseguranças, instabilidade, incertezas e de retrocessos após o avanço de políticas neoliberais que promovem austeridade e, com isso, há negligência quanto aos direitos sociais adquiridos pela classe trabalhadora. A flexibilidade das relações sociais aponta um novo caminho para a história da humanidade, em que o capital se reinventa a partir de suas próprias essências e contradições. Diante de um mundo globalizado em que vivemos, identificamos na realidade local do setor hoteleiro, elementos também globais, pois a economia e a política mundial produzem mudanças geradoras com efeitos em diferentes territórios. Neste estudo, será feito o recorte das metamorfoses do mundo do trabalho de mulheres do setor hoteleiro da cidade de Catalão (GO).

Entende-se, mediante o olhar geográfico que todo sujeito é parte integrante do processo de transformação espacial seja alterando o meio em que (re)existe ou seja nas relações humanas materializadas nos diferentes espaços. Assim, cada espaço de (re)existências possui características peculiares e está sempre num processo de devir (MASSEY, 2004), mesmo que este seja sob a égide de um sistema dominante e globalizado. Desta forma, a hipótese apresentada é que a reestruturação produtiva do capital impacta no trabalho das mulheres no setor hoteleiro em Catalão (GO), e através dos questionários respondidos para essa pesquisa, busca-se alcançar suas vidas cotidianas no processo contraditório e desigual que se estabelecem com a divisão sexual do trabalho além da procura de elementos de emancipação e precarização apresentados nos espaços produtivo e reprodutivo.

A cidade de Catalão (GO) despertou interesse por apresentar características comuns à lógica moderna do capital, típicas do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, uma vez que, no período colonial foram realizadas incursões da mineração e a estrutura das ocupações de terras foi pautada na exploração agrícola latifundiária. A modernização da agricultura e o processo de industrialização foram vivenciados através de sua urbanização acelerada e da apropriação de seu território por parte de grandes empresas e indústrias influentes do mercado mundial.

Outra fase de desenvolvimento capitalista em Catalão (GO) ocorreu por meio da descentralização industrial na década de 1990. Época que levou esta região a tornar-se alvo de interesses de acumulo e valorização de capitais, sendo inseridas dinâmicas globais nesse processo de urbanização da região. Dessa forma, permitiram-se condições físicas e sociais

para a exploração do trabalho e dos recursos naturais, favorecendo a burguesia industrial (nacional e internacional), assegurando assim a manutenção da estrutura coronelista e oligárquica local que pelas mãos do poder público garantiram a reprodução do capital e mantiveram suas bases conservadoras e de privilégios.

Essa pesquisa foi estruturada em três capítulos com o propósito de apreender a totalidade das relações capitalistas no referido espaço urbano em reprodução. Entende-se como instrumento central de análise da condição espacial, a compreensão da categoria trabalho interligada com a categoria de gênero, pois é a partir delas que foi identificado de que forma as novas relações de trabalho afetam o cotidiano das mulheres trabalhadoras dos hotéis pesquisados. Escolheu-se o setor hoteleiro por ter apresentado um quantitativo elevado de mulheres empregadas, em considerável crescimento e expansão nas últimas décadas. Isso, mesmo frente às crises cíclicas do capital, expressou destaque após o período de reestruturação produtiva do capital, setor que se expandiu geograficamente articulando-se elementos de (re)organização do trabalho.

Pretendeu-se visualizar este universo das trabalhadoras do setor hoteleiro em Catalão (GO), buscando articular a teoria com a realidade prático-sensível em sua indissociabilidade, incorporando dialeticamente os elementos que articulam seu movimento no espaço, bem como suas transformações. Em busca da compreensão almejada, o desenvolvimento metodológico deste estudo foi realizado em três etapas: pesquisa teórica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

A pesquisa teórica foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica, que teve como objetivo, de acordo com Luna (1996), circunscrever um dado problema de pesquisa dentro de um quadro de referencial teórico que pretende explicá-lo. Delimitou-se os conceitos que auxiliaram na compreensão da (re)produção do espaço urbano, da reestruturação produtiva do capital e das relações de trabalho através dos seguintes autores: Harvey (1992), Santos (1999), Lefebvre (1991; 2006), Marx (2004; 2011), Engels (1984; 2004), Massey (2004), Santos (1999), Carlos (2007), Antunes (2009) e autoras que discutem a questão de gênero e a feminização do trabalho como: Hirata (2009), Nogueira (2006), Costa (2010), Souza-Lobo (2011), Saffioti (2013), Delphy (2015) dentre outras referências.

Pretendeu-se avançar a discussão acerca das novas relações de trabalho na sociedade atual e a sua correlação com o processo de feminização do trabalho na cidade de Catalão (GO), bem como a influência da reestruturação produtiva do capital na expansão do setor hoteleiro local – como e por que ela ocorre, além da (re)produção do urbano no contexto da produção capitalista do espaço e como as mulheres se apropriam desse espaço, tendo como

base teórica o método materialista histórico dialético e a teoria feminista através da leitura geográfica do espaço.

A temática de gênero para a Geografia brasileira ainda aparece timidamente, porém, os caminhos trilhados por movimentos e estudos feministas ganham força com algumas pesquisadoras referenciadas neste trabalho, tais como: Rossini (1998), Silva (2009), Veleza (2009), Costa (2016), dentre outras autoras. Nessa perspectiva, o desenvolvimento dessa pesquisa deu-se também com o intuito de contribuir e estimular a reflexão e a visibilidade dos estudos feministas para o pensamento geográfico na busca pela supressão da desigualdade de gênero. Em específico, no âmbito do mundo do trabalho a partir da análise das trabalhadoras pesquisadas.

Outra etapa, não necessariamente fragmentada, foi sequencialmente realizada após a primeira, haja vista a perspectiva investigativa dialética. Deste modo, foi à realização da pesquisa documental. Pesquisa caracterizada pela busca de documentos e/ou registros escritos que continham informações relevantes para o trabalho científico proposto, como dados qualitativos e quantitativos. Essa etapa foi importante para fundamentar as hipóteses a partir dos registros já existentes, para tanto, buscou-se documentos disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Catalão, Ministério do Trabalho, OIT (Organização Internacional do Trabalho), RAIS (Relação Anual de Informações – Ministério do Trabalho e Previdência Social), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), Instituto Mauro Borges (IMB), Observatório do Turismo, e dados em outros trabalhos como teses e dissertações sobre o tema¹.

Por fim, em etapa posterior, realizou-se a proposição de questionários aplicados com trabalhadoras em 16 hotéis dos 24 identificadas como ativos em Catalão/GO. Nestes, contabilizaram-se 130 trabalhadoras, porém, apesar de convidar todas somente 35 mulheres em atividade nos hotéis pesquisados aceitaram participar, ou seja, 26,92% do total verificado. Além do questionário, foram propostas entrevistas semiestruturadas deixadas disponíveis para que todas as participantes que quisessem e pudessem responderem. Mesmo assim muitas se recusaram por diferentes motivos e apenas duas aceitaram participar da entrevista, sendo que o principal questionamento apresentado foi à insegurança em participar e, posteriormente, sofrer alguma represália, por se tratar de um estudo investigativo sobre a condição da mulher trabalhadora em uma empresa privada.

¹ PIRES (2009); COSTA (2010); LIMA (2010); SILVA (2010).

Portanto, teve-se o cuidado na construção de ideias generalizantes dentro desse pequeno universo de entrevistadas em que foram priorizados os elementos qualitativos elencados com outros dados de pesquisas já realizadas e que apontam para a mesma direção.

Ressalta-se também que o projeto foi submetido e aprovado² pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, por consequência, essa pesquisa se enquadrou nas diretrizes universais de ética da pesquisa científica. Já a participação dos hotéis ocorreu por intermédio da assinatura do Termo de Anuência pelas gerentes e/ou proprietários/as. Os questionários foram respondidos depois da assinatura voluntária de todos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido por todas participantes. As condições de sigilo e anonimato foram preservadas e não foram utilizados nomes ou dados que pudessem identificá-las.

Outro componente importante para a realização desta pesquisa foi o diário de campo. Este instrumento foi elaborado para o acompanhamento de todo o processo de pesquisa. Foram feitas observações diretas, além de anotações, registro de situações e relatos envolvendo o universo pesquisado, bem como as impressões e referências colhidas nos hotéis. Também foi elaborado um questionário específico que foi respondido pelos representantes dos 16 hotéis participantes. Através dele, obtiveram-se as informações dos hotéis da cidade que, foram tabulados e, posteriormente, produzidos gráficos que auxiliaram na análise dos mesmos. A análise qualitativa permitiu-me, enquanto pesquisadora, atuar como “instrumento fundamental de investigação, inserido no contexto de interpretar e interagir com o objeto estudado e a adoção de postura teórico-metodológica para decifrar os fenômenos” (PÊSSOA, 2009, p.8).

Das três etapas que compõem esta pesquisa, apresentou-se uma síntese das reflexões e análises, a partir do percurso percorrido. Assim, a composição desse trabalho ocorreu em três capítulos acrescidos nas considerações finais e nos elementos pré e pós-textuais.

No primeiro capítulo foram trazidos conceitos fundantes deste estudo: trabalho, gênero e lugar articulados dialeticamente com o universo do trabalho das mulheres estudadas. Buscou-se justificar a escolha dos conceitos utilizados com intuito de clarear a aplicação do método na pesquisa apresentada, bem como apresentar a leitura crítica da (re)produção do espaço geográfico e sua relação direta com o trabalho feminino na cidade de Catalão (GO), articulados através do método materialista dialético.

O segundo capítulo descreve elementos da historicidade no processo de reestruturação produtiva em Catalão (GO) e o que esse fator representa para a dinâmica da (re)produção do

² CAEE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 64677417.4.0000.5083.

espaço urbano local, a partir da análise do setor hoteleiro e sua relação direta com o trabalho da mulher. Também foram apresentadas nesse momento, algumas características gerais referentes ao setor, nos âmbitos nacional e local, com subtópicos direcionados para o setor de serviços, onde enquadra-se o setor hoteleiro, abordado neste estudo. Buscou-se também compreender a inserção da mão de obra feminina, nesse setor, de forma geral, bem como as transformações no mundo do trabalho no século XXI, as relações sociais e a produção espacial no mundo globalizado.

O terceiro e último capítulo apresenta ementas pontuais do trabalho das mulheres em sua relação com o cotidiano a partir dos categóricos: função, salário, idade, autonomia, entre outros, e de que forma as relações de gênero e trabalho e suas existências no espaço urbano configuram a sua vida cotidiana na precariedade, mesmo considerando a autonomia que o trabalho fora de casa pode proporcioná-la e como essas trabalhadoras veem as riquezas e misérias desse processo.

2 TRABALHO E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

“Não podemos ser todos bem-sucedidos se metade de nós está restringida”.

(Malala Yousafzai)

Todas as ações humanas se materializam no espaço, assim, a análise das relações de trabalho e gênero ao serem aprofundadas estão pautadas na ideia de que a sociedade, ao produzir-se, faz num espaço e tempo determinado, como condição material de sua existência. Entretanto, “através dessa ação, ela também produz um espaço que lhe é próprio e que, portanto, tem uma dimensão histórica com especificidades ao longo do tempo e nas diferentes escalas e lugares” (CARLOS, 2013, p. 53).

Existem diferenças de elaboração teórica sobre a questão espacial. A dimensão espacial referente à teoria de Marx é argumentada por Harvey (2005) que em parte pode ter sido muitas vezes desenvolvida de forma superficial. Porém, ao examinar atentamente sua obra, Harvey aponta o reconhecimento de Marx, de que a acumulação de capital, inerente a seu próprio sistema, ocorre num contexto espacial, criando tipos específicos de estruturas geográficas, além de Marx ter desenvolvido uma nova abordagem relativa à teoria da localização ele afirmou ser “possível ligar, teoricamente, o processo geral de crescimento econômico com o entendimento explícito de uma estrutura emergente de relações espaciais” (idem, p.41).

Nessa perspectiva, a influência do processo de reestruturação produtiva do capital nas relações de trabalho e gênero no setor hoteleiro de Catalão (GO) foram compreendidas a partir dos limites espaciais, ao ponto de promover um questionamento elaborado por Harvey (2005): “o que acontece em seus confins? ”, pois a união entre o capital e a força de trabalho é condição necessária para ocorrer a produção em algum ponto específico do espaço, onde diferenças percebidas entre os sexos produzem desigualdades de gênero, com repercussões socioespaciais. Isso leva a necessidade de compreensão de alguns conceitos fundamentais para garantir esta abordagem aproximada da materialidade específica de realização do capital na cidade de Catalão (GO).

2.1 O método da pesquisa: 200 anos de Marx vivo!

No ano de 2018 completou 200 anos do nascimento do filósofo, sociólogo e revolucionário Karl Marx, por isso, achou-se relevante deixar um tópico exclusivo para a apresentação do uso de seu método nesta pesquisa, posto que para as ciências humanas, acredita-se ser este o mais adequado no sentido de alcançar a análise das condições materiais e socioespaciais da sociedade capitalista. O método de Marx é fruto de longa elaboração teórica e diálogo com outros pensadores e direcionando suas pesquisas na análise material da sociedade moderna, tendo como objetivo central: destrinchar as bases e estratégias de reprodução do capital e o modo de produção capitalista durante o século XIX. Marx realizou estudos e pesquisas que deram suporte à sua teoria social, ocupando sua vida inteira culminado nas grandes obras e que contribuíram para a compreensão econômica e sociológica das relações sociais estruturantes nos moldes do capitalismo.

Netto (2011, p.20) ao reportar as ideias de Marx, coloca que a teoria é uma modalidade peculiar do conhecimento, “o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo. Na sua existência real e efetiva, independente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador”. Logo, o método de Marx, aparece antagônico ao método de Hegel, onde “o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ele interpretado” (MARX, 1968, *apud*, NETTO, 2012, p.21). Assim, o objeto da pesquisa tem existência objetiva, não depende do sujeito pesquisador(a) para existir, indo para além da aparência fenomênica, visando alcançar a essência do objeto.

A essência do objeto, por sua vez, só é perceptível através da captura de sua estrutura e dinâmica, manuseando através da síntese, o pesquisador(a) no plano ideal, a essência do objeto que investigou. Para esta pesquisa, sua realização encontra-se sobre duas superestruturas centrais da sociedade: o modo de produção capitalista e o patriarcado. São sistemas de relações construídos pelo homem, implicando uma relação de externalidade entre sujeito/objeto, cuja pesquisa exclui qualquer pretensão de “neutralidade”. Porém, “a teoria tem uma instância de verificação da sua verdade, instância que é a prática social e histórica”. (NETTO, 2011, p. 23)

Os instrumentos utilizados como: questionários e entrevistas, levantamento e sistematização de dados, observação e registros no diário de campo, entre outros, são meios essenciais para que se possa apropriar da matéria e seja concluída a investigação, e somente a

partir desses meios que é possível descrever o movimento real. Marx e Engels (1963 *apud* Netto, 2011) expõem que:

O ser social – e a sociabilidade resulta elementarmente do *trabalho*, que constituirá o modelo da práxis – é um processo, movimento que se dinamiza por *contradições*, cuja superação o conduz a patamares de crescente complexidade, nos quais novas contradições impulsionam a outras superações. (NETTO, 2011, p.31, grifo nosso).

Assim, entende-se que não se deve conceber as análises sociais como conjunto de coisas acabadas, mas como um processo, mutável e dialético, constituído de indivíduos reais e de suas ações e condições materiais de vida, extraindo da realidade histórica e expressamente materialista a determinação das relações entre o ser e a consciência dos homens e mulheres na sociedade.

O materialismo enquanto corrente filosófica do pensamento está ligado à análise do concreto, do real e do sensível. Marx (2008), no sentido de possibilitar o entendimento sobre as questões levantadas ao redor do método de sua teoria, nos diz:

Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas e nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século XVIII, compreendia sob o nome de “sociedade civil”. Cheguei também à conclusão de que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política (MARX, 2008, p.47)

Portanto, é na totalidade concreta ou macroscópica – uma das principais categorias teórico-metodológicas de Marx – que podemos identificar partes funcionalmente integradas, totalidades de menor complexidade que a tornam estruturada e articulada, esse movimento dialético que resulta no caráter contraditório de todas as totalidades e compõem uma totalidade dinâmica. Marx não deixa um conjunto de regras acabadas como método a ser aplicado, ele “(nos) descobriu a estrutura e dinâmica reais do capital; não lhe “atribuiu” ou “imputou” uma lógica – numa palavra, deu-nos a teoria do capital: **a reprodução ideal do seu movimento real**”. (NETTO, 2011, p.53, grifo nosso).

Nessa perspectiva, caminha-se para contextualização da pesquisa, que busca compreender as transformações do mundo do trabalho feminino, como condição do sistema capitalista e o processo de reestruturação produtiva do capital, na cidade de Catalão (GO), com foco na expansão do setor hoteleiro, em que se buscou os sujeitos dessa pesquisa, considerando a dialética de sua totalidade.

Este estudo pretendeu olhar para o mundo do trabalho e para as trabalhadoras de forma abrangente às suas estruturas, buscando a compreensão das atuais condições de apropriação

do espaço e da força de trabalho dos corpos que nele (re)existem. O pensamento marxista auxiliou ao partir da ideia do deslocamento do idealismo ontológico para a articulação da teoria com a prática, que diz,

A práxis, em sua indissociabilidade, onde é preciso considerar o real em sua essência, num movimento ininterrupto que articula passado-presente-futuro, dialética entre teoria e prática, espaço e sociedade, trabalho e capital, realizando-se num movimento que implica a relação realidade/virtualidade, que nos obriga a realidade concreta e o que ela contempla de possibilidade para o futuro da sociedade (como projeto de sua transformação) (CARLOS, 2013, p. 55).

Nessa perspectiva, há possibilidade de pensar o mundo como prática e o sujeito como sociedade realizando-se, o que leva a nós geógrafas (os) rever criticamente sobre a relação homem e meio, e concordar com Carlos (2013) ao trazer as contribuições de Lefebvre, que corrobora

Em Lefebvre, a consideração da noção de espaço adquire a importância no momento em que se depara com a necessidade de esclarecer a reprodução continuada do capital na segunda metade do século XX, como momento de superação de suas crises. [...] A situação das forças produtivas, naquele momento, não se restringiria à produção de coisas, no sentido clássico do termo, mas à produção como reprodução de relações sociais, bem como à compreensão da reprodução do espaço social como necessidade do modo de produção capitalista em sua fase de realização (CARLOS, 2013, p. 57)

Para a autora, essa reprodução significa a condição necessária para as novas formas de acumulação que envolve o saber, o conhecimento, as relações sociais, as instituições, em abertura para a produção do espaço. Carlos (2013, p.57) trata a produção desse espaço através da leitura de que “num determinado momento da história, o processo de reprodução da sociedade, sob o comando do capital, realiza-se na produção do espaço”. Nesse viés, o espaço ganha, para a autora, a condição para a reprodução ampliada do capital, assegurada pelo papel do Estado regulamentador e controlador, através de novas relações de reprodução e dominação.

O caminho da pesquisa através do método de Marx permitiu pensar o espaço urbano, transformado em mercadoria, como consequência de sua (re)produção, na totalidade da produção capitalista, incorporando a mão de obra feminista neste processo. Desta forma, entende-se que o caminho metodológico que mais colabora com essa pesquisa é o dialético e a busca da compreensão da realidade está em construção no nesse lugar de pesquisa.

2.2 Mulher, trabalho, lugar e cotidiano no contexto geográfico

Para se entender o conceito de trabalho interligado à perspectiva de gênero nos estudos realizados pela Geografia, partiu-se do pressuposto marxista que apresenta o trabalho enquanto condição ontológica humana e que, sob a expansão das relações capitalistas de produção, adquire o caráter de trabalho abstrato, produtor de mais valia. O trabalho social é o produtor do espaço geográfico, portanto categoria central para se conceber os processos espaciais.

A compreensão da constituição dos sujeitos que atuam no espaço, no mundo do trabalho, implica na necessidade de observar a continuidade e rupturas do processo de humanização que ultrapassam a simples existência do/a homem/mulher que se transforma, mas que hoje chegou ao possível impedimento de sua existência, haja vista, o processo intenso de destruição do meio ambiente a partir da subsunção da vida ao lucro, afinal, a compreensão inerente às nossas análises parte do pressuposto de uma crítica radical à dualidade sociedade *versus* natureza, herdada da Geografia clássica.

Esta problematização fundante para a compreensão do conceito de lugar, deve levar em conta o trabalho, partindo do princípio de que “A paisagem criada pelo capitalismo também é vista como lugar da contradição e da tensão, e não como expressão do equilíbrio harmonioso” (HARVEY, 2005, p. 55). Destaca-se, portanto, que para que se consiga analisar o trabalho feminino no setor hoteleiro de Catalão (GO) deve-se transitar com clareza sobre os conceitos de trabalho, gênero, lugar e cotidiano, mas com o devido destaque apresentado por este autor supracitado, de que o olhar é a partir das perspectivas geográficas, algo que não foi aprofundado por Marx, já que este dava “prioridade ao tempo e à história” (HARVEY, 2005, p.142) apesar de estar de alguma forma presente na gênese da teoria da acumulação.

O trabalho como categoria central nas análises marxistas tem enfrentado negação de alguns setores que alegam inclusive o fim da sociedade do trabalho. Na Geografia, este distanciamento não é emergente como novidade das influências pós-modernas, esse campo já passou por um processo de configuração crítica com o movimento de renovação a partir da década de 1950, que se realizou criticando a Geografia praticada até então ancorada no positivismo, apresentou críticas aos dualismos e perspectivas cartesianas e defendeu a geografia crítica como uma possibilidade de análise com fortes influências da teoria marxista. Apresenta-se, então, a centralidade do trabalho:

Entendendo o trabalho como categoria ontológica da existência do ser humano, na relação metabólica sociedade – natureza, de maneira a compreender como esta

relação se torna polissêmica sob a ordem do movimento de reprodução do capital, dando à sociedade as mais variadas expressões espaciais e territoriais a partir da dinâmica do trabalho. (THOMAZ JR.; GONÇALVEZ, 2002, p. 02)

As alterações na natureza e na sociedade são possíveis pela intervenção humana que se realiza a partir da atividade criativa e criadora do trabalho, que, contudo, no modo de produção capitalista, ocorre na exploração deste potencial humano para o sistema de produção de mercadorias. Nesta relação/imposição de exploração, o/a trabalhador/a vende sua força de trabalho para conseguir se sustentar nesta sociedade em que é despossuído/a da sua própria sobrevivência. Deste processo:

“O trabalhador se torna mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias criam. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral,” (MARX, 2004, p. 80, grifos do autor)

Trazendo os conceitos teóricos-filosóficos para complexidade das transformações produtivas atuais, percebe-se esta apropriação do trabalho pelo capital, que são redimensionadas em vários níveis e lugares, e o potencial transformador é direcionado à reprodução. Harvey (2005, p. 104) provoca ao dizer: “como podem ser reconciliados esses interesses opostos?”, ou seja, como pode uma atividade criativa ser apropriada e redefinida como alienante e reprodutora? A própria condição humana, já num debate filosófico, de inerência de ação ativa e criadora, nos apresenta elementos para concordar que existe uma impossibilidade de apropriação total da condição humana pelo capital, que, infelizmente, continua se realizando, pois, “a democracia burguesa sobrevive apenas com o consentimento da maioria dos governados” (HARVEY, 2005, p. 87).

Essa forma de assunção dos ideários capitalistas por parte da maioria oprimida que carece de comprar sua sobrevivência decorre do caráter perverso e polifônico do capital, que se utiliza da opressão, da expropriação/espoliação e dominação de classe, como aponta Alves (2016) para sua manutenção. Nesse sentido, a opressão de gênero é “uma das múltiplas formas de alienação da vida” e reprodução do capital. É uma “manifestação primordial do estranhamento social do capital” (ALVES, 2016, p. 269) que se realiza no próprio processo de constituição do capital, e se desenvolve na medida em que precisa se reinventar, para novos ciclos de acumulação, como no caso do processo de industrialização inglesa, objeto de análise de Marx, que conclui:

Por mais terrível e repugnante que pareça ser a decomposição da velha estrutura familiar dentro do sistema capitalista, a indústria moderna cria, apesar disso, com papel decisivo que reserva às mulheres, aos adolescentes e aos meninos de ambos os sexos, nos processos de produção socialmente organizados, e fora da esfera familiar, o novo fundamento econômico para uma forma superior da família e das relações entre os sexos. (MARX, 2011, p. 100)

Ao mesmo tempo em que esta opressão à época foi critério fundamental para o desenvolvimento do capital, podemos fazer uma leitura do contraditório e trazer esta reflexão para o campo do conceito de trabalho. A própria composição das relações humanas fica reduzida a um apelo natural que desconsidera a relação construída socialmente sobre o que é ser homem, ser mulher, enfim, ser humano nos termos de Alves (2016) é “possível avaliar o tornar-se humano ou desumano do homem pelo caráter da relação do homem com a mulher, que revela, até que ponto o homem se constitui como ser verdadeiramente humano” (p. 270) retomando assim a compreensão da dimensão do trabalho como critério de humanização.

2.2.1. Sobre o conceito de gênero na Geografia

Algumas inquietações atacam geógrafas feministas, que levam a questionamentos sobre a relação trabalho, espaço e gênero. De maneira geral a abordagem geográfica tem demonstrado certa nebulosidade quanto às análises do papel feminino na organização do espaço, pois acredita-se haver um desinteresse político por parte dos/as pesquisadores/as, considerando a limitada produção científica referente à Geografia e gênero, levando à seguinte pergunta: *de que forma as mulheres produzem e ocupam o espaço?* Percebe-se com este estudo, que ainda há grande necessidade em contemplar o conceito de gênero como uma das categorias que auxiliam na explicação da produção do espaço e, também, como bem coloca Silva (2003, p.32) “para romper a perspectiva andrógena na produção do conhecimento geográfico”.

Observa-se ao longo da produção da ciência geográfica que ela é hegemonicamente, uma ciência masculina, como a maioria das ciências. Por isso, de acordo Silva (2003, p. 33) existe a importância do conceito gênero enquanto ferramenta teórica para a produção do conhecimento geográfico, considerando que esta ciência “está ligada ao androcentrismo³ e,

³ Propensão a estabelecer o paradigma masculino como exclusivo representante do geral. Supervalorização do pensamento masculino. Termo diretamente ligado ao patriarcado. Inclui apenas a perspectiva masculina na história e minimiza a importância e contribuição das mulheres. Fonte: www.michaelis.uol.com.br. Acesso em: 15 abr. 2018.

assim, justificada a relativa dificuldade de se instituir uma análise do espaço atrelada a perspectiva feminina”.

Ao enxergar a mulher enquanto sujeito social, apresenta-se a necessidade da inclusão do conceito de gênero enquanto um objeto de estudo da Geografia, como posição política e estratégica de torna-lo visível no campo dessa ciência. A identidade feminina se trata de um agente importante na compreensão do espaço, pois permite o compromisso de abordar questões referentes às relações de poder e hierarquia, onde diferenças entre homens e mulheres estão posicionadas e são compreendidas à luz das relações de poder numa sociedade marcada historicamente pelos processos de exploração e dominação, intrínsecos ao patriarcado. De acordo com Beauvoir (1970, p. 177),

A História mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como *Outro*. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. Desde que o sujeito busque afirmar-se, o *Outro*, que o limita e nega, é-lhe, entretanto necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é. (grifo nosso)

Dessa forma, dialogando com outra autora feminista, estudiosas de gênero, este conceito pode ser entendido, segundo a definição de Scott (1990, p.14), como “uma conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos (gênero) é a maneira primordial de significar relações de poder”. Para a Geografia na perspectiva feminista, o estudo das relações de gênero tem como objetivo, conforme aponta Costa (2013, p. 1), “colocar no centro da produção espacial as relações de exploração e submissão resultantes de uma relação de gênero em que o patriarcado estabelece uma prática socioespacial que segrega milhares de mulheres em todo o mundo”.

Além disso, é importante situar que o gênero não possa ser estudado separado de idade, classe e raça, pois estes elementos são interdependentes, alvo de disputas de poder e fazem parte das lutas e práticas diárias na relação entre grupos sociais e o espaço. A composição da classe trabalhadora “não é uma massa homogênea” (CISNE, 2014, p. 27), ela tem raça, etnia e sexo. Sendo assim, “as práticas estão imbuídas no mesmo espaço com diferentes significados e distintos tempos” (SILVA, 2003, p. 37). Portanto, a abordagem de gênero “exige uma relação entre o universo micro e macro, envolvendo as relações de caráter familiar e social e, portanto, a análise do espaço privado e o público”. (SILVA, 2003, p. 41)

Para falar sobre as mulheres que arrumam os quartos e prestam diversos serviços básicos nos hotéis de Catalão (GO), a categoria trabalho é trivial para dialogar com a questão de gênero nos estudos geográficos, pois, em tempos onde a mulher tem ocupado cada vez mais o mercado de trabalho, a ideia de emancipação contrapõe-se com a realidade precária das relações de trabalho fundadas sob as bases do patriarcado, sob a forma de poder, densamente, exercida e nos espaços público (externo) e privado (do lar).

Raffestin (1993, p.52) elucida que “o poder é parte intrínseca de toda relação” e através do olhar voltado para uma Geografia feminista se entende as multidimensionalidades das relações de poder, através da essência das práticas socioespaciais, da produção do espaço por homens e mulheres e outras identidades, avançando na compreensão das relações de submissão e contribuindo para a revisão do poder estabelecido (COSTA, 2013). Logo,

Toda relação é o ponto de surgimento do poder, e isso fundamenta a sua multidimensionalidade. A intencionalidade revela a importância das finalidades, e a resistência exprime o caráter dissimétrico que quase sempre caracteriza as relações. (RAFFESTIN, 1993, p.53)

Relações sociais se especializam como práticas socioespaciais (CARLOS, 2013) produzindo um espaço marcado por relações desiguais e de poder que são estabelecidas pelos/as sujeitos/as e pelas classes sociais ao longo da História. No espaço do lar, a família individual monogâmica e patriarcal reproduz a mesma lógica de dominação exercida pelo capital sobre o proletariado, Engels (2011, p.109) nos esclarece,

O governo do lar perdeu seu caráter social. A sociedade já nada mais tinha a ver com ele. O governo do lar transformou-se em serviço privado; a mulher converteu-se na primeira criada, sem participação na produção social. Só a grande indústria dos nossos dias lhe abriu de novo - embora apenas para a proletária - o caminho da produção social. Mas fê-lo de maneira tal que se a mulher cumpre os seus deveres domésticos no seio da família, fica excluída do trabalho social e nada pode ganhar; e se quer tomar parte na indústria social e ganhar a sua vida de maneira independente, lhe é impossível cumprir com as obrigações domésticas. Da mesma forma que na fábrica, é isso o que acontece à mulher em todos os setores profissionais, inclusive na medicina e na advocacia. A família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais.

Nesse viés, Cisne (2014) acrescenta que existem múltiplas formas de alienação que permeiam as relações sociais e humanas, para além da alienação econômica. Uma delas é a alienação entre os sexos que consiste na opressão das mulheres pelos homens, e está na origem da sociedade de classes. Entende-se que esses antagonismos não se tratam de uma determinação natural, mas para “atender aos interesses dominantes de garantia e reprodução

da propriedade privada, bem como da força de trabalho” (CISNE, 2014, p.25). Por isso, é importante que se mantenha, dentro das bases capitalistas, o modelo da família tradicional burguesa, onde o homem é provedor, trabalhador primário e a mulher a cuidadora, trabalhadora secundária, que apenas “complementa” a renda familiar, pois, através desta instituição, as relações de poder entre os sexos continuam a se perpetuar para que se assegure a manutenção da propriedade privada e dos papéis de gênero socialmente estabelecidos, fortalecendo a divisão sexual e territorial do trabalho.

A inserção massiva da mulher no mercado de trabalho possui um caráter contraditório, pois, ao passo que significou um avanço em direção à emancipação financeira da mulher e a oportunidade de minimizar as formas de dominação patriarcal no espaço doméstico, significou também a precarização da vida cotidiana através da exploração da sua força de trabalho pelo sistema capitalista, em caráter desigual, condicionando as mulheres a estarem mais vulneráveis a viver na pobreza. Um relatório recente da OXFAM (2017)⁴ revela alguns elementos que caracterizam a desigualdade de gênero no mundo do trabalho, entre eles:

- **Baixos salários:** atualmente em todo o mundo, a diferença salarial entre homens e mulheres ainda é de 23%. Seguindo esse ritmo, seriam necessários 170 anos para equiparar essa diferença.
- **Carência de empregos dignos:** 75% das mulheres que vivem em regiões em desenvolvimento trabalham sem contrato formal, carecem de direitos e não possuem acesso à seguridade social. Mantendo-as na condição de pobreza. Estima-se que 600 milhões das mulheres estejam nas formas mais inseguras e precárias de trabalho.
- **Trabalhos domésticos não remunerados:** o trabalho não remunerado é ocupado pelas mulheres entre duas e dez vezes mais que os homens, como tarefas domésticas e o cuidado com as crianças. Estima-se que esse trabalho contribua para mais de 12% do PIB mundial.
- **Jornadas de trabalho mais longas:** as mulheres trabalham mais horas no dia que os homens quando somados os trabalhos remunerado e não remunerado. Dessa forma, nos dias atuais, uma jovem trabalhará, em média, 4 anos a mais que um homem ao longo de sua vida.

Essa condição se arrasta por todo o processo do desenvolvimento capitalista, mantendo as mulheres à margem do sistema produtivo de bens e serviços da sociedade de classes. No âmago da sociedade capitalista, desde seu aparecimento, a mulher conta com a

⁴ Fonte: www.oxfam.org.br/noticias/por-que-ha-mais-mulheres-que-homens-pobres-no-mundo. Acesso em: 14 mar03. 2018.

desvantagem social, levando-a a uma profunda desigualdade de gênero, que ocorre, segundo Saffioti (2013, p. 65),

No nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção.

Essas desvantagens permitiram à sociedade capitalista, desde sua formação até os tempos atuais, arrancar das mulheres proletárias/trabalhadoras “o máximo de mais valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos” (SAFFIOTI, 2013, p. 67).

A formação e desenvolvimento da sociedade capitalista em geral são acompanhados pela marginalização da mulher, pois a força de trabalho feminina é empregada em grandes proporções em diferentes épocas da constituição da sociedade de classes. Isso quer dizer que, o recurso ao emprego denso da força de trabalho feminina tem-se revelado extremamente vantajoso para os empreendedores capitalistas, sempre que haja necessidade iminente de baixar os custos da produção, seja pela necessidade de elevar seu ritmo de crescimento econômico, seja em virtude de atravessar a sociedade o período de acumulação originária, devido à sua desvalorização histórica.

É a partir dessa leitura histórica e socioespacial que buscamos compreender a construção do direito à diferença, isto é, através das respostas ao questionário proposto e registros feitos no diário de campo, como as trabalhadoras dos hotéis de Catalão (GO) percebem, vivem e concebem essa diferença no mundo do trabalho e no espaço doméstico (COSTA, 2016), como as desigualdades de gênero impostas a elas impactam no seu cotidiano, condicionando-as a precarização da vida, fruto de uma condição historicamente construída, que dificulta sua emancipação plena, fazendo-as transitarem pelas misérias e riquezas do mundo do trabalho.

2.2.2 O lugar no mundo e o mundo no lugar

A mundialização do capital atingiu todos os continentes, por isso, esse processo característico da globalização tem se mostrado como um novo paradigma para a compreensão do mundo moderno, haja vista que esta permeia nosso cotidiano e nossa vida. A sociedade contemporânea é cada vez mais urbana marcada pelo elo entre o real e o virtual, o local e o

mundial. No entanto, para além da dimensão econômica desse processo, contrapondo a noção de mundialização, Carlos (2007) nos conduz a refletir sobre a sociedade urbana em constituição, sobre a construção de novos valores, do modo de vida e identidade que cada vez mais passam a ser mediados pela mercadoria.

Quando pensamos a partir do plano do lugar, há possibilidade de compreendermos a racionalidade inerente ao processo de acumulação, ligadas cada vez mais a produção de um novo espaço, nova divisão e organização do trabalho, produzindo modelos de comportamento e consumo que norteiam a vida cotidiana. Porém, ao mesmo tempo em que essa lógica se aparenta homogeneizante, caminha progressivamente o processo de fragmentação do espaço e da sociedade.

As múltiplas dimensões do ser humano nos levam ao movimento da contradição, criando possibilidades para resistir/intervir no mundo de hoje e contrapor a normatização dos sujeitos e dos espaços frente ao mundo globalizado. Por isso, é fundamental para a/o geógrafa/o saber pensar o espaço, pois a partir disso há possibilidade de pensar o homem e a mulher por inteiro em sua dimensão humana e social (SANTOS, 1998). O entendimento da realidade urbana generalizada no mundo moderno conduz a constituição de uma nova problemática espacial, as novas relações espaço/tempo (CARLOS, 2007).

Considerando que a reprodução das relações sociais se dá fora das fronteiras do lugar específico, as novas transformações do processo produtivo levam a comportamentos e valores construídos a partir da constituição do cotidiano. Ao pensar o espaço, entende-se que as estratégias da reprodução se realizam nele e através dele, Carlos (2007, p.13), diz que “no espaço se encontram a brecha objetiva (socioeconômica) e subjetiva (poética)”, num movimento dialético e contraditório de estranhamento (àquilo que produz para atender a lógica determinante do mercado) e o reconhecimento (que se refere à subversão da lógica homogeneizante do capital), onde se inscrevem as diferenças da maior a menor e o espaço torna-se o lugar e o meio das diferenças, “obra e produto da espécie humana” (CARLOS, 2007, p.14).

Ao pensar a relação com tempo dentro do mundo globalizado, o percurso passa a ser outro, a julgar pela redução cada vez maior do tempo pelo espaço através das redes tecnológicas. No entanto, as distâncias continuam a serem percorridas pelas mercadorias, fluxos de pessoas e capitais, por estradas, trilhos das ferrovias, por satélites e/ou cabos de fibra ótica. Atualmente, é inegável a tendência à compressão do tempo e sua vultosa redução que ocorre graças à ciência e a tecnologia no processo produtivo.

É preciso compreender as novas relações entre espaço e tempo para que possamos alcançar a leitura do lugar, este, de acordo com Carlos (2007), é onde se materializa a globalização, onde se vive e onde se realiza o cotidiano em sua plenitude. O mundial redefine seu conteúdo, mas sem anular suas particularidades e a partir dessa afirmação que capturamos as riquezas da vida cotidiana, ou seja, nas particularidades e nos detalhes.

Pensar o processo de mundialização do lugar nos permite entender a produção do espaço atual que é também um processo de reprodução da vida humana. O lugar permite pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo e todos os processos de apropriação do espaço, preenchido por múltiplas opressões. “O lugar guarda em si seu significado e dimensões da vida” (CARLOS, 2007, p.19) e pode ser capturado pela memória, através dos sentidos e do corpo, produzindo-se a partir da articulação contraditória entre o mundial e o particular.

Carlos (2007), apresenta a necessidade de se redefinir o conceito de lugar na Geografia diante do controverso processo de globalização que homogeneiza o lugar deixando escapar suas singularidades. A partir dessa leitura, propôs-se a pensar em outra realidade explicativa com base na dupla questão de lugar apontada por Milton Santos (1998): o lugar visto de dentro e de fora. Para o geógrafo, compreender essa dualidade é preciso se atentar: a densidade técnica (se refere à velocidade e qualidade da produção), a densidade informacional (como se chega à informação e/ou o serviço) densidade comunicacional (pessoas interagindo) e também a densidade normativa (papel das normas em cada lugar).

O vínculo entre o “fora e dentro” do lugar, ainda de acordo com Carlos (2007), está na dimensão histórica que entra e se realiza na prática cotidiana, pois esta dimensão se instala no vivido e produz o conhecido-reconhecido. A dimensão histórica particular de cada lugar se refere à tradição cultural, a língua e aos hábitos e está diretamente articulada com o que vem de fora. Nesse sentido, o lugar é à base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade: habitante-identidade-lugar, sendo assim, a cidade se revela no plano da vida e do indivíduo, ou seja, no plano do local.

A relação dos sujeitos com os espaços habitados se exprime nos modos de uso desse espaço, “é o espaço passível de ser entendido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”. É através do corpo que é possível perceber o mundo, e “o lugar é porção do apropriável para a vida” (CARLOS, 2007, p. 7). O corpo nos dá acesso ao mundo, é por ele que o homem e a mulher habitam e se apropriam do espaço através dos diferentes modos de uso. Dessa forma,

Corpo não é entendido como algo dado, mas como um processo. Isso porque o corpo do ser humano está sempre em contato com o ambiente. Sua anatomia, suas ações, suas funções são indissociáveis de sua espacialidade e, assim sendo, não existe corpo sem espaço, mas uma unidade complexa. (SILVA, 2009, p. 128)

No entanto, um elemento invisível e determinante que vale ressaltar e que Silva (2009) nos expõe, é que há uma categorização de corpos sobre um padrão hegemônico que lhes atribuiu papéis sociais a serem desenvolvidos, instituindo uma forte carga naturalista no seu desempenho, “Aos sujeitos femininos se atribui o desempenho da maternagem, passividade, docilidade, fragilidade e emoção. Ao sujeito masculino, agilidade, força, agressividade, astúcia e raciocínio” (SILVA, 2009, p.123). Essa categorização característica do pensamento binário e hierarquizado é expressa nos atos da vida cotidiana e gera consequências na estruturação das práticas das relações sociais impactando também nas relações espaciais. Os espaços habitados dentro da cidade dizem respeito ao seu cotidiano e as múltiplas formas de existências expressas através da pluralidade de movimentos e *performances* corporais e materializadas no plano do lugar, por exemplo, quando as pessoas se locomovem até o trabalho ou até ambientes de lazer, cultura, organização social, etc., e como interagem e ocupam os espaços vividos, se referem à rua, a praça, ao bairro, enfim, ao espaço físico enquanto estrutura.

Seguindo a dialética do contraditório, contrariamente à dinâmica veloz e tecnológica do processo produtivo, o ritmo humano pode fugir do tempo da técnica. Esta vem implicando profundas transformações no processo produtivo, nos meios de comunicação, nos espaços em redes e os fluxos se tornaram cada vez mais densos, ultrapassando fronteiras e transformando as relações espaço-tempo.

Harvey (2005) aponta, como já mencionado neste trabalho, a tendência de “eliminação” do tempo decorrente do aprimoramento do meio técnico-científico-informacional, no entanto ressalva ser impossível a eliminação do espaço, tendo em vista que “os fluxos materiais e imateriais se deslocam num espaço concreto”. (CARLOS, 2007, p.21). A relação local/mundial ocorre através do fluxo de informações contínuo e ininterrupto, assim, o lugar se redefine pelo estabelecimento e/ou aprofundamento de suas relações numa rede de lugares. O mundial não suprime o local, ele se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e especificidade histórica do particular. Deste modo,

“O *lugar* se apresentaria como o *ponto de articulação* entre a mundialidade em construção e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. É no lugar que se manifestam desequilíbrios, situações de conflito e as tendências da sociedade que se volta para o mundial”. (CARLOS, 2007, p. 22, grifos da autora)

Portanto, é preciso pensar o lugar enquanto construção social, pensar o viver, o habitar, o uso, o consumo e os processos de apropriação do espaço. Isso, porque o habitar envolve a reprodução do urbano enquanto lugar da vida, onde as práticas sociais se materializam, mesmo sob a lógica do capital homogeneizante, que coopta e programa a cidade e apresenta práticas que fogem a essa lógica, subvertem e reinventam o mundo invertido (COSTA, 2010). Um lugar que compreendemos carecer de conceituação e olhar atencioso tendo em vista o alerta de Harvey (2005) de que “a reprodução da força de trabalho não está sob o controle direto do capitalista” (p. 135). Nesse sentido, Carlos (2007, p.14, grifo nosso) conceitua:

Aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no **lugar** se vive, se realiza o **cotidiano** e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem, todavia, anularem-se as particularidades.

Complementando assim, “O lugar permite pensar a articulação do local com o espaço urbano que se manifesta como horizonte” (CARLOS, 2007, p.14). Nesse sentido, essa pesquisa teve como caminho, a partir da análise da realidade concreta dos dados obtidos sobre as trabalhadoras, pretender alcançar o cotidiano laboral dessas mulheres e compreender as nuances contidas nas práticas socioespaciais que configuram a dinâmica da cidade de Catalão (GO), enquanto espaço globalizado.

2.3 O lugar Catalão (GO) e suas configurações espaciais

Seguindo a base teórico-metodológica apresentada nos subtópicos anteriores, busca-se identificar as especificidades do lugar para alcançar sua totalidade, para tanto, atenta-se em caracterizar a cidade (lugar) de Catalão (GO). Por se tratar de um trabalho geográfico considera-se importante a apresentação de informações técnicas referentes ao município, como dados básicos territoriais e populacionais dispostos a seguir. O Mapa 1 se refere à sua localização geográfica com destaque para microrregião de Catalão e as principais rodovias que interligam o município a importantes centros urbanos. Almeja-se após análise dos processos históricos e materiais, conhecer sua formação socioespacial para auxiliar na percepção da sua configuração espacial e interpretar sua concretude a partir da sua trajetória de (re)produção do espaço urbano.

A microrregião de Catalão (GO) localiza-se na porção sudeste do estado e é formada por 11 municípios, sendo a única sede com mais de 20 mil habitantes, contabilizando 102.393

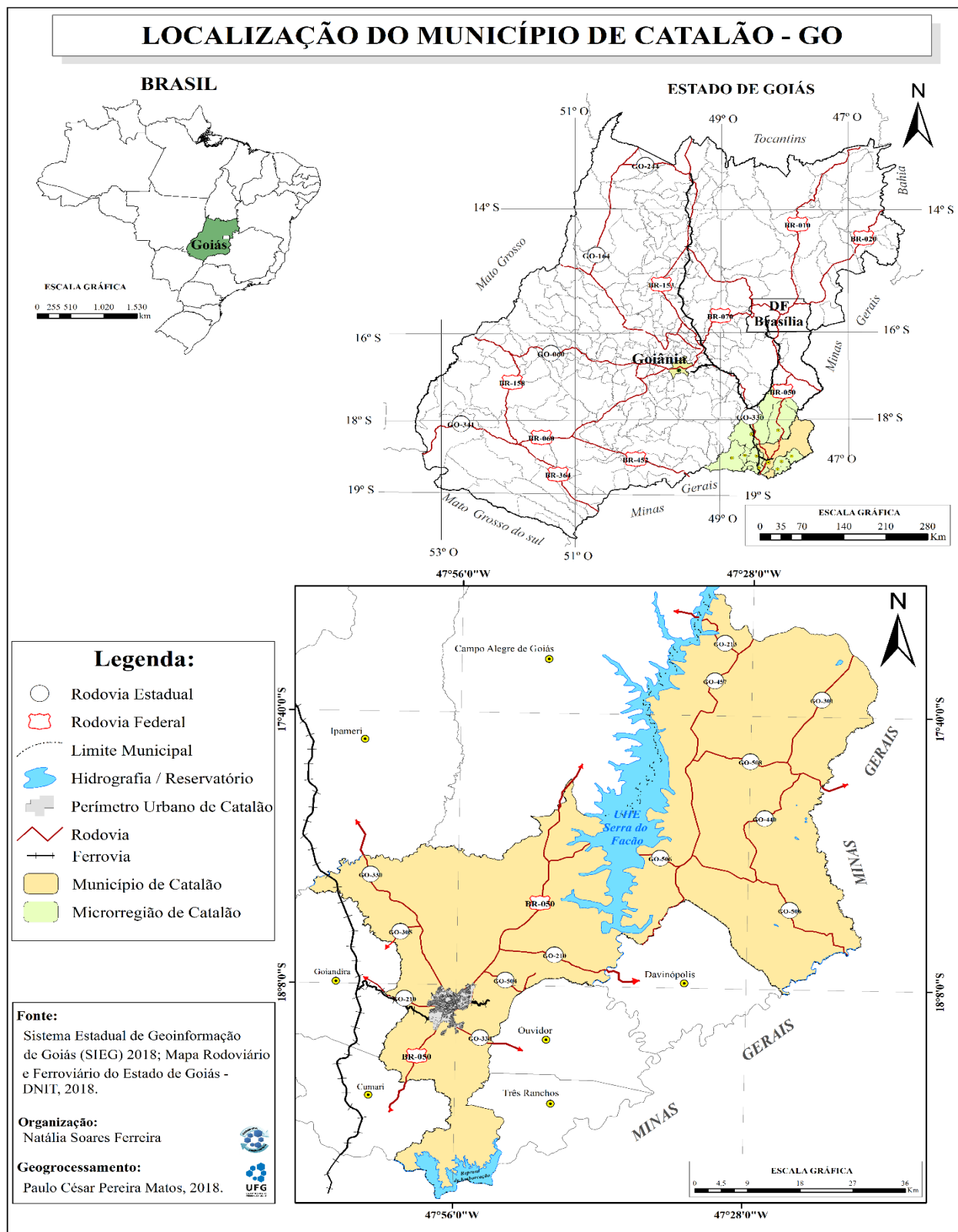
mil habitantes, segundo estimativa do IBGE para o ano de 2017⁵. Compõe geograficamente a mesorregião do Sul Goiano⁶ e abrange uma área de 3.778Km² (IBGE, 2010), sua microrregião é composta pelas cidades: Catalão, Ipameri, Corumbáiba, Campo Alegre de Goiás, Ouvidor, Goiandira, Cumari, Três Ranchos, Nova Aurora, Davinópolis, Anhangüera⁷. Sua sede está em uma malha rodoferroviária composta pela BR-050, GO-330 e a ferrovia Centro-Atlântica (FCA), importantes redes de transporte para o município, pois se conectam com grandes centros econômicos do país, como Uberlândia (MG) – 100 km, Goiânia (GO) – 260 km, Brasília (DF) – 305 km, São Paulo (SP) – 690 km. Na Figura 1 é possível identificar sua localização e distribuição das principais rodovias e ferrovias:

⁵ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/catalao/panorama>. Acesso em: 10 out. 2017.

⁶ Segundo Silva (2010, p.251 apud Deus, 2002b, p. 182-183) “As microrregiões que integram essa mesorregião – Sudoeste de Goiás, Vale dos Bois, Quirinópolis, Meia Ponte, Pires do Rio e Catalão – comportam os maiores polos não metropolitanos do território goiano, à exceção de Anápolis”.

⁷ Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-catalao.html>. Acesso em: 10 out. 2017.

Mapa 1 – Catalão (GO): Localização Geográfica (2018)



Para a compreensão do processo de expansão do setor hoteleiro na cidade de Catalão (GO) é preciso ser feita uma síntese das transformações socioespaciais que levaram a sua

microrregião ao destaque na economia regional, os elementos ali instalados, foram determinantes para a organização desse espaço.

A reestruturação produtiva, na década de 1970, impulsiona o capital a “se instalar em regiões com condições ou potencialidades para transformar em polo industrial” (PEREIRA, 2014, p.115). Para tal, as estratégias adotadas pelo capitalismo são: a produção enxuta por meio das mudanças tecnológicas; a busca por novos nichos de mercado que garantam produtividade e redução de custos; o controle do trabalho mais fácil, bem como abertura de mercados consumidores e produtores nos países em desenvolvimento, estabelecendo novas relações no território (COSTA, 2010).

Na perspectiva do local, ou seja, do conjunto de estruturas espaciais em Catalão (GO), houve uma unificação de forças econômicas e políticas para criar as condições necessárias de atração desse capital. Alguns aspectos marcaram sua ocupação demográfica e econômica, como a construção de Brasília, entre os anos 1950 e 1960 e a pavimentação da BR-050, que ligam Brasília a São Paulo, aumentando o fluxo de pessoas em trânsito pela região e atraindo moradores/as dos municípios próximos e de outras regiões, principalmente Minas Gerais (PEREIRA, 2014). Posteriormente, na década de 1970, instalam-se em Catalão importantes obras no setor de transportes, associadas ao estímulo da atividade minerária e a modernização da agricultura no Cerrado intensificando o processo de urbanização e o crescimento populacional acima da média nacional.

A indústria do transporte é considerada pontualmente produtora de valor, pois, economicamente, a circulação do produto até o mercado faz parte do próprio processo de produção e sua condição de produto acabado se consolida quando este chega até o mercado (HARVEY, 2005). Os meios de transporte e comunicação são considerados capitais imobilizados, pois são produzidos e consumidos, ao mesmo tempo, no momento do seu uso.

Toda a cadeia de circulação até o mercado consumidor é sensível aos custos do transporte, portanto, estes precisam ser reduzidos, aperfeiçoando o transporte e tornando-o mais rápido e barato. Dessa forma é possível conseguir o barateamento de matérias-primas e a expansão geográfica do mercado. A obrigatória acumulação implica consequentemente na esmagadora superação das barreiras espaciais.

A produção capitalista de forma barata e rápida na comunicação e no transporte permite a realização do produto direto em grandes quantidades e para mercados distantes, ao mesmo tempo, em que novas condições de realização do trabalho são impulsionadas pelo capital. Harvey (2005) indica a relevância dessas relações pela “anulação do espaço pelo tempo”, assim, “qualquer redução o tempo de circulação aumenta a produção do excedente e

intensifica o processo de acumulação. O aumento da velocidade de circulação do capital contribui para o processo de acumulação”. (HARVEY, 2005, p. 50)

Assim, é possível serem identificadas nas mudanças da estrutura capitalista um reassentamento dos locais e mercados de produção, como consequência das transformações dos recursos de transporte. Essa nova estrutura espacial não é um processo livre de contradições, pois a “redução das distâncias pelo tempo”, entre locais de produção e mercados provoca a “deterioração de antigos centros de produção e a ascensão de novos centros” (HARVEY, 2005, p.50).

A cidade recebeu investimentos dos setores público e privado para a produção mineral, principalmente na década de 1970, através da exploração de minérios como fosfato, nióbio e calcário, pelas empresas Vale S/A (antiga “Ultrafértil” e “Goiás Fértil”), Mineração Catalão de Goiás e Copebrás que ampliaram e intensificaram suas atividades até os dias atuais, contribuindo, significativamente, para o aumento da migração para a região. A modernização da agricultura também contribuiu para o aumento da urbanização, considerando o aumento dos latifúndios mecanizados – ocupando lugar das pequenas propriedades, transformando o campo e a cidade (COSTA, 2010) e intensificando as atividades comerciais relacionadas ao agronegócio.

A partir dos anos 1970, as relações de trabalho e produção passam a refletir de forma globalizada, a reestruturação produtiva do capital se fortaleceu, no Brasil, após 1980 e algumas mudanças nas relações de trabalho e produção começam a ganhar força por todo o país. O princípio da acumulação do capital, lógica inerente de sua reprodução espacial, passa a se articular com outras formas de produção modernas, como condição de sua expansão em escala mundial, configurado ao que Harvey (1992) chama de acumulação flexível, marcada pela “flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (HARVEY, 1992, p.140).

O caráter industrial de Catalão (GO) decorrente do processo de reestruturação do capital na região é bem definido, devido à instalação das mineradoras e consequente das montadoras automobilísticas – automóveis e máquinas agrícolas - na década de 1990, que “tiveram início em Goiás através da implementação da MMC Automotores Brasil S.A na cidade de Catalão (GO)” (SILVA, 2010, p.135). Silva (2010) aponta que

O contexto que trouxe a montadora para terras goianas é permeado por diversos fatores que vão desde o poder das elites políticas locais até os incentivos fiscais concedidos pelo Estado com o objetivo de atrair montadoras automobilísticas para a região Centro-Oeste. (SILVA, 2010, p. 135)

Com isso, Catalão (GO) passa de uma economia agropastoril para uma economia industrial aliada a novas formas de produzir mediante os novos processos de produção agrícola e da indústria. O novo perfil produtivo possibilitou o crescimento da cidade tanto no aspecto econômico quanto no social e na própria malha urbana, desencadeando o crescimento do setor terciário, a ampliando a atuação do setor hoteleiro.

A disponibilidade para extração de minérios, a rede de infraestrutura disponível, subsídios oferecidos pelos governos estadual e federal foram elementos fortes que atraíram as indústrias. A montadora automobilística Mitsubishi (MMC) e a de máquinas agrícolas John Deere, se instalaram no município em 1997, fato este que não ocorreu de forma aleatória, mas sob a influência das ferrovias que de acordo com Lima (2015, p. 124) “impulsionaram não só o crescimento urbano, mas também foram responsáveis por criar uma nova dinâmica econômica uma vez que, agora, havia facilitado o escoamento da produção goiana”. Esse processo promoveu o adensamento territorial, tornando Catalão (GO) um local atrativo para a reprodução do capital.

Com a intensificação dos setores industrial e da agricultura, há uma expansão no setor terciário, principalmente a partir da década de 1990. O acelerado crescimento local proporciona o aumento dos postos de trabalho desse setor, especialmente, no comércio e serviços. Frente à essa dinâmica, o setor hoteleiro ganha fôlego com a abertura de 19 estabelecimentos durante o período de 1990 a 2010, dentre os 24 estabelecimentos ativos na cidade de acordo com a pesquisa de campo realizada.

A cidade dispõe de um complexo industrial de suma importância para a região do sudeste goiano, voltado para a exploração de minérios, montagem de veículos e agroindústrias. São empresas de influência no mercado financeiro, com grande participação no PIB local e estadual, sendo o 5º maior de Goiás (SEGPLAN, 2016), e importantes para a geração de empregos, impulsionando força também ao crescimento do setor hoteleiro, haja vista que a maior parte dos hóspedes dos hotéis são (homens) representantes comerciais e de negócios além de empresários que se hospedam majoritariamente durante a semana⁸. Portanto, o foco do setor hoteleiro local trata-se de “negócios”.

Catalão (GO) pode ser caracterizada como uma cidade média devido suas relações econômicas bem desenvolvidas em diversos setores, além de suas características territoriais e populacionais estabelecidas. O crescimento populacional de Catalão é evidenciado quando comparado a sua microrregião geográfica, e com isso houve também crescimento de 51,84% no emprego formal entre os anos de 1998 a 2007, conforme mostra Pires (2009, p. 149). Ao

⁸ Informação obtida em Pesquisa de campo.

analisar o crescimento do setor hoteleiro em Catalão, visualizamos transformações socioespaciais que “alcançam significado regional, nacional, e em algumas instâncias até internacional” (PIRES, 2009, p. 161). Percebemos essa representatividade no mercado global frente à instalação das empresas multinacionais no setor secundário e no setor terciário com os empreendimentos hoteleiros IBIS (rede internacional) e Bristol (rede nacional).

Os antecedentes da estrutura econômica e a localização estratégica do município influenciaram diretamente as alterações nas relações de trabalho diante do reordenamento produtivo do capital. Portanto, não é possível dissociar as atividades do capital das mudanças nas relações de trabalho em Catalão (GO), pois, mesmo com todo aparato tecnológico investido, fruto da incorporação do meio técnico-científico-informacional no modo de produção global, o trabalho ainda está presente em todas as relações de produção.

A flexibilização, no mundo do trabalho, em Catalão (GO) ocorre de diversas maneiras, como por exemplo, o aumento da instalação de empresas terceirizadas⁹, com novos sistemas contratuais tipicamente precários que podem levar à retomada da informalidade. Trabalhadores/as oriundos de cidades vizinhas (ou dormitórios) que vem para a cidade em busca de mais oportunidades, os trabalhos temporários – conforme demanda produtiva –, em tempo parcial, e a intensificação da mão de obra feminina em diversos setores, entre eles o hoteleiro, contribuem para que haja transformações no espaço urbano e reconfiguram as suas estruturas socioespaciais.

Tanto no âmbito nacional quanto no local é possível identificar um aumento cada vez maior de espaços ocupados por mulheres, em Catalão (GO), a População Economicamente Ativa (PEA) do sexo feminino, segundo IMB (2016), que corresponde a 45%, ou seja, elas representam 61% das pessoas desocupadas no município. Fato que aponta sobre o questionamento em relação de que essas mulheres estarem, em sua maioria, ocupando postos de trabalho em condição de informalidade. Esses dados nos colocam a necessidade de entender qual papel dessas trabalhadoras na (re)produção do urbano e como as relações sociais e econômicas desiguais alcançam seu cotidiano e transformam sua realidade, mantendo-as na condição de precariedade.

⁹ Para Costa (2016, p.220), “O processo de terceirização é uma estratégia adotada principalmente para “enxugar” setores de grandes indústrias como o de limpeza, vigilância, alimentação, manutenção de áreas externas, divulgação dos produtos da indústria, atendimento ao consumidor, entre outras funções”. Embora nenhum dos hotéis ainda tenha aderido à terceirização para suas contratações, em 2012 a Prefeitura Municipal de Catalão registrou “3.337 empresas terceirizadas, empregando 5.000 trabalhadores/as na cidade em vários seguimentos da prestação de serviços” (Op. Cit., p.220).

3 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO CAPITAL, (RE)PRODUÇÃO DO URBANO E O SETOR HOTELEIRO EM CATALÃO (GO)

“Antigamente as grandes nações mandam seus exércitos conquistar territórios e o nome disto era colonização. Hoje as grandes nações mandam suas multinacionais conquistar mercados e o nome disto é globalização”.

Milton Santos

A discussão teórico-metodológica utilizada nessa pesquisa foi articulada com elementos gerais trazidos, no primeiro capítulo, e contribui para o aprofundamento da realidade do setor hoteleiro da cidade de Catalão (GO) de forma dialética, encadeia e identifica os elementos do âmbito macro (global) com os presentes no âmbito micro (local). Isso quer dizer que, o caminho percorrido até aqui dá o suporte teórico suficiente para o adentrar nas especificidades locais que este estudo se propôs apresentar.

Nesse movimento, busca-se contextualizar a reestruturação produtiva do capital e as mudanças no mundo do trabalho, compreender como ela viabiliza/contribui para a (re)produção do espaço urbano e como essas mudanças se relacionam com o setor hoteleiro em Catalão (GO). A partir dos dados levantados nos questionários aplicados nas empresas (16 hotéis), os registros no diário de campo e os dados compilados em fontes secundárias sobre o setor hoteleiro na cidade e no país (Brasil), identifica-se fundamentos que caracterizam o crescimento desse setor hoteleiro em Catalão, a sua relação com a expansão urbana e os fluxos econômicos que direcionam as atividades deste setor.

O espaço urbano é produto das relações sociais, historicamente, determinadas e estas são orientadas, paradoxalmente, pelas necessidades econômicas e políticas existentes no referido espaço. Assim, a reprodução do espaço urbano torna-se condição, meio e produto da reprodução da vida social (CARLOS, 2013). Buscou-se apreender as distintas funções desempenhadas pela cidade de Catalão (GO) em diferentes épocas, resgatando o processo responsável pelas suas características atuais. Tal realidade pode ser interpretada através das categorias de forma, função, estrutura e processo, enquanto método que objetiva decompor e recompor a totalidade, interpretando assim o espaço geográfico.

Para conhecer o atual contexto da reprodução capitalista em Catalão (GO), partiu-se do entendimento do objeto central de análise na Geografia crítica: o espaço. O espaço

geográfico está em constante movimento, essa dinâmica ocorre devido à transformação da sociedade global em sua multiplicidade ao longo da História, fruto de determinações relacionadas a objetos sociais pré-existentes que se adaptam ou readaptam em um movimento constante e dialético (SANTOS, 1998).

Ao considerar a importância das bases filosóficas para a compreensão de uma teoria válida do espaço, Santos (1998, p.15) certifica que “deve considerar que a realidade se renova cotidianamente” e “o espaço não é um pano de fundo impassível e neutro”. Nesse sentido, é preciso olhar para a dialética entre a forma e o conteúdo do espaço, sendo este um “conjunto indissociável do arranjo de objetos geográficos, naturais e sociais conjuntamente àquilo que lhes dá vida” (SANTOS, 1998, p.16), ou seja, a própria sociedade em movimento.

Nessa concepção, é imperativo o esforço sistemático e crítico para descobrir a forma de ser daquilo que existe, “estudar concretamente a coisa concreta e as coisas concretas se dão em um tempo e lugar determinados” (SANTOS, 1998, p. 18). Cada nova evolução corresponde a uma modificação paralela do espaço e sua organização. Provindo desse pressuposto, do movimento dialético e contraditório espacial, é que podemos discorrer nesse capítulo, sobre a análise capitalista do espaço de Catalão (GO) – com foco (na) reprodução do urbano da cidade via setor hoteleiro – tal como sua forma de acumulação as suas relações sociais coexistentes, na busca pela compreensão do espaço que vai além da apresentação e nos permite chegar a sua representação.

3.1 As consequências da reestruturação produtiva no mundo do trabalho

O mundo do trabalho vem passando por intensas transformações, principalmente nos últimos 50 anos. Ao passo que a conjuntura do trabalho apresentou melhoras em relação às condições extremamente insalubres vividas pelos/as trabalhadores/as, essencialmente no século XIX até o auge do sistema fordista no início do século XX, as crises cíclicas inerentes a esse sistema, alteram e transformam a conjuntura do trabalho conforme a sociedade se movimenta política e economicamente. A classe trabalhadora é protagonista de lutas históricas por direitos trabalhistas em diferentes momentos, e após a reestruturação produtiva do capital, associada à Revolução Técnico-Científica-Informacional e ao neoliberalismo global, trabalhadores/as se veem novamente à mercê das reconfigurações da reprodução capitalista. O capital ao adotar novas estratégias de acumulação, submete a classe trabalhadora às mais perversas formas de flexibilização e precarização do trabalho e da vida.

A recessão econômica ocasionada por uma das crises cíclicas do sistema capitalista fordista na década de 1970, tendia a um novo regime de acumulação de capital, a “acumulação flexível”, movimento inédito no espaço geográfico, baseado no método toyotista e no *just in time*¹⁰. Porém, neste momento, o próprio capitalismo ainda não se mostrava fundamentalmente transformado. Havia um direcionamento em alterações no contrato social e as reorganizações do processo laboral atestavam que o regime fordista daria lugar a outro – a acumulação flexível – que o substituiria.

Toda tentativa de superação dessa rigidez fordista se encontrava defronte ao poder entrincheirado de uma classe trabalhadora organizada em ondas de greve contra os problemas trabalhistas da época, que levou o fordismo a se associar aos “preceitos keynesianos”¹¹ para manter o crescimento capitalista, mas, para isso, seus atores tiveram que redefinir e reposicionar-se diante de uma série de compromissos, entre eles a intensificação de programas de seguridade social, direitos trabalhistas e etc. (SILVA, 2010). O Estado, nesse momento, tem papel significativo na manutenção da macroeconomia e a saída possível para o capitalismo manter-se enquanto sistema econômico dominante e por conter as possíveis organizações revolucionárias da classe trabalhadora foi a alteração nas suas estruturas de acumulação primitiva, que Harvey (1992) define:

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (HARVEY, 1992, p.140, grifo do autor)

O fordismo se manteria subsistente em diversos setores industriais, até então de forma não estática, com sua estrutura de emprego alterando-se de forma gradual, inicialmente com a redução significativa do número de trabalhadores, substituídos por outros mecanismos tecnológicos de produção e de flexibilização nos contratos de trabalho. “A expansão dos contratos temporários no setor não fordista criou algumas condições sociais para a fluidez e a

¹⁰ Produção baseada em economias de escopo significa literalmente que “na hora certa” ou “momento certo”. O principal pilar de diversas fábricas, em especial de carros, como exemplo, o sistema Toyota de produção, os produtos somente são fabricados ou entregues a tempo de serem vendidos ou montados, não existe estoque parado (PEREIRA, 2014).

¹¹ É a teoria econômica consolidada pelo filósofo-economista inglês John Maynard Keynes, trata-se de uma organização político-econômica, estabelecida na afirmação do Estado como agente indispensável de controle da economia, com objetivo de conduzir a um sistema de pleno emprego. A teoria atribuiu ao Estado o direito e o dever de conceder benefícios sociais que garantam à população um padrão mínimo de vida. Algumas das medidas implementadas foram: a criação do salário mínimo, do seguro-desemprego, da redução da jornada de trabalho (que então superava 12 horas diárias) e a assistência médica gratuita. Conhecido também como “Estado de bem-estar social”. (ANDRADE, 2000).

insegurança de identidades que simbolizam o que pode se chamar de pós-modernidade” (HARVEY, 2005, p. 29).

O sistema fordista norte-americano, no período de 1965 a 1973, conhecido como pós-guerra, serviu bem aos interesses do capital até a década de 1970 quando passou a apresentar grandes dificuldades de conter as contradições inerentes ao capitalismo, sua característica rígida apresentava problemas que impediam a flexibilidade de planejamento nos mercados, a alocação e os contratos de trabalho. Por conseguinte, o capitalismo se afogava pelo excesso de fundos, diminuição nos investimentos e forte inflação. As corporações viram-se com muito excedente inutilizável (fábricas e equipamentos ociosos), o que “as obrigou a entrar num período de racionalização, reestruturação e intensificação do controle do trabalho” (HARVEY, 1992, p.137).

A dinâmica do sistema de produção capitalista foi transformada e reestruturada pela desregulamentação dos mercados financeiros e pela ascensão da ideologia neoliberal vinculadas à globalização de capitais. Para Antunes (2002) a reestruturação produtiva do capital teve início com a crise do sistema taylorista/fordista, causada pelo ressurgimento de ações ofensivas no mundo do trabalho e o consequente transbordamento da luta de classes. A reestruturação produtiva deu espaço a um novo modelo produtivo, o toyotismo, que provocou expressivas mudanças, tanto na estrutura ocupacional quanto nas exigências de qualificação do trabalho, determinando assim alterações na orientação de políticas públicas e empresariais, de formação profissional e de treinamento de trabalhadores/as. Antunes (2002) elenca algumas dessas mudanças,

Comecemos enumerando algumas das mudanças e transformações ocorridas nos anos 1980. Em uma década de grande salto tecnológico, a automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital. Vive-se, no mundo da produção, um conjunto de experimentos, mais ou menos intensos, mais ou menos consolidados, mais ou menos presentes, mais ou menos tendenciais mais ou menos embrionários. (ANTUNES, 2015, p.33)

Nesse sentido, a flexibilização nas relações de trabalho tem sido umas das dimensões mais cruciais no processo de reestruturação produtiva do capital, pois a adaptação das empresas as mudanças do mercado alteram de maneira significativa a organização das mesmas, que necessitam se adaptar às condições de imprevisibilidade, ocasionadas pelas transformações econômicas e tecnológicas do mundo globalizado.

Novos padrões na gestão da força de trabalho emergem, como os Círculos de Controle de Qualidade (CCQs)¹², a “gestão participativa” e a busca pela “qualidade total”. Trata-se de “métodos denominados ‘participativos’, mecanismos que procuram o ‘envolvimento’ (na verdade, a adesão e a sujeição) dos trabalhadores com os planos das empresas” (ANTUNES, 2014, p.14). Existem diversos programas que trazem métodos para serem aplicados nas empresas de todos os setores produtivos, inclusive de serviços que inclui o setor hoteleiro, tais como: 5S, Kaizen, PDCA, Brainstorming, Controle da Qualidade Total, Diagrama de Pareto, o sistema ISO. Estas formas de organização tornaram-se visíveis não apenas no Japão, onde é originado o modelo toyotista, se expandiram e migraram para diversos países de capitalismo avançado e em desenvolvimento, como o Brasil. O toyotismo modifica ou até mesmo substitui o modelo fordista (predominante no período que o antecedeu) presente em várias partes do capitalismo globalizado (ANTUNES, 2015).

No toyotismo a meta é o aumento da eficiência produtiva por meio da eliminação do desperdício, busca-se a diversificação das mercadorias produzidas, atendendo a variável da demanda consumidora, em meio a uma economia de guerra. É baseado na junção de dois elementos centrais no processo de montagem, o sistema *just in time* ou Sistema Toyota de Produção e na automação, tendo como método o *kanban*, que são etiquetas que comunicam dados necessários à produção e circulação das peças, como a quantidade a ser retirada para a montagem e quantas serão montadas.

Esse novo sistema resulta na intensificação do trabalho e a multifuncionalidade dos/as trabalhadores/as, exigiu a “desespecialização” do/a operário/a que levou a diversas formas de resistência, entre elas as greves. O processo de implementação desse sistema só foi possível devido à falta de sindicatos organizados por tipos de tarefa, como havia na Europa e EUA, porém, ainda assim os operários da Toyota manifestaram sucessivas queixas e resistências no início da implementação do sistema no Japão. A estratégia ohnoísta era de inculcar-nos/as trabalhadores/as a ideia de que eles formam um time, uma equipe onde cada um exerce bem a sua função para assegurar a eficiência e excelência da equipe (PEREIRA, 2014, p. 60).

A realização das tarefas desprovidas de conteúdo e sentido, cria a figura do “trabalhador polivalente-desqualificado”, realçando a dependência do trabalho vivo como fator de eficiência produtiva enquanto extensão da máquina, como aponta Moraes Neto

¹² “Os CCQs correspondem a uma das atividades de pequenos grupos que apareceram no Japão no início da década de 60, destinadas à mobilização dos recursos humanos das empresas para a melhoria da qualidade e produtividade. Eles foram introduzidos pela JUSE (*Japanese Union of Scientists and Engineers*) como parte do Sistema de Controle da Qualidade implantado nacionalmente nas empresas japonesas. Alcançaram um alto nível de difusão entre as empresas daquele país e foram apontados como um dos principais fatores responsáveis pelo desempenho superior das empresas japonesas”. (FERRO; GRANDE, 1997, p.1)

(2003). Nesse sentido, o/a trabalhador/a “apendicizado” à máquina se sujeita à maior intensificação do trabalho, devido à exigência de diversas tarefas numa jornada de trabalho prolongada e precarizante, levando a apropriação da subjetividade do trabalhador, característica elementar do toyotismo, ampliando o estranhamento e a alienação, por meio da intensificação do trabalho.

Marx (2013), ao observar o caráter subordinado do trabalho no capitalismo, percebe também seu caráter revolucionário no processo de produção, em que há maior ênfase no trabalho morto (elementos objetivos do processo de trabalho) e a perda do sentido histórico do trabalho, quando se coloca o/a trabalhador/a na condição de apêndice da máquina, assim representando as contradições sociais de produção e o desenvolvimento das forças produtivas.

Para Pereira (2014, p.62/63), o “toyotismo/ohnóismo é entendido como a negação do fordismo e, ao mesmo tempo, dá continuidade as suas possibilidades”. A organização no processo de trabalho, no sistema capitalista, aperfeiçoa-se por meio da “racionalização e do incremento tecnológico, instrumento de controle e subordinação da força de trabalho aos interesses produtivos do capital, o qual busca, por meio desse instrumento, contrabalancear suas contradições internas” (PEREIRA, 2014, p.64). As contradições nas relações sociais se intensificam, envolvendo as esferas do trabalho, através da superexploração, e da vida cotidiana, marcada pela mercantilização e burocratização das relações.

A retração do binômio taylorismo/fordismo, instaurada com a reestruturação produtiva do capital em escala global, tem provocado uma redução do proletariado estável, tradicional, manual e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada (ANTUNES, 2011). A redução desse proletariado abre espaço para formas desregulamentadas de trabalho, abrindo condições para um novo proletariado fabril e de serviços, presentes nas interfaces do trabalho precário. Exemplos dessas formas são os terceirizados, subcontratados, *part-time* [tempo parcial], entre outras semelhantes que se expandem em escala global (ANTUNES, 2011).

Dessa forma, ocorre uma rápida mudança nos padrões de desenvolvimento desigual, entre setores e novas regiões geográficas, criando um vasto movimento de emprego no setor de serviços e novos conjuntos industriais nos países subdesenvolvidos e recém-industrializados. A expansão do capital para outros centros produtivos aliada a superação das distâncias pela redução do espaço-tempo nas redes de transporte e comunicação, aumentaram a flexibilidade e mobilidade que permitiram aos empregadores “pressões mais fortes de controle de trabalho sobre uma força de trabalho de qualquer maneira enfraquecida [...] que viu o desemprego aumentar nos países capitalistas avançados” (HARVEY, 1992, p.141).

O mercado de trabalho passou por uma radical reestruturação frente a “volatilidade do mercado, aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, [...] e da grande quantidade de mão de obra excedente (desempregados e subempregados)” (HARVEY, 1992, p.143) levando a regimes e contratos mais flexíveis, dificultando a organização da classe trabalhadora em sindicatos fortes e a transformação da base objetiva da luta de classes através da consciência de classe e a partir da relação entre capital e trabalho.

No entanto, houve certo limite para a tendência da acumulação flexível. Existem muitas formas de se obter lucro através da mais-valia e se todos trabalhadores/as passassem a exercer trabalho temporário a coesão social estaria ameaçada, haveria sérias consequências para a vida urbana e a estabilidade do capitalismo enfrentaria grandes riscos enquanto ordem social. Mas naquele momento, as relações capital-trabalho e capital-capital precisavam se reestruturar, se reinventar.

O Estado tem papel imprescindível nessas relações, pois se apresenta como um regulador fundamental em relação ao trabalho. O Estado-Nação em tempos de globalização, ao contrário da ideia de que este estaria desaparecendo ou diminuindo como centro de autoridade, na verdade tem se alinhado de forma expressiva, criando ambientes de negócios favoráveis para investimentos do capital, controlando e coibindo movimentos trabalhistas através do corte de direitos e benefícios sociais, regulação do fluxo migratório, fazendo reformas sociais e trabalhistas e exercendo forte poder de regulação territorial.

Na América Latina o debate em torno no papel ativo do Estado, de acordo com Harvey (2005) sempre esteve ligado a “desregulamentação”, estratégia capitalista articulada a falsa ideia de abertura de fronteiras através da ampliação das trocas internacionais, o que aumentou a desigualdade de trocas nos países periféricos e os planos de privatizações em setores fundamentais da economia como as telecomunicações e produção de energia. Essas estratégias são o alicerce do discurso sobre a crise do Estado-Nação.

A retórica neoliberal ignora a centralidade do Estado no processo de acumulação ou pelo menos não reconhece sua forte influência nesse processo. A pauta antiestatista, ou do Estado mínimo, não é compatível com os graúdos subsídios oferecidos e as sutis, mas presentes, intervenções estatais nos projetos capitalistas. O subterfúgio deste sistema, que prioriza as relações econômicas em detrimento das relações sociais, é a disputa pelo território nacional e expansão de suas fronteiras, para que sem a interferência do Estado, o receituário dos grupos econômicos internacionais neoliberais e o capital financeiro possam realizar-se sem entraves.

Se no domínio das relações capital-trabalho o Estado tem se mostrado influente, o quadro muda quando o assunto é relação entre capitais. Nesse caso, o Estado perde poder nos mecanismos de destinação de verbas ou concorrência, em que os fluxos financeiros globais já escapavam das regulamentações nacionais. Harvey (2005), citando sua obra “Condição pós-moderna”, nos diz,

O aspecto realmente novo do capitalismo que emergiu do divisor de águas da década de 1970 não é tanto a flexibilidade total dos mercados de trabalho, mas a inaudita autonomia do capital financeiro dos circuitos de produção material; uma hipertrofia das finanças, que é outra base subjacente da experiência e da representação pós-moderna. A ubiquidade e a volatilidade do dinheiro como base impalpável da existência contemporânea [...] (HARVEY, 2005, p. 30)

O capital fictício ou financeiro, com marco na década de 1990, teve papel importante no processo de reestruturação massiva e transformação espacial, a explosão do sistema de créditos cada vez mais diversificado com o objetivo de estimular a indústria do consumo, conduziu novamente ao excesso de acumulação. “Todo episódio importante de desvalorização ou de expansão geográfica foi marcado pelo papel desempenhado pelas instituições financeiras, em que se atinge uma nova dinâmica de capital fictício”. (HARVEY, 2005, p.39). As transformações lucrativas do sistema produtivo atravessam todo o ciclo da moeda se transformando em mercadoria e retorna com mais lucros sob a forma de moeda original, este movimento transforma-o em capital acumulado novamente.

Moreira (informação verbal)¹³ esclarece que, após a expansão do capital industrial financeiro no circuito global, há como consequência a consolidação da especulação financeira e o dinheiro passa a produzir dinheiro, sem transitar pela produção de bens materiais. Há uma hegemonia do capital rentista a partir das linhas de crédito diversificadas que estimulam a indústria do consumo, através do crédito, levando a um estado de endividamento de massa, consequência da ilusão a abundância fornecida por esse sistema. Moreira¹⁴ acrescenta que, passamos a viver então a “sociedade do rentismo baseada no gosto pelo consumo”, em que, diferentemente do período do fordismo, o modo de consumir hoje tem o “mecanismo de disposição de dinheiro a qualquer hora”, mas, em contrapartida, precisa da garantia de acesso a esse dinheiro na forma de qualquer tipo de trabalho.

¹³ Palestra realizada por Ruy Moreira intitulada **Conjuntura política brasileira e as reformas no ensino de Geografia**, durante o XV EREGEO (Encontro Regional de Geografia), 2018. Catalão, Goiás: 28 abr. a 1 maio 2018.

¹⁴ Ibid.

Moreira¹⁵ ainda reforça que, o rentismo criou a indução ao consumo pela compulsão de comprar através da propaganda, levando-nos a “cotidianidade de consumo e individualização”, o capital rentista é “indutor de um desejo individual”, que num “momento de crise social de emprego e oportunidades se traduz na luta pela selva”. Tendemos a viver um embate individual ou de grupos sociais, tornando-nos a sociedade do gosto, onde o comportamento coletivo deu lugar a uma sociedade em que nossas motivações e desejos são individuais, este fenômeno histórico abriu para o que Moreira¹⁶ chama “urbanização da humanidade”. Valores, comportamentos, desejos, hábitos, costumes, são capturados pelo “faro” do rentismo, criando uma nova mentalidade de indivíduo independente de outros indivíduos.

Esse movimento pode ser considerado dinâmico, expansível e de certa forma revolucionário, considerando que altera o mundo que vivemos contínua e progressivamente. O crescimento econômico capitalista é, analisando pela ótica marxista, como um processo de contradições internas, que continuamente desponta sob a forma de crises, onde crescimento em harmonia e equilíbrio “é inteiramente acidental, devido à natureza espontânea e caótica da produção de mercadorias sob o capitalismo competitivo” (MARX, 1967, vol. 2: 495 apud HARVEY, 2005, p. 44).

Para Marx (2013), a ocorrência dessas crises dá-se devido as tensões no processo de acumulação gerada pelas barreiras recorrentes dos elementos centrais e dependentes da acumulação e, nessas crises, a classe trabalhadora é sempre subalternizada frente às ameaças do capital. As barreiras constituem-se: 1- no excedente de mão-de-obra ou exército de reserva que alimenta a expansão da produção, sendo necessários mecanismos para aumento da oferta de trabalho (considerando o aumento populacional e os movimentos de migração decorrentes da urbanização acelerada); 2- quantidades necessárias de meios de produção, matéria-prima, infraestrutura, possibilitando sua expansão; 3- e por fim, um mercado para consumir as mercadorias produzidas.

As crises têm uma função importante dentro da desordem competitiva do sistema econômico capitalista, elas impõem uma retomada da sua ordem e racionalidade, forçando condições arbitrárias que muitas vezes apresentam alto custo social e trágicas consequências humanas como falências, colapsos, inflação, concentração de poder econômico e político na mão de poucos, queda de salários e desemprego, perda de direitos trabalhistas constitucionais.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid.

A reestruturação produtiva do capital manteve algumas características do fordismo principalmente em países onde este ocorreu de forma tardia, como no Brasil. Na década de 1940, com a implementação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), os/as trabalhadores/as urbanos no Brasil passaram a obter, de fato, inéditos direitos sociais e trabalhistas. Porém, no início dos anos 1980, uma grave recessão descortinou nova etapa de luta dos/as trabalhadores/as, que se voltou para a proteção das ocupações, redução da jornada de trabalho, entre outras reivindicações. Como consequência dessa luta, a aprovação da Constituição Federal de 1988 proporcionou novo patamar dos direitos sociais e trabalhistas.

No início da década de 1990, mais uma recessão implicou retrocessos aos direitos adquiridos pela classe trabalhadora, o receituário neoliberal adotado com força pelos governos de Fernando Collor de Mello e de Fernando Henrique Cardoso avançou através de políticas monetárias, privatizações e afastamento do Estado do setor produtivo, além de flexibilizações e desregulamentações com o objetivo enfraquecer a força de trabalho e evitar a organização da classe trabalhadora frente ao rebaixamento das condições e relações de trabalho. Projeto esse que foi freado, mas não totalmente interrompido, com a entrada de Luiz Inácio Lula da Silva na presidência (2003-2011), que cumpriu um governo com característica mais “conciliadora de classes” e assistencialista, possibilitando o avanço nas políticas públicas de combate à desigualdade social.

O engodo da Reforma Trabalhista¹⁷ voltou a ser entoado pelos patrões e políticos comprometidos com agenda neoliberal, após uma década de alguma “tranquilidade social”, com a entrada de Michel Temer, em 2016, até então ocupando a vice presidência, alinha-se com interesses escusos de uma ala política ultraliberal, e articula o *impeachment* da presidenta Dilma, assim ocupando a cadeira presidencial em prol dos interesses do mercado financeiro. A terceirização e a redução dos direitos trabalhistas apontam para o processo de uberização¹⁸ nas relações de trabalho. O Brasil já passou graves recessões econômicas, com forte impacto nos direitos sociais e trabalhistas, a contar do período de transição da sociedade agrária para a urbana/industrial a partir de 1930. Nesses períodos, a participação dos/as trabalhadores/as foi fundamental para a difusão e heterogeneização na legislação social e trabalhista, porém, em diferentes proporções.

Desde o segundo semestre de 2014, o Brasil enfrenta mais uma penosa recessão, cujos efeitos têm implicado na ampliação do sofrimento humano, sobretudo dos/as trabalhadores/as

¹⁷ Ver: Lei 13.467/2017.

¹⁸ A uberização consolida a passagem do estatuto de trabalhador para o de um “nanoempresário-de-si” permanentemente disponível ao trabalho; retira-lhe garantias mínimas ao mesmo tempo que mantém sua subordinação. (ABÍLIO, 2017).

que enfrentam desemprego generalizado, pobreza crescente, diminuição nos rendimentos e nas ocupações. Com menor rendimento e maior flexibilidade contratual, os trabalhadores consomem menos, contraindo o consumo. E, por sua vez, a provocação da queda da demanda na economia como um todo, aumenta a instabilidade e o desemprego. Para demonstrar esse fato, a Tabela 1 registra o aumento do desemprego no país a partir da série histórica de 2012 (IBGE, s/d), chegando à margem de 13,7 milhões de desempregados até segundo trimestre de 2018. É importante ressaltar que a taxa de desemprego entre as mulheres é maior e chegou a 13,8% no final de 2016, e em 2018 marcou 11,8% contra 10,5% para homens brancos e 15% para a população preta e parda (IBGE, s/d).

Tabela 1- Desemprego no Brasil (2012-2018)

ANO	MÉDIA ANUAL (%)	PESSOAS DESEMPREGADAS (em milhões)
2012	5,5	7,1
2013	5,4	7,0
2014	4,8	6,7
2015	8,5	8,6
2016	12,0	11,8
2017	12,7	13,2
2018	13,1	13,7

Fonte: IBGE, s/d. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

O papel do Estado neoliberal apresenta-se com mais força no Brasil logo quando Michel Temer assume a presidência da república interinamente em maio de 2016 após um golpe misógino¹⁹ que afastou e depois destituiu a presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff. Sua nova agenda, fundada no discurso da “modernização”, aprofundou o desemprego, conforme demonstra a Tabela 1. Com a finalidade de fortalecer o capital financeiro/rentista e outros setores empresariais privados, esta agenda, justificada pela dramática crise econômica e social, e imposta pelo governo sem nenhum tipo de consulta popular, deu pontapé na retirada de direitos trabalhista da população, com a aprovação da

¹⁹ Ver: BOITEUX, Luciana. Misoginia no golpe. In: **A resistência ao golpe de 2016**. Canal 6 Editora, Bauru, São Paulo, 2016. P.261-266.

Reforma Trabalhista (Lei 13.467/2017) que mexeu em pontos substanciais como férias, jornada de trabalho, remuneração, plano de carreira, entre outros. Trata-se de um impiedoso retrocesso em relação às conquistas trabalhistas já alcançadas.

Não obstante, outra temerosa proposta frente à crise instalada no país, foi a de mudanças no sistema previdenciário, que até o presente momento não agregou base governamental suficiente para sua aprovação, tal medida é considerada extremamente impopular²⁰, pois retira direitos previdenciários, aumentando o tempo de trabalho e contribuição para a aposentadoria, estrategicamente colocando as/os trabalhadoras/es na condição de “inapostentáveis” em sua maior parte. Além da política de austeridade fiscal já implementada, a PEC 55/2016 que limita os gastos públicos por um período de 20 anos, acompanhando apenas a correção da inflação, medida que prejudica incalculavelmente as/os brasileiras/os mais pobres, dado que diminui recursos em áreas importantes como educação e saúde, além de outras. Ou seja, prioriza os investimentos no capital financeiro, nas indústrias, empresas e no agronegócio e retira dos/as trabalhadores/as direitos sociais básicos como seguridade social e trabalhista.

Dentro dessa mesma agenda, está o antigo Projeto de Lei PL 4302/1998, que deu ensejo à nova Lei da Terceirização nº 13.429/2017, aprovada pela Câmara dos Deputados como pauta prioritária em março de 2017. A proposta consiste em autorizar a terceirização em qualquer setor – atividades meio e fim – das empresas, públicas e/ou privadas, criar regras de sindicalização, anular possibilidades de greves e prever a “responsabilidade solidária” de empresas contratantes e contratadas nas obrigações trabalhistas. Dessa forma, não haverá uma regulamentação que garanta condições de trabalho com base na CLT, mas sim uma flexibilização total nas relações de trabalho, levando a maior precarização da classe trabalhadora e à intensificação do lucro pela exploração da mais-valia em novas configurações.

Essa flexibilização das leis trabalhistas e previdenciárias disfarçada de “modernização”, na verdade, tende a aumentar a precarização da vida para classe trabalhadora como um todo, com agravante para as mulheres negras, pobres e pessoas LGBTQI+. O trabalho das mulheres é capturado pelo sistema produtivo de forma desigual, haja vista que elas ocupam os postos de trabalho mais precários, de menor remuneração e são maioria em empregos terceirizados e subempregos, sobretudo em serviços como os de limpeza e manutenção, expostos com mais detalhes adiante. Outra forma de captura é o trabalho

²⁰ Sete em cada dez brasileiros/as são contra a Reforma da Previdência, totalizando uma rejeição de 71% conforme pesquisa divulgada pelo DataFolha (2017).

doméstico não remunerado, essencial para reprodução do capital, pois nem o Estado, nem os empregadores gastam qualquer dinheiro para que se limpe, cozinhe, lave, cuide das dos/as filho/as e da casa dos/as trabalhadores/as, garantindo a reprodução humana destes, sem qualquer custo. Trata-se de um trabalho invisibilizado e naturalizado como feminino pelo patriarcado estrutural.

As tendências para o trabalho da mulher nas últimas décadas do século XX e início do XXI, foram caracterizadas pela reestruturação produtiva a partir da crise do taylorismo/fordismo, com o advento do neoliberalismo e da acumulação flexível, e nos permitem questionar como esse movimento paradoxal pode por um lado contribuir para emancipação feminina, garantindo certa independência financeira e por outro lado, precarizando a vida com condições de trabalho profundamente díspares. Pois, ao mesmo tempo em que a feminização²¹ do trabalho possa parecer positiva, no sentido “da emancipação financeira e minimização da dominação patriarcal no espaço doméstico é também marcada por forte negatividade, pois ela vem agravando significativamente a precarização da mulher trabalhadora” (NOGUEIRA, 2010, p. 227).

Algumas características como a polivalência e multiatividades, decorrente do acúmulo de atividades no espaço reprodutivo, tornam as mulheres mais atrativas às novas formas de exploração do capital produtivo. A mundialização do capital emitiu efeitos complexos, além de contraditórios, polissêmicos, afetando ainda mais a divisão sexual do trabalho, tanto no espaço produtivo quanto no reprodutivo. De acordo com Nogueira (2010), mesmo após o crescimento do emprego das mulheres, marcado pela flexibilização do trabalho, quando se refere à precariedade do emprego, esta aumenta significativamente para as mulheres, principalmente as mais pobres, assim como a informalidade da força de trabalho.

3.2 Reestruturação produtiva no setor de serviços e o setor hoteleiro

Como vimos anteriormente, a reestruturação produtiva do capital proporcionou possibilidades de expansão no setor de serviços, assim como apresentou novas configurações e contradições no mundo do trabalho. Ao passo que o setor de serviços apresenta crescimento, o número de trabalhadores/as com carteira assinada vem diminuindo, de acordo com o IBGE (2017), no ano de 2017 houve um aumento de 4,4% nos postos de trabalho sem carteira

²¹ Refere-se ao acesso massivo de mulheres ao emprego formal e sua transformação qualitativa. Após a mundialização do capital nos anos 90, o emprego feminino remunerado cresce, mas as tarefas domésticas continuam reservadas à mulher, confirmando a divisão sexual desigual do trabalho (NOGUEIRA, 2010).

assinada na comparação com o ano anterior de 2016. A crise econômica aliada com a flexibilização da CLT, trouxe mudanças na estrutura do mercado e nos setores que mais empregavam em anos anteriores – indústria, construção, agricultura, pecuária... – houve redução de contratações, enquanto aumentou o contingente de trabalhadores/as nos setores de comércio (18,6% para 19,3%), transporte (4,6% para 5,1%), alojamento e alimentação (4,3% para 5,7%), de acordo com o IBGE (2017) são os três setores que mais absorvem trabalhadores/as sem carteira assinada.

Dados do IPEA referentes ao último trimestre de 2016 apontam que 45% da força de trabalho ativa, estimada em 90 milhões, está na informalidade – quase o equivalente à população da Argentina. Mais mulheres que homens vivem nessa situação, 44% e 37%, respectivamente. Sobre o crescimento da informalidade, novamente aparece em maior frequência nos setores de serviços, comércio, construção civil e agricultura, e entre estes, trabalhadores/as com menos anos de escolaridade. No caso desta pesquisa, todas as trabalhadoras participantes nos disseram trabalhar com carteira assinada, mas, ressaltamos que não coletamos essa informação com todos trabalhadores, apenas as mulheres. Consideramos importante apresentar a realidade sobre o elevado número de trabalhadores/as informais no referido setor, pois é possível olhar para essa questão como uma tendência de continuidade, tendo em conta o projeto político neoliberal dominante que possibilitará ainda mais flexibilização nas relações de trabalho.

A nova morfologia do trabalho apresenta diversas alterações nas configurações trabalhistas, e o “setor de serviços” também se expande durante o processo de reestruturação produtiva, uma vez que recebe grandes parcelas dos/as trabalhadores/as expulsos do setor produtivo industrial, devido a sua crescente automação. Este setor, em interação com o industrial, se submete cada vez mais à lógica dos mercados e do capital (ANTUNES, 2011). Assim, o desemprego também tende a aparecer nele, na medida em que a informalidade cresce e muitos/as trabalhadores/as passam a ser temporários ou intermitentes, e após a implementação da Reforma Trabalhista (Lei n. 13.467/2017) a precariedade dos trabalhos informais e flexíveis passam a estar em conformidade com as condições estabelecidas na nova lei.

A introdução da microtecnologia e da reestruturação produtiva no setor de serviços são ambíguos, pois ao mesmo tempo em que permitiram o surgimento de novas atividades, gerando novas ocupações e postos de trabalho com alto nível de qualificação e conhecimento, como no caso dos serviços da informação e de informática (softwares), também geraram efeitos relacionados ao aumento da produtividade, eliminação de postos de trabalho e

precarização das relações trabalhistas, reduzindo a importância dos empregos nesse setor, como no caso dos bancários que nos últimos anos têm diminuído devido aos serviços de autoatendimento e *internet banking* (ANTUNES, 2011).

O setor de serviços pode ser entendido como atividades cuja produção não é mensurável em unidades físicas ou, de outra forma, o produto somente existe durante o processo produtivo, não havendo estoques, ou seja, caracterizam-se por serem imateriais, impalpáveis, não estocáveis e apresentarem contato direto entre produtor e consumidor. O IBGE (2016) classifica os subsetores da economia deste trabalho a partir do resultado da compatibilização entre as atividades do SCN (Sistema de Contas Nacionais) e da CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas), onde incluem: comércio; transportes; comunicações; instituições financeiras; serviços prestados às famílias; serviços prestados às empresas; aluguel de imóveis; administração pública e serviços privados não mercantis. A composição de cada subsetor consiste em uma diversidade de atividades conforme a descrição que consta no IBGE²².

Os setores de serviços foram agregados, com base na CNAE, de acordo com a disponibilidade de informações da PAS (Pesquisa Anual de Serviços). Conforme Quadro 1 apresentado a seguir:

Quadro 1 – Categorização do setor de serviços

SEÇÃO	DENOMINAÇÃO
A	Alimentação
B	Alojamento
C	Aluguéis
D	Atividades de informática
E	Atividades imobiliárias e de aluguel
F	Atividades recreativas e culturais
G	Correios
H	Intermediários do comércio atacadista
I	Limpeza urbana e esgoto
J	Serviços às empresas
K	Serviços auxiliares de seguros e de previdência privada

²² A tabela intitula-se: Compatibilização entre as atividades do Sistema de Contas Nacionais-SCN e Classificação Nacional das Atividades-CNAE (IBGE, 2004).

L	Serviços auxiliares financeiros
M	Serviços de manutenção e de reparação
N	Serviços não-classificados
O	Serviços pessoais
P	Serviços relacionados à agropecuária e à pecuária
Q	Telecomunicações
R	Transportes: R.1 ferroviário e metroviário; R.2 rodoviário; R.3 aquaviário; R.4 aéreo; R.5 atividades auxiliares aos transportes.

Fonte: IPEA (2006). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

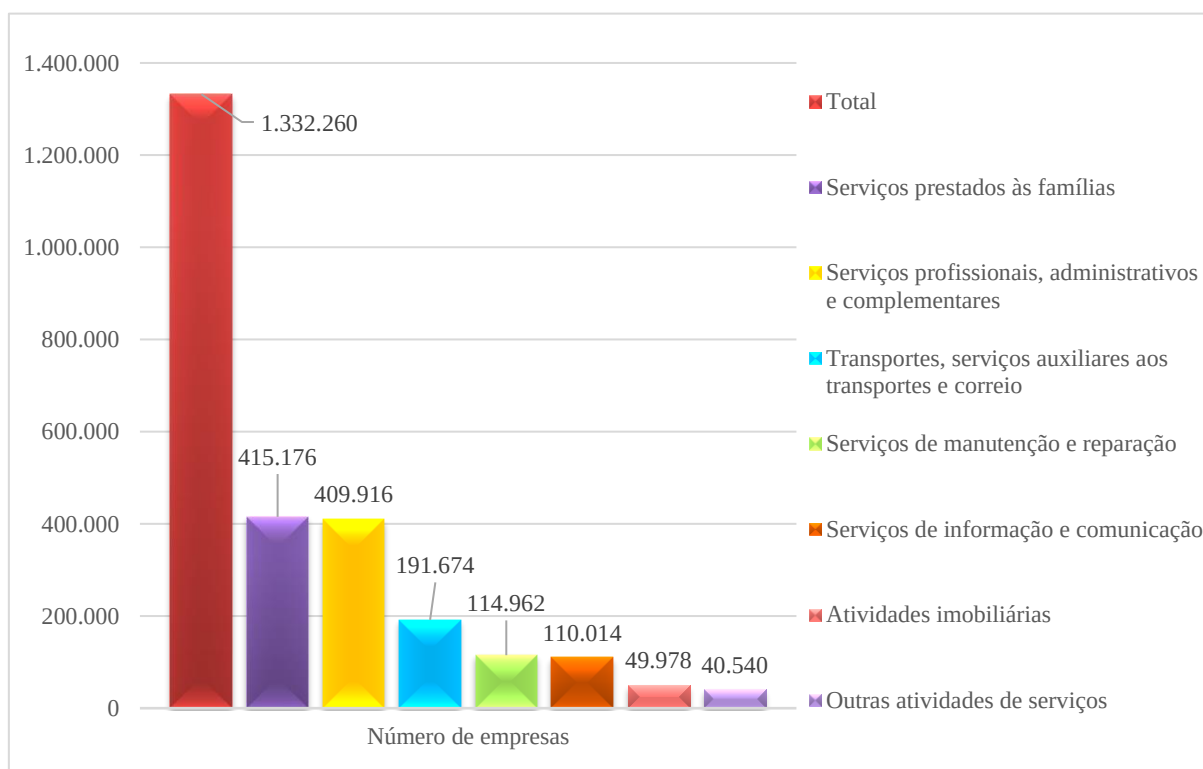
Essa classificação nos permite perceber a heterogeneidade no setor de serviços, algumas atividades se diferenciam de acordo com o consumo direto, como serviços privados de consumo individual, e outras para o consumo intermediário, como seguros, serviços bancários, propaganda, comunicação, corretagem, etc. Quanto à intensidade do capital, umas utilizam mais capital e menos mão-de-obra, como financeiros, jurídicos, de informática, comunicações; e outras menos capital e mais mão-de-obra, como limpeza, segurança, educação. Oliveira e Souza (2011, p.27) corroboram com a compreensão da heterogeneidade desse setor,

O setor buscou modernização via introdução de tecnologia avançada, automatização ou mesmo adaptação de seus processos produtivos. No entanto, a dinâmica da modernização se aplica de forma diferenciada nos diversos segmentos do setor. Enquanto em algumas atividades houve reestruturação e modernização, em muitas outras se mantiveram pouco alteradas características relacionadas à organização, à tecnologia e à informalidade. Além disto, a dinâmica tem alcance regional diverso.

O crescimento do setor de serviços tem interdependência com os outros dois setores da economia (indústria e agricultura), assim, em momentos de crise, retrai também junto com os demais. No entanto, devido a sua heterogeneidade o setor comporta-se como um “contrapeso”, sustentando a atividade econômica (OLIVEIRA et al, 2017). Durante a crise de 2008, o nível de atividade da economia foi sustentado pelas atividades dos serviços prestados à família – que envolve basicamente as atividades dos meios de hospedagem e serviços de alimentação, que cresceram em ocupação e valores adicionados nesse período.

No Gráfico 1, é possível observar a distribuição do setor de serviços conforme o segmento de abordagem. Em relação ao total, os segmentos de serviços prestados à família e serviços profissionais, administrativos e complementares estão em destaque para o ano de 2014, de acordo com o último levantamento do PAS realizado até o presente estágio dessa pesquisa, conforme abaixo:

Gráfico 1 – Total de empresas segundo o segmento de serviço Brasil (2014)



Fonte: IBGE/PAS (2014). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

O setor de serviços é classificado pelo IBGE em conformidade com a PAS, a partir dos seguintes subsetores que Oliveira e Kubota (2009, p.7) definem:

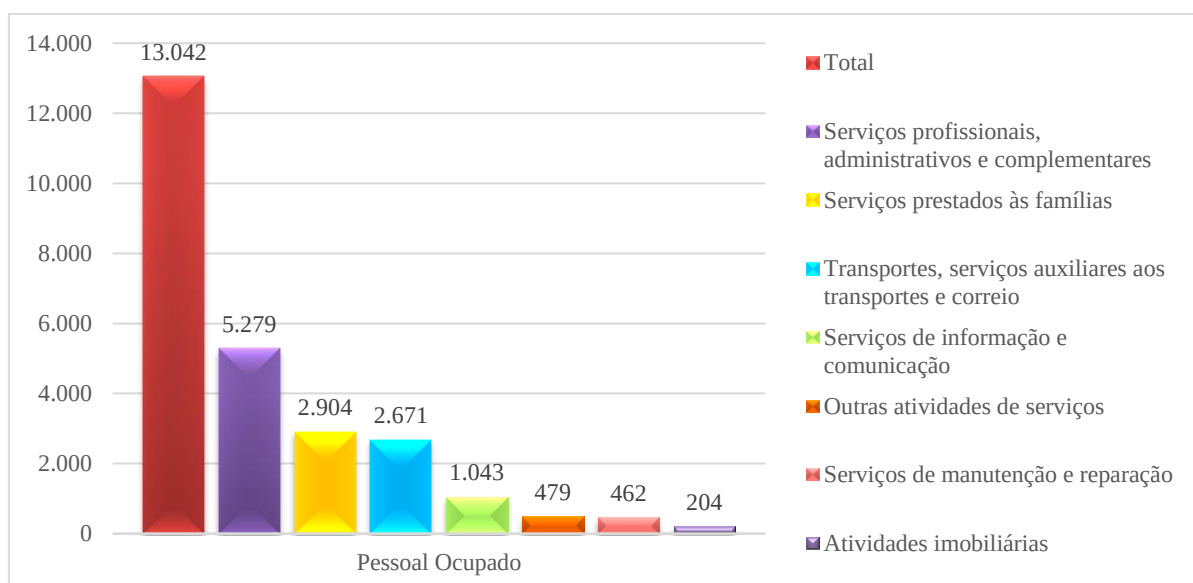
- **Serviços prestados à família**, formado pelas atividades de hospedagem²³, alimentação, serviços pessoais, atividades recreativas e culturais e atividades de ensino continuado.
- **Serviços de informação**, composto por telecomunicações, atividades de informática, serviços audiovisuais e agências de notícias e jornalismo.

²³ As atividades de hospedagem envolvem os seguintes estabelecimentos: hotéis, apart-hotéis/flats, pousadas, motéis, pensões de hospedagem, *hostels*/albergues turísticos, outros (IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa de Serviços de Hospedagem, 2016). Para esta pesquisa, abordaremos apenas os dados referentes a hotéis.

- **Serviços prestados às empresas**, formado por serviços técnico-profissionais, locação de mão de obra, serviços de vigilância e transportes de valores e serviços de limpeza e manutenção em prédios e condomínios.
- **Serviços de transportes**, serviços auxiliares aos transportes e correio, incluindo-se todas as modalidades de transportes, agências e organizadoras de viagens, correios e outras atividades de entregas.
- **Atividades imobiliárias e de aluguel de bens móveis e imóveis**.
- **Serviços de manutenção e reparação**, incluindo se veículos, objetos pessoais e domésticos, equipamentos de escritório e informática.
- **Outras atividades de serviços**, composto pelos serviços auxiliares da agricultura e indústria, representação comercial, serviços auxiliares financeiros e limpeza urbana e esgoto.

O insumo básico do setor é a mão de obra, que pode ser mais ou menos qualificada, conforme a demanda do subsetor. Trata-se, portanto, de um setor heterogêneo e complexo onde os segmentos possuem características diferentes, que resultam em movimentos cíclicos de admissão gerando maior volatilidade e com forte impacto nas taxas de desemprego, informalidade e trabalho precarizado. No que se refere às pessoas ocupadas, o Gráfico 2 mostra com base nos dados do PAS (2014) que estas estão empregadas em maior quantidade no subsetor dos serviços profissionais, administrativos e complementares com 40% do quantitativo total, nos serviços prestados às famílias e transportes com 22% e nos serviços auxiliares ao transporte e correios com 20%, respectivamente:

Gráfico 2 – Número de pessoas ocupadas segundo o segmento de serviço (em mil) – Brasil (2014)



Fonte: IBGE/PAS (2014). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Quando se refere aos salários, o subsetor com maior remuneração permanece o de serviços profissionais, administrativos e complementares, que compõe 30,8% das empresas registradas no setor de serviços (IBGE/PAS, 2014). Os valores pagos pela remuneração trabalhista no subsetor de serviços prestados à família, que compõe 31,2% das empresas registradas (IBGE/PAS, 2014), aparecem bem abaixo dos demais, demonstrando desvalorização da mão-de-obra nesse subsetor mesmo frente ao grande número de empresas atuantes nesses segmentos.

A partir dos Gráficos 1 e 2 percebe-se que a demanda doméstica, representada pelo consumo das famílias, contribuiu para a manutenção da atividade econômica em parte expressiva do setor de serviços. A atividade dos serviços prestados às famílias, basicamente serviços de alojamento/hospedagem e alimentação – incluindo os segmentos de demanda dos negócios, lazer e grupos de eventos – apresentou índices positivos, sendo um dos subsetores de maior contribuição para receita total do setor, que girou em torno de 1 trilhão e meio de reais no ano 2014, conforme últimos levantamentos divulgados para esse segmento. Assim, os impactos da reestruturação produtiva no setor de serviços apontam para o crescimento do mesmo, e de acordo com os pesquisadores do IPEA, Oliveira e Kubota (2009), durante a crise econômica iniciada em 2008 este setor foi o que apresentou menor recessão em relação ao emprego e receita quando comparado aos setores da indústria e agricultura.

3.2.1 Setor hoteleiro: um panorama nacional

Nesta etapa da pesquisa, adentrara-se, especificamente, no que se refere aos serviços de hotelaria, que é um dos recortes escolhidos para o desenvolvimento do estudo, trazemos alguns dados gerais sobre a participação dos hotéis na economia nacional e em Goiás, para que possam ser identificadas as suas características e tendências, bem como o significativo crescimento desse subsegmento ligado ao setor de serviços. Escolheu-se trabalhar apenas com os hotéis, dentre os diversos tipos de estabelecimentos ligados a hospedagem (pensões, pousadas, flats, resorts...), pois a pesquisa foca apenas na relação dos hotéis e suas trabalhadoras.

No âmbito nacional, o fator econômico do setor hoteleiro tem se mostrado positivo, a receita dos hotéis brasileiros registrou dez anos seguidos de crescimento variável, segundo dados consolidados em 2014 pela pesquisa “Hotelaria em números”, realizada há 22 anos por meio da consultoria JLL. Com a desvalorização do real em relação ao dólar a partir de 2013,

os estrangeiros passaram a visitar mais o Brasil e, mesmo com o cenário de crise política e econômica, todo o setor hoteleiro se expandiu. Em Catalão (GO) duas grandes redes de hotéis foram inauguradas nos anos 2016 e 2017, IBIS e o Bristol, respectivamente, gerando um aumento para a receita do município, haja vista que são duas grandes redes do setor. Os resorts foram os estabelecimentos que mais se destacaram. Em comparação a 2013, o faturamento total desse tipo de hospedagem – com foco na recreação, divertimento e alimentação, cresceu 33,4% e o resultado operacional bruto registrou aumento de 2,8% em 2014 (JLL, 2014).

No entanto, mesmo com o relevante crescimento da última década, a expectativa do setor para dois grandes eventos, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, não deram o reflexo esperado para o setor, e após dez anos de consecutivo crescimento, os hotéis urbanos (hotéis e flats) apresentaram em 2015 uma queda no REVPAR²⁴ em relação a 2014. O impacto da queda de quase 4% do PIB brasileiro no desempenho dos hotéis foi significativo, como aponta a consultoria JLL (2016). A taxa de ocupação seguiu a tendência de queda, colocando a média para abaixo de 60% em 2015, fato que não ocorria desde de 2006 e levou os hotéis a praticarem políticas mais agressivas de preço no período, reduzindo o valor das diárias em torno de 7%. Na média do país, o REVPAR caiu aproximadamente 15% em 2015 com relação a 2014. Mas, nesse ponto podemos considerar uma normalidade na queda da taxa em um ano entre dois que ocorreram eventos mundiais.

A queda do REVPAR aliada ao descontrole da inflação, fez com que as margens de lucro dos hotéis também fossem impactadas negativamente. O GOP (Lucro Operacional Bruto) dos hotéis mostrou que em 2014 os empresários do setor tiveram média de lucro de 36% sobre a receita total, em 2015 caiu para aproximadamente 29%. Contrapondo os hotéis urbanos, os resorts continuaram, em 2015, a tendência de melhora na performance, com a forte desvalorização do Real a partir de 2013, “o segmento passou a ser diretamente beneficiado pelo fato de o país passar a ser um destino mais barato para turistas estrangeiros. Além disso, muitos brasileiros cancelaram suas viagens para o exterior e decidiram procurar destinos domésticos mais baratos” (JLL, 2016).

Os dados oficiais disponíveis em relação à quantidade de estabelecimentos caracterizados como hotéis e flats foram disponibilizados pelo IBGE em consonância com o PAS, no ano de 2016, conforme o Quadro 2 a seguir:

²⁴ Abreviação, em português, para Revenue per Available Room ou Receita por Quarto Disponível.

Quadro 2 – Número de hotéis e flats por localização (2016)

LOCALIZAÇÃO	HOTÉIS E FLATS
Brasil	15.594
Goiás	857
Catalão (GO)	23

Fonte: IBGE/PAS (2016). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Nacionalmente, a participação de Goiás em relação ao número de hotéis e flats está entre os sete maiores, sendo os estados mais representativos São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e Goiás, nessa ordem. Um fator relevante é que o quantitativo de hotéis e flats de marcas internacionais representam 5.2% do total de hotéis cadastrados (JLL, 2016), dado que mostra a participação do capital internacional nesse segmento com forte investimento e abrangência de mercado, visto que esses empreendimentos comportam muitos quartos.

Como exemplo, na cidade de Catalão (GO), pode ser citado o IBIS, que dispõe de 88 quartos, totalizando 184 leitos e serviços padronizados pela rede em conformidade com a lógica já apresentada relativa ao controle de qualidade total. Funcionários/as capacitados/as, uniformizados, serviços padronizados desde o atendimento até a disposição dos quartos. De forma geral, quanto ao segmento da demanda de hospedagem em 2015, o ramo de negócios/*business* alcançou 62.5% da ocupação, seguido de 21.6% para o lazer, 8.0% para grupos de eventos, tripulação com 2.8% e outros 5.1%, dados que sinalizam o crescente uso da hospedagem para o ramo de negócios/*business*. Em Catalão (GO) todos os hotéis pesquisados afirmaram que seu público alvo de hospedagem, são majoritariamente os representantes comerciais, empresários e em algumas ocasiões menos frequentes pessoas ligadas a eventos (Pesquisa de Campo, 2017).

Houve em 2015 um aumento nas transações na “indústria da hotelaria” e com elas a expansão interna de grandes redes internacionais e nacionais, como foi o caso de destaque para o IBIS e Bristol em Catalão (GO). A participação dessas redes no país é altamente influente, sendo o IBIS é uma das dez maiores marcas hoteleiras do mundo pertencentes à empresa francesa Accor, que lidera o *ranking* das cadeias hoteleiras, com 246 hotéis espalhados pelo Brasil. Essas transações demonstram que o Brasil continua sendo uma opção de investimento a longo prazo e quanto mais desvalorizada a moeda, mais se torna atrativo para os investidores estrangeiros desse segmento.

3.3 (Re)produção do urbano e setor hoteleiro em Catalão (GO)

O movimento de apropriação/produção/reprodução do espaço é identificado pela localização geográfica das suas atividades, que ocorrem em tempos históricos e lugares distintos, conforme suas particularidades, podendo ter características comuns em diferentes épocas. Isto posto, propôs-se analisar a totalidade do processo de reprodução social na cidade de Catalão (GO) como constituição de uma espacialidade específica que lhe dá conteúdo para que possamos compreender o movimento do espaço urbano em transformação.

Carlos (2013) contribuí para essa pesquisa quando traz a referência de Marx na reflexão sobre o sentido de “produção” em sua profundidade. A produção é apresentada como categoria de análise fundamental para se pensar o grau de desenvolvimento da humanidade,

A noção de produção contempla também um duplo caráter: ela se refere ao próprio processo constitutivo do humano (enquanto ser genérico) e tem um caráter histórico. Mais do que pensar uma produção específica, o conceito em Marx é globalizante e aponta tendências contraditórias – renovação, conservação, preservação, continuidade e rupturas. (CARLOS, 2013, p. 55)

Carlos (2013), também cita Lefebvre (2000) ao tratar a dupla definição da produção como sendo de um lado a produção de objetos, produtos, mercadorias (incluindo serviços) que dão suporte à produção do espaço como condição da reprodução da vida social e do outro lado a “noção de produção contempla o processo de subjetivação: a produção do mundo da mercadoria, com sua linguagem e representação” (CARLOS, 2013, p. 56). É nesse movimento complexo que se buscou compreender através da realidade pesquisada, as formas/estratégias de reprodução capitalista e a apropriação da subjetividade do sujeito pelo trabalho materializado no espaço, a partir da observação do cotidiano das trabalhadoras e dos dados levantados na pesquisa.

Os hotéis de Catalão (GO) representam para seu espaço urbano a condição necessária para a realização da mercadoria a partir da dimensão material – mesmo que de forma imaterial, através dos serviços prestados, pois estes são produtos diretos das relações de produção, a partir dos fluxos que demandam outros setores produtivos da cidade, como a indústria, a mineração, a agricultura e o comércio. Como agentes no conjunto das relações espaciais no uso do espaço urbano, estão as trabalhadoras dos hotéis, que são parte da sociedade produzindo e reproduzindo sua cidadania, elas podem tomar consciência de sua própria produção e alcançam a dimensão abstrata da produção do espaço através da apropriação, do uso, do cotidiano, do sensível e do corpo.

O sistema produtivo se transforma ao longo da história realizando-se através da divisão técnica, social e sexual do trabalho. O processo de produção e circulação também envolvem relações sociais mais complexas que vão além das esferas da propriedade tomando a sociedade de maneira total. O espaço é a condição da realização do processo produtivo que une as questões do mundo do trabalho e da produção de mercadorias com a materialidade desse movimento, que se refere ao consumo, distribuição, troca de mercadorias e infraestrutura – por exemplo, as redes rodo/ferroviárias, sistemas de distribuição de água/luz/esgoto, contemplando a especificidade histórica da produção capitalista.

É importante resgatar os aspectos que marcaram a ocupação econômica e demográfica da microrregião de Catalão (GO), pois essa leitura nos leva a compreensão das suas transformações socioespaciais e (re)produção do espaço urbano. Para tanto, faremos um resgate histórico do processo de (re)produção social capitalista em Goiás, no sentido de identificar os agentes sociais que fizeram parte do passado e que determinaram as condicionantes do presente na (re)produção espacial de Catalão e na dinâmica do setor hoteleiro local.

A lógica do capital se manifestou na mesorregião do Sul Goiano de formas diversas e conflitantes. Desde o período do Império, essa região se insere na divisão e cooperação do processo de acumulação capitalista no Brasil com as incursões auríferas para suprimir as “necessidades” da Coroa Portuguesa em meados do século XVIII, realizadas pelos bandeirantes (PEREIRA, 2014). Embora, desde 1518, as expedições portuguesas tenham visitado as terras de Goiás, somente após a terceira década do século XVIII com a comitiva de Bartolomeu Bueno da Silva, que começou a ser ocupada de fato, antes disso habitavam em terras goianas os grupos indígenas: Caiapó (Paraná) e os Araxás ou Cariris (IMB, 2016). A atividade mineradora por ser demorada e feita manualmente requeria grande quantidade de pessoas, fundando assim, diversos lugarejos ou arraiais ligados aos garimpos de ouro. Durante três quartos de século, o período minerador ocupou posição dominante na economia colonial (LIMA, 2015).

As fazendas para a criação de animais e o cultivo de lavouras foram substituindo as atividades garimpeiros para a produção de alimentos a baixo custo, primeiro para consumo local e posteriormente para um mercado em crescimento, visto que a região ainda carecia da produção de alimentos em abundância assim como outros produtos básicos de subsistência. “A implementação das redes de transportes, principalmente da ferrovia, foi um importante elemento para a emergência da modernização em Goiás” (CASTILHO, 2017, p.71).

A chegada da estrada de ferro em Catalão em 1913 provocou grandes transformações na estrutura regional agrária, nas relações comerciais e no processo de urbanização, sua implementação “proporcionou a redução dos preços dos fretes e a melhoria do sistema de transporte, dinamizando a economia do território, principalmente na área de influência da ferrovia” (CASTILHO, 2017, p.88).

A participação do governo e de empresas privadas no investimento do setor de transporte direcionou o país para a industrialização e ampliação da rede produtiva principalmente após 1930, marco do desenvolvimento industrial brasileiro e ocupação do território nacional pelo Estado no governo Getúlio Vargas, com a chamada Marcha para o Oeste. Pereira (2014) define a atuação das bandeiras nesse período da seguinte forma:

Representaram o processo de interiorização da sociedade imperial, que vislumbrava, em terras distantes do litoral, possibilidades de garantir a acumulação de riquezas e de domínios socioespaciais, acarretando práticas predatórias. A produção de matérias-primas para o processo de industrialização e urbanização (tanto da Europa quanto do Brasil, posteriormente) configurou, desde esse período, uma das determinações do Sul Goiano; qual seja, a de contribuir para o abastecimento de outras localidades, atendendo a interesse externos, sempre com adesão das elites locais. E foi lá que se registraram as primeiras experiências de exploração planejada do solo para fins produtivos com o uso da tecnologia. (PEREIRA, 2014, p.83)

O avanço da industrialização no Brasil, caracterizado principalmente pela expansão e implementação das estruturas de transporte e comunicação deram as condições favoráveis para que a produção capitalista naquela região pudesse se transformar. A lógica do capital determinou a composição do território, da natureza e das formas assumidas pelos indivíduos das classes sociais, imperando sobre a propriedade, a organização social e os sentidos da produção e do trabalho, expressando o perfil histórico contínuo, sistêmico e contraditório da acumulação, apontado por Marx (2013) em escala internacional, reflexo da concentração de capitais e da socialização na produção de mercadorias.

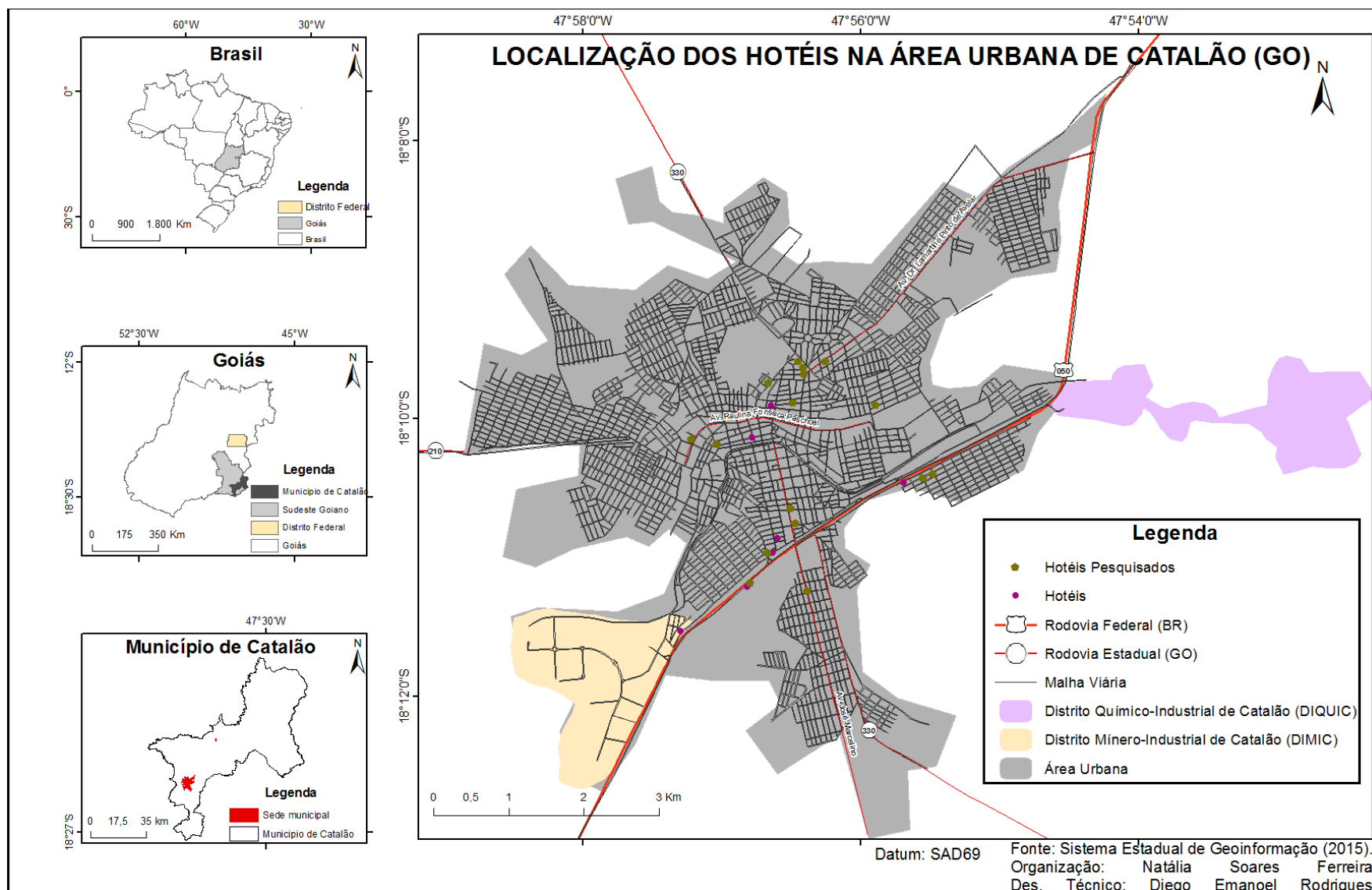
Harvey (apud PEREIRA, 2014, p.82) sintetiza as práticas capitalistas em duas perspectivas: a reprodução expandida ou ampliada e a espoliação – as duas tendências capitalistas possuem seus alicerces no modo de vida dos trabalhadores submetidos à exploração do capital. Goiás apresenta tendência para esse movimento modernizante²⁵ desde as bandeiras até os tempos atuais com novas formas de atividades mineradoras, o exemplo disso está no movimento de expansão dos domínios territoriais e a expulsão de comunidades autóctones e/ou tradicionais, como camponeses, quilombolas e indígenas remanescentes.

²⁵ Onde para além dos ritmos desiguais de desenvolvimento econômico e social, dos avanços tecnológicos e da intensa acumulação de capital, configura a miséria globalizada, confrontando a racionalidade ilimitada com a incompletude da vida cotidiana, caráter da modernidade latino-americana (MARTINS, 2010).

É seguindo o viés da modernidade que o setor hoteleiro se insere no espaço urbano de Catalão (GO). Os primeiros estabelecimentos, entre eles o Mara Turismo, fundado em 1979, buscavam atender as demandas do desenvolvimento industrial e comercial local, tendo como característica central, até os dias atuais, o turismo de negócios e eventos²⁶ - conforme definição do Ministério do Turismo. Os estudos geográficos envolvendo o setor hoteleiro de Catalão ainda são reduzidos, no entanto, nossa pesquisa alinhou-se com o estudo investigativo de Martins (2016) e foi possível constatar a tendência dos hotéis para esse tipo de segmento de atividades turísticas. O Mapa 2, localizado na próxima página, demonstra a localização a distribuição estratégica dos hotéis ativos na referida cidade:

²⁶ Compreende o “conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social. ” (BRASIL, MTur, p. 46, 2010).

Mapa 2 – Localização dos hotéis ativos na área urbana de Catalão (GO)



Ao observar o Mapa 2, percebe-se que a localização dos hotéis em sua maior parte está próxima a pontos estratégicos, como a BR-050 que liga a cidade ao DIMIC (Distrito Mínero-Industrial de Catalão) e ao DIQUIC (Distrito Químico-Industrial de Catalão), onde estão as mineradoras, misturadoras de adubos e fertilizantes e montadoras. Os hotéis encontram-se próximos às principais avenidas da cidade: Av. Lamartine Pinto de Avelar, Av. Raulina Fonseca Pascoal e A. José Marcelino, todos esses pontos têm alta concentração de pessoas (MARTINS, 2016).

O segmento do turismo de negócios e eventos é abrangente no setor hoteleiro de Catalão (GO) de maneira geral, mas o turismo cultural também se manifesta, em época específica do ano com a Festa da Nossa Senhora do Rosário, sendo que nos outros meses, o setor se sustenta com as hospedagens voltadas para os negócios e eventos socioculturais, convenções, congressos, conforme exposto no Quadro 5, ao final do capítulo. A posição estratégica da cidade, próxima a importantes centros urbanos já citados aqui e cortada por uma ferrovia e uma rodovia federal, atraíram empresas multinacionais para o município, abrindo portas para diversos empreendimentos na cidade, além dos hotéis, que tiveram/tem papel importante nos fluxos do crescimento local, oferecendo variados serviços de acomodação e hospedagens.

Em termos de fluxos em Catalão (GO), o setor da mineração ganha investimento no início da década de 1970 em consequência dos estudos científicos que comprovaram a existência dos minérios, as empresas internacionais passam a desenvolver sondagens e estudos sobre extrações dos mesmos no município, onde encontraram o fosfato, nióbio, titânio, vermiculita e terras raras²⁷. O capital privado internacional, hoje via as empresas mineradoras *CMOC International – China Molybdenum* (antiga Anglo American Fosfato Ltda. e Anglo American Nióbio Ltda.) e Vale Fertilizantes, atuantes em Catalão, buscam explorar os minérios presentes na região como fonte de matéria prima para produção de outras mercadorias que possuem um grande valor de mercado, pois são utilizadas por indústrias: aeroespaciais, automotivas, bélicas, alimentícias, farmacêuticas, cosméticas, etc. Com o novo

²⁷ Substâncias químicas usadas na indústria de produção são abundantes, mas os metais dessas terras recebem esse nome devido à dificuldade de extração e em parte às suas semelhanças químicas. São eles: Lantânio, Cério, Praseodímio, Neodímio, Samário, Európio, Gadolínio, Érbio, Ítrio, Itérbio, Lutécio e Térbio. Fonte: <http://www.cetem.gov.br/images/palestras/2013/iisbtr/13-antenor-silva.pdf>. Acesso em 23 jan. 2018.

código da mineração vigente,²⁸ que amplia as áreas de mineração e flexibiliza a legislação ambiental, a exploração dos minérios tornam-se cada vez mais explícitas e intensas.

As transformações socioespaciais recorrentes das atividades mineradoras provocaram alterações nas atividades produtivas e na vida social, política e cultural do município de Catalão (GO), tanto na cidade quanto no campo, com uma injeção maciça de investimentos pelo capital internacional e nacional, aumentando também o emprego e a demanda por hospedagens, que são fatores importantes no processo de urbanização da cidade.

O transporte ferroviário significou muito na consolidação da economia capitalista da região, e atualmente é utilizado como meio de transportar cargas e minérios para as principais regiões do país. De acordo com Silva (2010, p.251):

As cidades de Uberaba e Uberlândia (Triângulo Mineiro) e Itumbiara e Catalão (Mesorregião Sul) possuem um vínculo histórico marcado pela proximidade geográfica e pelo fluxo existente entre as regiões há muitos anos em função da ferrovia Mogiana, a atual Ferrovia Centro-Atlântica (FCA). Graças a esses fatores, as cidades mantêm laços próximos, delineados por relações econômicas que datam do século XIX e perduram até os dias atuais.

Essa interlocução entre diferentes centros urbanos, em diferentes tempos históricos, possibilitou o aumento no fluxo de pessoas e mercadorias circulando pela região, estimulando vários setores a investirem em Catalão (GO). Com a construção e funcionamento da ferrovia, várias pessoas da região foram empregadas e tantas outras vieram com suas famílias dando impulso à economia local, além de servir de rota para vários comerciantes, uma vez que havia consumidores.

O município passou por um período de estagnação econômica e populacional entre 1930 e 1940, mas entre os anos de 1950 a 1960, após a inauguração da rodovia BR-050, retomou crescimento em decorrência da construção de Brasília e os investimentos na expansão da fronteira agrícola em áreas do Cerrado passando pela região de Catalão (GO). A pavimentação da BR-050, que liga Brasília a São Paulo e passa por Catalão, aumentou novamente o fluxo de pessoas para a cidade, atraindo moradores dos municípios próximos. O que levou mais pessoas procurando por lugares para se alojar, como hotéis, pensões, pousadas. O crescimento do comércio também contribuiu para aumentar a procura por hotéis, de acordo com informações colhidas no diário de campo, muitos hóspedes são representantes comerciais que atuam na microrregião.

²⁸ Ver MP 789/2017. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/130145>. Acesso em 23 jan. 2018.

Catalão (GO) cresceu significativamente nos últimos 40 anos, tanto em termos populacionais, quanto em expansão da malha urbana. Tocantins e Distrito Federal contribuíram significativamente para o fluxo migratório. A expansão na migração diante dos novos modelos ocupacionais e ofertas de salários permitiu a alteração do espaço urbano de Catalão para os fins da acumulação capitalista. A elevada urbanização ligada ao advento da industrialização propiciou um aumento na taxa de urbanização conforme demonstra a Tabela 2. Em 1980 a taxa de urbanização de Catalão era de 78,3%, entretanto, em 2010 a taxa de Catalão era 93%. A projeção da população total, segundo o IMB (2018) para 2018 é 103.961 habitantes, esse número representa um crescimento populacional de 16,65%.

Tabela 2 – Catalão (GO): população censitária por situação de moradia

		1980		1991		2000		2010		2018*	
Local	Situação	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Catalão	Total	39.172	100	54.525	100	64.347	100	86.647	100	103.961	100
	Urbana	30.685	78,3	47.152	86,5	57.606	89,5	81.064	93,6	---	--
	Rural	8.487	21,7	7.373	13,5	6.741	10,6	5.583	6,4	---	--

Fonte: IBGE/Segplan/IMB (2018). Org.: FERREIRA, N.S. (2018)

* Projeção Total – não há dados disponíveis para população rural e urbana neste ano.

Após a década de 1970 as transformações sociais e econômicas de Catalão (GO) seguem a dinâmica globalizante. A modernização da agricultura em áreas de Cerrado, a instalação das indústrias e empresas diversas, a expansão do setor de serviços, via intensificação no meio técnico-informacional, influenciou o tipo de trabalho produzido na cidade e a participação no PIB estadual. É possível perceber no Quadro 3 que o maior valor agregado ao PIB estadual está em Valor de serviços (inclusive administração pública). Catalão destaca-se entre os dez municípios mais competitivos e que mais geram receita no estado de Goiás (IMB, 2018).

Quadro 3 - Participação do PIB de Catalão em relação a Goiás - 2014 (r\$/mil)

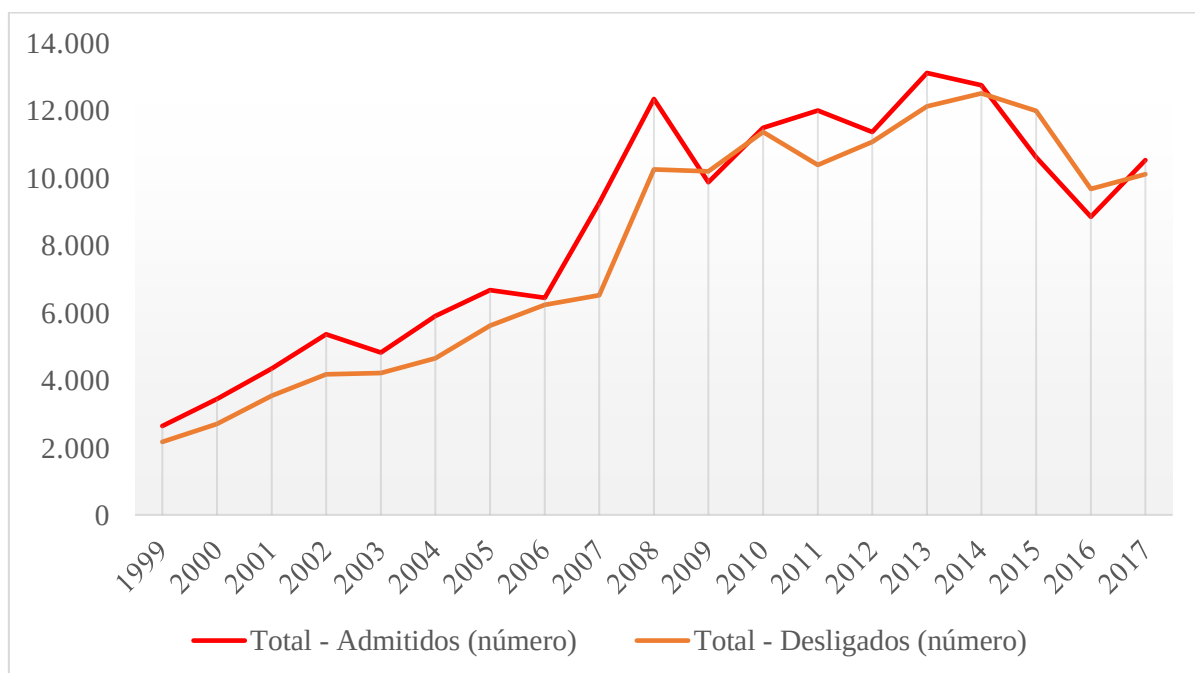
	Catalão	Goiás
Total	5.714.646,00	165,015(bi)
<i>Per capita</i>	64.705,47	25.296,00
Valor agropecuária	318.673	15,645(bi)
Valor indústria	1.541.973,00	34,823(bi)

Valor serviços (inclusive administração pública)	2.049.416,00	96,092(bi)
Impostos	1.434.324,00	18,455(bi)

Fonte: IBGE/Segplan/IMB (2018). Org.: FERREIRA, N.S (2018).

Nas últimas décadas, Catalão (GO) apresentou tendência positiva para as ofertas de emprego, com oscilações em períodos de retração econômica. Este crescimento está diretamente relacionado com os setores produtivos que se destacam na região, já apresentados anteriormente. O Gráfico 3, marca 2.635 admissões para o ano de 1999 e salta para 12.333 em 2008, registrando um crescimento positivo no período, com destaque entre os anos 2006 a 2008 em que o crescimento foi demasiado. No ano de 2012, ocorre uma baixa para 11.354 admissões. Em 2013 novamente aumenta para 13.104, mas a partir de então ocorre outra queda constante até 2016, reflexo da crise política econômica nacional, em 2017, o CAGED registra 10.514 admissões, um pequeno aumento após três anos de compressão. A linha de tendência para demissões acompanha proporcionalmente a linha de admissões, exceto nos anos de 2009 e entre os anos de 2014 e 2016 que ocorrem mais demissões do que contratações, exatamente nos períodos de crises.

Gráfico 3 – Catalão (GO): Emprego - CAGED



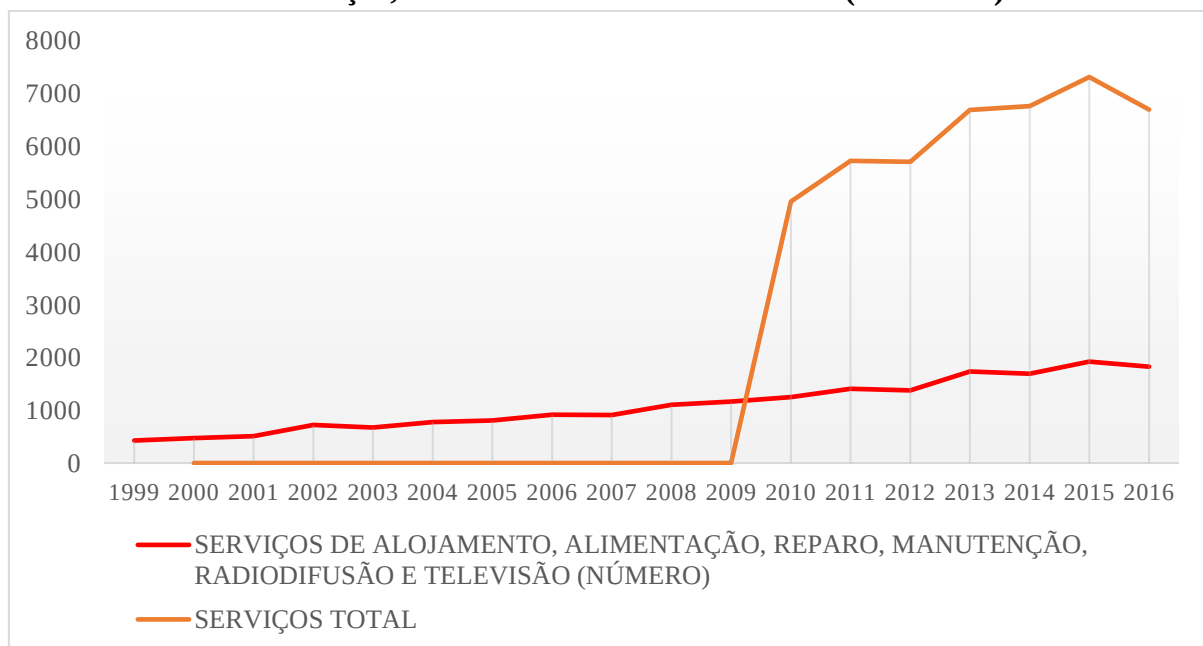
Fonte: IBGE/Segplan/IMB (2018). Org.: FERREIRA, N.S (2018).

Atualmente a economia catalana é baseada no segmento minero-metal-mecânico, sediado pelo DIMIC e DIQUIC, administrado pelo governo estadual, de acordo com a definição do IMB/Segplan (2014). Um dos primeiros minérios a ser explorado no município foi o diamante, em meados do século XIX. O município possui uma das maiores jazidas minerais do Estado de Goiás, com alguns minérios de destaque como o: nióbio, usado na indústria de alta tecnologia; o fosfato na produção de insumos/fertilizantes; a argila usada na indústria ceramista; a brita, além das terras raras com recente exploração, usadas em indústrias de alta tecnologia.

A agropecuária representa 5,57% do PIB do município (IMB/Segplan, 2014), que é um dos maiores produtores de soja, milho, trigo, arroz, feijão em Goiás, além de consideráveis rebanhos bovinos, suínos e de aves, ocupando o 6º lugar no setor em relação ao estado, com participação de 2% na receita. O setor da indústria representa 4,4% do PIB estadual (IMB/Segplan, 2014). Possui forte participação no comércio exterior, com 22% das importações do Estado, sendo que 62% são destinadas ao polo automobilístico (carros, peças, acessórios, motores...) e 17% para adubos. As exportações correspondem a 1,32% do total do território goiano e as principais são a soja, com mais de 50% do total exportado pelo município, produtos automotivos como veículos e aparelhos mecânicos com cerca de 30% da exportação e o milho com 10,86% de acordo com o último censo divulgado pelo IMB/Segplan (2014). A maior concentração de empregos para o ano de 2017 (IMB/Segplan) está no setor de serviços com 36,16% das ocupações, seguido do comércio com 23,69% e a indústria de transformação com 17,25%, tanto para o cenário nacional, como já demonstrado anteriormente nessa pesquisa, como no cenário local, aqui apresentado.

Dentro do setor serviços, o segmento de serviços de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e televisão, o qual se enquadra o setor hoteleiro, também apresenta destaque nos últimos anos (Ver no Gráfico 4). Ressaltamos que os dados para serviço total só estão disponíveis a partir do ano de 2010, devido a nova metodologia. Nesse sentido, é possível identificar a atuação do setor hoteleiro na economia catalana através da sua participação em colaboração com os demais setores produtivos, pois não encontramos dados isolados em relação a taxa de crescimento do emprego para o setor hoteleiro. Vale realçar que o crescimento dos outros setores – como o comércio, extração mineral e indústrias contribuem diretamente para o crescimento do setor hoteleiro atendendo as demandas do turismo de negócios e eventos.

Gráfico 4 - Crescimento do emprego nos serviços de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e televisão – Goiás (1999-2016)



Fonte: IMB/Segplan/MTE/RAIS Catalão, 2017. Org.: FERREIRA, N.S (2018).

Após identificar as diferentes matrizes decorrentes da transformação espacial de Catalão, percebemos que os dados apresentados contribuem para que possamos analisar a relação do setor hoteleiro no município com o processo de ampliação de outros setores ligados à economia global, levando-o ao crescimento também. Através de suas múltiplas esferas, podemos pensar esse movimento partindo de um modo de produção que organiza, produz e projeta sobre o terreno as relações sociais, em movimento dialético e contraditório, a sociedade que se apropria de um espaço preexistente onde a organização anterior se desintegra e o modo de produção integra os resultados. (LEFEBVRE, 2006).

3.3.1 Caracterização de empreendimentos hoteleiros em Catalão (GO)

Catalão (GO) se sobressaiu na dinâmica econômica do Estado de Goiás, conforme apresentamos anteriormente, seja em termos econômicos ou populacionais. O primeiro momento foi marcado pela chegada da ferrovia, posteriormente a instalação das mineradoras no município, além da ampliação da malha viária, que possibilitou intensificar a dinâmica socioeconômica do município. Em 1990 a economia da cidade foi marcada principalmente pela territorialização das indústrias automobilísticas que ganharam destaque no setor industrial. Sua localização estratégica em relação aos grandes centros comerciais e de serviços como Brasília, São Paulo e Minas Gerais, é sempre citada nas pesquisas referentes a

economia e organização da sociedade catalana. A sua rápida industrialização alcançou e transformou a paisagem e a vida cotidiana da população, através da movimentação nos diferentes setores produtivos, fazendo da cidade um polo de desenvolvimento na região do sudeste goiano.

Através de dados compilados na Prefeitura do Município e *in locus* durante a pesquisa de campo, foi possível identificar 24 estabelecimentos de hospedagem na categoria de hotéis e flats ativos (Ver Mapa 2), dentre os 28 registrados desde a década de 1970, apenas 4 encontram-se inativos (Ver Quadro 4). Propusemos o questionário em 16 hotéis, tanto de médio porte quanto de menor porte. Os hotéis pesquisados contabilizam 775 quartos e 1470 leitos e 180 trabalhadoras/es (Ver Quadro 5 ao final do capítulo).

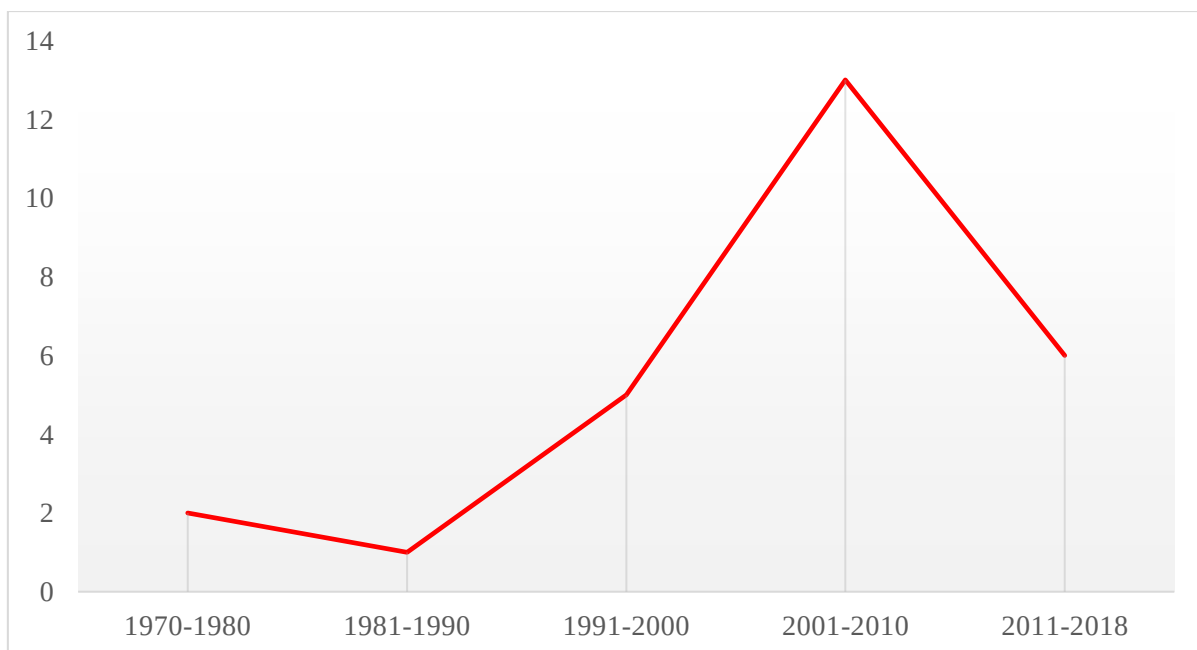
Quadro 4 – Catalão (GO): Hotéis registrados (1970-2018)

HOTEL	ANO DE ABERTURA	SITUAÇÃO
Hotel Irmã Elias	1976	Inativo
Mara Turismo Hotel	1979	Ativo
Julios Hotel	1985	Inativo
Lindoya Hotel	1991	Ativo
Center Hotel	1995	Ativo
Hotel Matriz	1996	Ativo
Champion Hotel	1997	Ativo
Cemarim (Antigo Almeida)	2000	Ativo
Lagos Hotel	2001	Ativo
Hotel DeVille	2002	Ativo
Hotel Santa Terezinha	2002	Inativo
Sgreemy Hotel	2004	Ativo
Hotel e Restaurante Rio Verde	2002	Ativo
San Phillipe Hotel	2003	Ativo
Hotel Pousada Marra (JS)	2004	Ativo
Boulevard Hotel	2004	Ativo
Hotel Avenida	2005	Inativo
Hotel e Restaurante Califórnia	2005	Ativo
Oliveiras Hotel	2009	Ativo

Catalão Palace Hotel	2010	Ativo
Ipê Golden Hotel	2010	Ativo
Hotel Flamboyant	2011	Ativo
Caçula Palace Hotel	2011	Ativo
Golden Hotel	2012	Ativo
Hotel Castellier	2013	Ativo
Ibis	2016	Ativo
Raffas Hotel	1988	Ativo
Bristol	2017	Ativo
Total Ativos	-----	24
Total Inativos		4

Fonte: Prefeitura Municipal de Catalão. Pesquisa de Campo. Org.: FERREIRA, N.S (2018).

Para demonstrar a intensificação do setor hoteleiro, o Gráfico 5 representa a linha de tendência de crescimento, nela é possível observar que o pico está entre os anos 2001 e 2010, com 13 estabelecimentos abertos. Mesmo período em que se acentuam as atividades industriais com a chegada da Mitsubishi (1998) e a John Deere (1999). Silva (2010) aponta a importância de Catalão (GO) para a permanência, estruturação e consolidação dessas montadoras no território nacional. Desse modo, os segmentos que formam as redes tanto da MMC Automotores do Brasil S.A quanto da John Deere e outras indústrias/mineradoras em Catalão, possuem grande relevância nos âmbitos internacional, nacional, regional e local, e se constituem “fornecedores, distribuidores/concessionárias, prestadores de serviços, empresas terceirizadas” (SILVA, 2010, p.34), entre outros segmentos envolvidos no processo produtivo e de circulação das mercadorias, que consolidam o circuito espacial de Catalão.

Gráfico 5 – Catalão (GO): Crescimento do setor hoteleiro por década

Fonte: IBGE/Segplan/IMB (2018). Org.: FERREIRA, N.S (2018).

Percebe-se que a ampliação do setor hoteleiro na cidade está diretamente ligada ao seu desenvolvimento econômico e conseqüentemente ao crescimento populacional; através do Gráfico 5 é possível relacionar o pico do crescimento do setor com o crescimento geométrico populacional exposto na Tabela 3, pois a taxa alcança 3,02% para os anos 2000/2010, a maior entre os três períodos apresentado pelo IBGE/IMG/Segplan, da mesma forma que a oferta de emprego para este segmento no mesmo período também cresce, conforme já apresentado no Gráfico 4, atingindo o pico principalmente entre os anos 2006 a 2008.

Tabela 3 – Catalão (GO): Crescimento geométrico populacional

ANO	TAXA (%)	PERÍODO
1991	3,05	(1980/1991)
2000	1,86	(1991/2000)
2010	3,02	(2000/2010)
2017	2,41	(2010/2017)

Fonte: IBGE/Segplan/IMB (2018). Org.: FERREIRA, N.S (2018).

Identificamos que 70,37% dos estabelecimentos hoteleiros foram abertos entre os anos 2000 a 2017, totalizando 19 hotéis para o período de 17 anos. Quando relacionamos esse crescimento com a economia, encontramos Catalão (GO) entre os maiores PIBs de todos os

setores da economia goiana, ocupando a 5ª posição no ranking (IMB/Segplan/2014), graças a uma indústria forte no mercado de exportação e um setor de serviços e comércio representativo, a agropecuária também é destaque e possui a maior reserva mineral do Estado de Goiás. Conjunto de fatores que sustentam a dinâmica efervescente da (re)produção urbana local.

Na produção capitalista do espaço, a cidade comporta-se como mercadoria, “no processo de mercadificação da cidade o espaço reproduz-se como capital fixo usado por grandes indústrias, proprietários fundiários e especuladores imobiliários” (COSTA, 2010, p.45), nessa mesma lógica estão os empreendedores hoteleiros, os hotéis maiores estão localizados nas áreas centrais, transformando a paisagem urbana e atraindo os consumidores dos seus serviços, que na maioria dos casos também estão a serviço de outras empresas.

Um elemento importante a ser destacado, é a construção de duas grandes redes de empreendimentos hoteleiros, IBIS e Bristol (Foto 1 e 2), que se diferenciam dos hotéis já existentes (exceto o Mara Turismo – Foto 3, que não é rede, mas possui o mesmo padrão) em Catalão (GO) pelo tamanho da estrutura e a forma de oferta de seus serviços. Ambos nos alegaram aplicar oferecer treinamentos periódicos e padronizados para as/os funcionárias/os, que são todos uniformizadas/os estão submetidos a normas de organização e atendimento ao cliente (Pesquisa de campo). Um fato relevante é que 5 dos 16 hotéis pesquisados possui recepcionista bilíngue, dentre estes, os hotéis acima citados (Quadro 5 ao final do capítulo).

Os hotéis estão distribuídos de forma concentrada no perímetro urbano próximo a BR-050 (saída para Brasília/DF e Uberlândia/MG) e Avenida José Marcelino (uma das principais de Catalão), conforme já apresentamos no Mapa 2. A localização do IBIS, Bristol, Cemarim, Caçula Palace, Hotel Ipê, Oliveiras e Mara Turismo são próximas a BR-050 e região do DIMIC enquanto o Golden, Raffas, Flamboyant e Champion estão próximos a GO-030, saída pra Ipameri/GO e Avenida Lamartine Pinto de Avelar, onde está localizada a UFCAT (Universidade Federal de Catalão). Já o Center Hotel, Hotel Matriz, DeVille próximos ao centro e o Lagos Hotel localizam-se próximo à represa do Clube do Povo – um complexo esportivo e de lazer com um lago artificial que é um dos cartões postais da cidade e em uma área valorizada da cidade.

Foto 1 – IBIS Catalão (GO)



Fonte: <https://www.hoteis.com/ho518556096/ibis-catalao-catalao-brasil/>. Acesso em: jan/2018.

Foto 2 – Bristol Catalão (GO)



Fonte: <http://www.blogdacarolchicorsqui.com/2018/01/>. Acesso em: jan/2018.

Foto 3 – Mara Turismo Catalão (GO)



Fonte: <https://www.booking.com/hotel/br/mara-turismo-ltda.pt-br.html>. Acesso em jan/2018.

Há hotéis de menor porte além dessas grandes redes que destacamos, por exemplo, o San Phellipe (Foto 4), também estão espalhados estrategicamente e possuem um valor de diárias mais reduzido, atendem praticamente o mesmo tipo de público, mas com oferta mais barata, quando há eventos acadêmicos ou religiosos, a busca por opções mais acessíveis leva aos menores estabelecimentos. Os valores das diárias individuais variam entre R\$40,00 a R\$230,00 e atendem aos públicos com distintos níveis econômicos. Quanto mais serviços e conforto oferecidos, mais o custo da hospedagem.

Foto 4 – Hotel San Phellipe Catalão (GO)



Fonte: MARTINS, 2016.

Conforme apresentado no Quadro 5, o público alvo de hospedagem, de acordo com a resposta dos/as responsáveis nos hotéis entrevistados, todos disseram que são pessoas ligadas aos “negócios”, embora nos hotéis próximos a UFCAT (recém emancipada UFG/regional Catalão), também relataram receber hóspedes participantes de eventos. Dentre os hóspedes estão: representantes comerciais, empresários, investidores, consultores e profissionais especializados, professores/as, palestrantes, *coachings*, congressistas. Ou seja, constatamos que a maioria vem para cidade a “negócios/trabalho”, principalmente nos setores de comércio, indústria e mineração, eventualmente para workshops e/ou atividades realizadas pelas empresas ou universidades. A Foto 5 mostra um dos hotéis que possui sala de reuniões para seus clientes.

Foto 5 – Sala de reuniões do Bristol Hotel Catalão (GO)



Fonte: <http://www.bristolhotels.com.br/bristolcatalao/bem-vindo-ao-bristol-catalao-hotel>. Acesso em: jan/2018.

Por fim, como importante observação que condiz com as análises sobre o recorte de gênero no setor hoteleiro, quando perguntamos qual o perfil dos/as hóspedes, novamente foi unânime a resposta: “maioria homens”, ou seja, “homens de negócios”. É evidente que mulheres também se hospedam nos hotéis da cidade, no entanto temos uma característica clara quanto à divisão sexual do trabalho também em relação aos clientes dos hotéis, que são representantes comerciais, empresários, palestrantes. Diante disso, percebemos que em cargos de maior “relevância”, liderança e representatividade, ainda estão concentrados pessoas do sexo masculino.

No mês de outubro a cidade recebe turistas e comerciantes com suas “barraquinhas” para participação na tradicional Festa do Rosário com as Congadas, sendo um evento cultural que acontece desde a criação do município há mais de 153 anos, e que também pode

contribuir com o fluxo de hospedagem nesse período, no entanto, nenhum dos hotéis classificou o período da Festa como destaque para o setor. Entendemos que o motivo seja o custo elevado de diárias, haja vista que a “Feira do Rosário” dura em torno 15 dias. Os comerciantes ficam alojados em suas próprias barracas e não em hotéis, e mesmo a festa sendo um grande evento local, não atrai muitas pessoas “de fora”, comparadas as festas tradicionais de outras cidades goianas.

No que se refere à infraestrutura dos hotéis, estes têm a característica central de atender as necessidades básicas dos clientes quando estão fora de suas casas (comer, descansar, dormir, tomar banho). Portanto, visando mais lucro e praticidade, e atendendo os padrões de qualidade, os hotéis pesquisados de Catalão contam com serviços objetivos e direcionados ao setor de negócios. Diferentemente da hotelaria para o turismo, em que o conforto, a diversidade de serviços e o lazer são prioridades, em Catalão (GO), o setor hoteleiro tem foco na praticidade e preços acessíveis, para favorecer as empresas, executivos e palestrantes que vêm a trabalho para a região.

O turismo de negócios e eventos contribui notadamente para economia local, fortalecendo não apenas o lucro dos hotéis, mas também influenciando na (re)produção do espaço urbano ao garantir suporte necessário para as indústrias, empresas e pessoas envolvidas com os setores que mais geram receita para o município, além disso, também consomem em outros estabelecimentos comerciais da cidade como restaurantes, supermercados, lojas de souvenirs, bares, lanchonetes, entre outros. O único hotel que não oferece café da manhã incluso na diária é o IBIS, mas, é possível pagar a parte por este serviço.

Os hotéis de Catalão são caracterizados de acordo com a definição do Ministério do Turismo como de médio porte, pois possuem menos de 150 apartamentos, sendo o maior deles com 145 apartamentos (Bristol – Foto 2), os hotéis de pequeno porte são definidos por pousadas e/ou com acomodações mais simples e são ocupados basicamente por viajantes itinerantes. A demanda hoteleira busca atender as necessidades populacionais da própria cidade/região e também de outras regiões.

Nessa pesquisa de campo, percebe-se que há um aumento nos investimentos financeiros do setor, principalmente com a vinda de grandes redes, bem como as taxas de ocupação, que seguem o fluxo da semana (Ver Quadro 5). Teve-se o retorno positivo para os anos de 2015 e 2016, ou seja, a taxa de ocupação dos leitos foi considerada boa pela maioria dos empreendedores hoteleiros. Isso implica que, os leitos foram ocupados regularmente,

oferecendo retorno de lucro tanto para os empresários quanto para a arrecadação do município.

Quando perguntados sobre os meses de menor ocupação nos hotéis foi respondido ser em janeiro, fevereiro, julho e dezembro, justamente os meses de férias escolares e alta temporada, que Catalão (GO) apresentaram baixa taxa de ocupação, confirmando que o foco é o segmento do turismo de negócios e eventos. O foco desses clientes também não é no final de semana e sim os dias e horários comerciais, visto no Quadro 5, em que é possível identificar os dias da semana de maior fluxo entre segunda-feira e sexta-feira, elemento que contribui para identificação das hospedagens estarem articuladas com o ramo de negócios. Outro indicativo é o valor das diárias, que são mais caras durante a semana e mais baratas no fim de semana, estratégia de lucro articulada com base na grande procura por esses dias.

Quanto à mão de obra empregada, registrou-se nos hotéis pesquisados um total de 182 trabalhadoras/es, sendo 131 mulheres e 51 homens, conforme apresentado na Quadro 5. No caso, em todos eles há maioria de mulheres empregadas, caracterizando o setor hoteleiro como um setor que emprega majoritariamente mulheres. Entende-se que a preferência por empregar mulheres tem a ver com a construção histórico-social dos papéis de gênero determinados em nossa sociedade, o qual tem levado a padrões de segregação ocupacional, concentrando o trabalho de mulheres principalmente em atividades ditas “femininas”, como aos cuidados, saúde, serviços pessoais, limpeza, organização. Buscamos identificar os elementos que caracterizam essa diferença e para tal, adentraremos nessa questão no próximo capítulo.

Pode-se dizer que o setor hoteleiro em Catalão atende um público específico e se desenvolveu no decorrer nas últimas décadas de forma direcionada à dinâmica reprodutiva do espaço urbano em Catalão, conforme as demandas da produção capitalista local. O setor se desenvolve concomitantemente com os outros setores produtivos e apresenta dependência deles, já os empreendimentos estão diretamente ligados ao setor de negócios.

Quadro 5 – Dados sobre hotéis pesquisados em 2017

Hotéis	Ano de Abertura	Valor da diária individual (R\$)	Café da Manhã incluso	Total de Quartos	Total de leitos	Com Acessibilidade	Possui auditório/sala de reuniões?	Total de funcionários (as)	Total de homens	Total de mulheres	Recepcionista bilíngue	Público alvo para hospedagem	Perfil Hóspedes	Dias da semana de maior ocupação
Mara Turismo	1979	230	Sim	65	180	Sim	Sim	30	10	20	Sim	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Bristol	2017	154	Sim	145	239	Sim	Sim	28	12	16	Sim	Negócios	Homem	Seg. à Qui
De Ville	2002	160	Sim	54	100	Sim	Sim	16	5	11	Sim	Negócios	Homem	Seg. à Qui
IBIS	2016	149	Não	88	184	Sim	Não	20	3	17	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Flamboyant	2011	100	Sim	53	80	Sim	Sim	13	4	9	Sim	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Champion	1997	100	Sim	72	122	Sim	Não	20	4	16	Sim	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Golden Hotel	2012	80	Sim	38	72	Não	Sim	14	5	9	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Oliveiras Hotel	2009	70	Sim	35	74	Não	Não	6	1	5	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Lago's	2001	60	Sim	60	120	Não	Sim	9	3	6	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Raffas 2	1988	60	Sim	21	25	Sim	Não	6	0	6	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Raffas 1	1988	45	Sim	27	31	Sim	Não	4	1	3	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Castellier	2013	55	Sim	21	40	Não	Não	2	0	2	Não	Negócios	Homem	Seg. à Qui
Cemarin	2000	65	Sim	50	120	Sim	Não	9	2	7	Não	Negócios	Homem	Seg. à Qui
Sgremmy	2004	55	Sim	13	22	Sim	Não	2	0	2	Não	Negócios	Homem	Seg. à Ter
San Phellipe	2003	40	Sim	19	33	Sim	Não	1	0	1	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex
Hotel Matriz	1996	40	Sim	14	28	Sim	Não	2	1	1	Não	Negócios	Homem	Seg. à Sex

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017. Org.: FERREIRA, N.S (2018).

4 O TRABALHO DAS MULHERES NOS HOTÉIS: EMANCIPAÇÃO E/OU PRECARIZAÇÃO?

O capitalismo carregou para os ombros da mulher trabalhadora uma carga que a esmaga; a converteu em operária, sem aliviá-la de seus cuidados de dona de casa e mãe. Portanto, a mulher se esgota como consequência dessa tripla e insuportável carga que com frequência expressa com gritos de dor e lágrimas.

Kollontai

É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta

Simone de Beauvoir

A discussão aprofundada nos primeiros capítulos é parte estruturante do movimento que resulta na possibilidade de interpretar a realidade. Seguindo esse movimento, que é dialético, pretendeu-se neste capítulo compreender as relações estabelecidas entre os elementos característicos do mundo do trabalho, seus novos conteúdos e comportamentos constituídos sob a égide do mercado, e como estas relações podem levar a condição da mulher à emancipação ou apenas a uma nova roupagem da precarização do trabalho e consequentemente da vida.

O caminho percorrido até esta etapa da pesquisa permitiu os seguintes questionamentos: Seria possível observar a emancipação e a precarização presentes na vida cotidiana, ao refletirmos sobre a contribuição das lutas feministas para as mulheres, principalmente as que trabalham também fora do espaço doméstico? Considerando a mão de obra feminina elementar no processo de produção capitalista, de que forma as mulheres trabalhadoras produzem e ocupam o espaço urbano? Como se dá a reprodução da vida das mulheres trabalhadoras no espaço?

Optamos por discutir a base material que sustenta, transforma e é transformada pelo trabalho, daí a necessária caracterização e problematização da reestruturação produtiva do capital – sustentada sobre as bases do patriarcado – a partir de um olhar que contemple este significado na construção do sentido do trabalho feminino no setor hoteleiro do município de Catalão (GO).

Compreendeu-se, de acordo com Lefebvre (1991), que o tripé da sociedade capitalista globalizada consiste: no **Estado**, enquanto dominação política (através do seu alinhamento com o grande capital); no **capital** com as suas estratégias estruturais de reprodução continuada, entre elas a manutenção do patriarcado, e nos **sujeitos sociais** vinculados à reprodução da vida, através do espaço como condição, meio e produto de sua ação. As relações que envolvem toda a sociedade realizam-se no plano do *lugar* e em tempos históricos distintos, “expondo a realização da vida humana nos atos da vida cotidiana, como um modo de apropriação que se realiza através das formas e possibilidades da apropriação e do uso dos espaços-tempos no interior da vida cotidiana.” (CARLOS, 2013, p.64).

Carlos (2001, p.328) aponta para uma contradição existente entre o tempo da vida – expresso na vida cotidiana e que determinam as relações sociais – e o de transformação da cidade, que produz no mundo moderno “formas sempre fluidas e sempre cambiantes que podem ser entendidas, em toda a sua extensão, no lugar, nos atos da vida cotidiana, revelando no horizonte nova articulação entre espaço e tempo”. A morfologia da vida urbana transforma-se rapidamente, a lógica da sociedade produtivista aparece na vida cotidiana como drama “na medida em que novos modos de uso do espaço limitam suas possibilidades, reduzindo-o” (CARLOS, 2001, p.329).

Caminhou-se, portanto, para o entendimento da (re)produção do espaço para além do plano econômico, abrindo-se para a compreensão da condição da mulher trabalhadora na atualidade em seu movimento mais amplo, sob aspectos políticos, de reprodução e ação, englobando o mundo do trabalho e a vida cotidiana, pois entendemos que cada novo momento histórico é criador de um novo espaço que possa superar as dificuldades do momento anterior ou reconfigurar as desigualdades.

Os elementos da reestruturação produtiva do capital alcançam e reconfiguram a dinâmica da cidade de Catalão (GO) de forma mais intensa em meados da década de 1990 com a vinda das empresas montadoras automotivas (MMC Motors) e de máquinas agrícolas (John Deere), entre outras atuantes nos diferentes setores produtivos. O processo de expansão industrial transformou a paisagem e a vida cotidiana das/os moradoras/es do município, movimentando significativamente o setor de serviços, colocando a cidade em posição de destaque em relação a sua microrregião, como já vimos anteriormente. É importante ressaltar que um dos mecanismos mais comuns de flexibilização do trabalho, principalmente, no ramo da prestação de serviços é a terceirização. Trata-se de uma das estratégias do capitalismo para “enxugar setores da grande indústria como limpeza, vigilância, alimentação, manutenção de

áreas externas, divulgação dos produtos da indústria, atendimento ao consumidor entre outras funções” (COSTA, 2016, p.220), e que pode intensificar a precarização da classe trabalhadora.

Mesmo a terceirização ainda não atingindo diretamente o setor hoteleiro, onde foi observado que todas as trabalhadoras dos hotéis pesquisados possuem vínculo empregatício diretamente com o empreendimento, pesquisas realizadas por Costa (2017) mostram que grande parte da mão de obra feminina em Catalão (GO) está empregada nas áreas de limpeza, cuidados, educação, atendimento, que (terceirizados ou não) são também majoritariamente precarizados, em tempo parcial e através de subcontratações.

O trabalho no setor hoteleiro mostra-se predominante feminino tanto em escala nacional quanto local e, diante disso, procurou-se compreender as nuances desse trabalho frente a situação da mulher na sociedade capitalista patriarcal. Para tal, fizemos um contato inicial com a gerência de sete (7) hotéis onde se apresenta as intenções dessa pesquisa, sendo bem acolhida por alguns estabelecimentos e com recusa apenas do Lindoya Hotel. Posteriormente, retornei para distribuição e proposição de oitenta e um (81) questionários, referente ao total de trabalhadoras destes hotéis, e indiquei para as mulheres que o levassem para responder em casa - pois devido à sua extensão poderia ocupar horário de expediente e gerar algum desconforto no local de trabalho para as mesmas. Retornei para recolher os questionários preenchidos após duas semanas, o qual tive retorno de apenas 35 trabalhadoras de diversas funções em seis hotéis, sendo eles IBIS, Mara Turismo, Bristol, Cemarim, Oliveiras e Champion.

Os cargos ocupados pelas mulheres, de acordo com os questionários, são distribuídos conforme as seguintes funções: camareira, recepcionista, cozinheira, ajudante de serviços gerais e limpeza, copeira, compradora, controller²⁹, agente de vendas/reservas e gerente. Convidamos as trabalhadoras para participarem da segunda etapa da pesquisa (entrevista), e percebemos que a maioria se sentiu insegura em expor sua realidade e sofrer algum tipo de intimidação no trabalho, conforme alegado por elas, o que dificultou, em partes, a análise sobre o cotidiano das mesmas, fora do espaço de trabalho. Nos hotéis Bristol e Champion, nenhuma das camareiras se dispôs a responder o questionário nem participar da entrevista, no segundo, as mesmas alegaram que havia “*muita coisa para ler*” e por não possuírem o hábito da leitura não quiseram nem receber o questionário, outras relataram “*falta de tempo*”.

²⁹ Controller analisa e interpreta as informações contábeis de uma empresa. Sua função é reduzir as perdas e maximizar os lucros. Esse/a profissional precisa ter conhecimentos em administração e contabilidade. Disponível em: < www.catho.com.br/profissoes/controller/>. Acesso em 02/03/2018.

São reconhecidas possíveis falhas metodológicas, principalmente, quanto à abordagem escolhida para com as trabalhadoras. No entanto, compreendi que tive dificuldade em conseguir relatos quando se tratava das condições de trabalho e exposição da vida cotidiana. Principalmente, diante da conjuntura político-econômica e aumento do desemprego e informalidade, ou seja, qualquer possibilidade de ameaça à segurança no trabalho poderia eu ser bloqueada. Porém, mesmo com a ríspida recepção de algumas dessas mulheres duas delas foram entrevistadas. Ao alegarem “*falta de tempo*”, essas mulheres permitiram fazer uma profunda reflexão sobre o significado dessa ausência de tempo para as trabalhadoras, isso será discorrido melhor nas considerações finais. As entrevistas foram realizadas com horário marcado, uma após o expediente e outra via áudios no *Whatsapp*.

Diante disso, foram priorizados os dados construídos a partir dos questionários respondidos e entrevistas realizadas na pesquisa de campo, como também das observações registradas no diário de campo. Aprofundei nas discussões sobre trabalho e gênero no espaço urbano de Catalão (GO), considerando a divisão sexual do trabalho desigual nos moldes do modo capitalista de produção e também abordei o conceito de vida cotidiana, segundo o pensamento de Lefebvre (1991) e Carlos (2001). Um fator ainda inerente à condição da mulher, que precisa ser permanentemente considerado nas análises sobre o trabalho feminino é a carga desigual em relação ao trabalho doméstico, um peso que recaí sobre a maioria das mulheres que contribuíram para a intensificação da precariedade da vida cotidiana, adentraremos a esse assunto a seguir.

4.1 Espaço reprodutivo e espaço produtivo: a condição da mulher trabalhadora

Ao resgatar o papel histórico destinado às mulheres, após o aparecimento da família patriarcal, ocorre uma substituição das tarefas coletivas comuns à estrutura comunitária para um processo de individualização do trabalho centrado na mulher. Seu espaço de trabalho passa a ser delimitado dentro da esfera doméstica, pois as mulheres seriam as principais responsáveis tanto pela subsistência quanto pela reprodução da vida de seus maridos/cônjuges e crianças. Nogueira (2010) retrata a primeira manifestação da propriedade ao buscar Marx e Engels, na obra *A ideologia alemã*. Para a autora,

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos, ao que Engels acrescentou, na *Origem da família da propriedade privada e do Estado*, que o primeiro antagonismo de classes que apareceu na História coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o

homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (NOGUEIRA, 2010, p. 174, grifos da autora).

Em conformidade, verifica-se que a responsabilidade familiar é designada às mulheres pela criação dos/as filhos/as e cuidados com a casa, que envolve: cozinhar, limpar, organizar, prática ainda mantida na atual sociedade de classes, pois quando o homem sai para trabalhar em outro espaço, a mulher fica com as tarefas domésticas para si. Seguindo o viés, a monogamia se trata de um fundamento para garantir a propriedade privada do lar, pois mantém através do casamento monogâmico as mulheres na obrigação familiar, cuidando da casa, dos/as filhos/as e do marido, configurando assim a família tradicional, pois, para o sistema capitalista, é importante que o trabalhador tenha um lar “estruturado” para retornar e descansar até o próximo dia de trabalho.

A divisão social e doméstica do trabalho é historicamente específica, o espaço reprodutivo é constituído como o reino das mulheres que cuidam da família para garantir o trabalho do homem e a criação das crianças, é também “[...] um lugar de submissão às regras industriais e a ‘dona de casa’, uma reprodutora da lógica do capital” (NOGUEIRA, 2006, p.171). Essa “regra” permanece até os tempos atuais, onde é possível perceber que mesmo após a intensa inserção da mulher no mercado de trabalho formal e as mudanças no mundo do trabalho ocasionadas pela reestruturação produtiva do capital, a divisão sexual do trabalho permanece dentro da superestrutura do patriarcado.

Sabe-se que a divisão social e sexual do trabalho está presente na sociedade em séculos que antecedem a Era Cristã, de acordo com Nogueira (2006), tanto a mulher livre quanto a mulher escrava, elas tinham seu espaço de trabalho reservado na esfera doméstica, sendo responsáveis pela manutenção da subsistência de homens e crianças. Com o surgimento do proletariado feminino, após a Revolução Industrial, e intensa urbanização ocasionada pela migração do campo-cidade, o trabalho doméstico remunerado passa a ser exercido principalmente pelas mulheres mais pobres que trabalhavam nas casas de outras mulheres pertencentes à burguesia. (NOGUEIRA, 2006, p. 25).

Em etapas posteriores de desenvolvimento industrial, no século XIX, a mulher foi inserida de forma desigual ao contingente proletário, pois, se mantinham responsáveis pelos afazeres domésticos e deveres familiares, ao mesmo tempo em que se inseria de forma precarizada no trabalho social assalariado, configurando a estrutura familiar como primeira forma de propriedade, em que as relações são baseadas na escravidão doméstica e na subserviência da mulher e filhos/as ao marido. Haug (2006, p.317), a partir de sua leitura

marxista sobre a diferenciação dos sexos em suas relações desiguais no sistema capitalista conclui que “aquele que realiza trabalho doméstico é sempre dominado por quem tem seu papel fora do lar e que, portanto, a divisão entre trabalho assalariado e trabalho doméstico promove um padrão de dominação nas relações de gênero”. Confere-se, portanto, uma contradição na proletarização das mulheres: insere-se na sociedade salarial, contudo o processo de trabalho doméstico não é alterado em sua essência, gerando assim duplas jornadas.

Quando a mulher sai do espaço reprodutivo para o espaço produtivo, “as tarefas domésticas continuam reservadas exclusivamente a ela, compondo a família operária patriarcal: marido provedor e esposa provedora complementar e dona de casa” (NOGUEIRA, 2006, p. 26). Complementar porque os salários pagos às mulheres sempre foram mais baixos na maioria dos casos, mesmo quando realizam as mesmas funções que os homens. Antunes (2009) afirma que a divisão sexual do trabalho operada pelo capitalismo no espaço industrial, cujas atividades desenvolvidas são baseadas em capital intensivo, é preenchida pelo trabalho masculino e as atividades de menor qualificação de trabalho intensivo são destinadas às mulheres. Portanto, historicamente as mulheres sempre estiveram em situação de desigualdade e as relações sociais capitalistas legitimaram uma relação de subordinação em relação ao homem, mantida até hoje com diferentes nuances sob a égide do patriarcado.

A opressão da mulher e a existência da família são fatos que antecedem o sistema capitalista, nenhuma das duas nasceu com o capitalismo, mas este as herdou dos regimes anteriores. Ao impor a produção e consumo massivos, ele destrói o velho sistema familiar e incorpora as mulheres à produção, colocando-a junto ao homem na condição de proletariado. No entanto, ao passo que o capitalismo abre as portas para as mulheres, se aproveita de sua opressão para pagar salários menores, utilizá-las nos piores serviços, despedi-las com mais facilidade em momentos de crise e ao mesmo tempo, o peso do trabalho doméstico continua recaindo sobre estas, quando persiste em um modelo baseado na imagem tradicional da mulher como cuidadora principal das necessidades da família.

Os papéis hierárquicos encontram-se mantidos em muitas casas, mesmo as mulheres da família contemporânea, seja heteronormativa, monoparental ou homoafetiva, que as “elevou” à condição de chefes de família, dispendem grande parte da sua jornada semanal com atividades domésticas. Segundo o estudo *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das*

*mulheres no Brasil*³⁰, publicado pelo IBGE no ano de 2018, em 2016 as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens (18,1 horas contra 10,5 horas, respectivamente). O fato das mulheres terem uma carga horária de afazeres domésticos muito maiores que os homens as condicionam em muitos casos, a trabalhar em carga horária reduzida e/ou flexível, abrindo assim possibilidades maiores para uma entrada subordinada no mercado de trabalho. Ou mesmo, caso sejam inseridas na jornada regulamentada como referência, ou padrão, sofram as tensões provenientes das responsabilidades de outros aspectos da vida cotidiana, como observei na rotina das trabalhadoras do setor hoteleiro pesquisado.

A jornada de trabalho das trabalhadoras pesquisadas é variável, no entanto, 22 delas afirmaram trabalhar no turno diurno com jornada integral de 8 horas; sete em jornada parcial de 6 horas no período matutino; uma mulher no período noturno com jornada integral de 8 horas, sendo esta, cozinheira que organiza e prepara as refeições para o café da manhã juntamente com uma assistente de cozinha que não quis participar da nossa pesquisa e, portanto, não está contabilizada nos dados; uma mulher no período vespertino e quatro em turno rotativo integral de 8 horas variando os dias de trabalho conforme a escala 12h por 24h. Conforme disposto no Quadro 6:

Quadro 6 – Mulheres: turno de trabalho ocupado no setor hoteleiro em Catalão (GO)

TURNO DE TRABALHO					
Diurno	Matutino	Vespertino	Noturno	Rotativo	Total
22	7	1	1	4	35

Fonte: Questionário (2017). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Partiu-se do princípio que um hotel deve funcionar 24 horas por dia, ininterruptamente, ao menos a recepção e segurança. De acordo com os relatos colhidos, existe uma prática aderida pela hotelaria em relação aos turnos. Para quem trabalha durante o dia, a entrada é às 7:00 horas, para quem trabalha a noite a entrada é às 23:00 horas. As jornadas são distribuídas em três turnos, sendo eles: 1º turno das 07:00 horas às 15:00 horas; 2º turno das 15:00 horas às 23:00 horas e o 3º turno das 23:00 horas às 7:00 horas. Nem

³⁰ Em 2014, o IBGE, no âmbito do Sistema Nacional de Informações de Gênero, elaborou, em convênio com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, um estudo sobre estatísticas de gênero baseado principalmente nos resultados do Censo Demográfico 2010. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=288941>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

todos os hotéis seguem essa regra, mas alguns, sim. Em Catalão (GO), o IBIS, Mara Turismo, Bristol, Cemarim, Champion, que são hotéis maiores disseram manter esse horário de funcionamento.

Mesmo com menor contingente, em todos os hotéis pesquisados há pessoas trabalhando a noite. Na escala rotativa de 12h por 24h e jornada noturna, cumprem principalmente as recepcionistas e seguranças, neste caso, identifiquei também uma trabalhadora do turno noturno que trabalha na cozinha. Esse tipo de jornada configura precarização do trabalho, pois rompe com o ritmo biológico do/a trabalhador/a, além de interferir nas atividades cotidianas, afetando principalmente a rotina das mulheres. Considerando o fardo doméstico da dupla jornada, a mulher que trabalha a noite sofre um impacto ainda maior, pois durante o dia ela terá que cuidar das tarefas domésticas, resolver pendências, cuidar dos/as filhos/as (quando os têm), enfim, dificilmente ela poderá descansar um sono de 8 horas corridas, como recomendado por profissionais para garantir um bom funcionamento do metabolismo. Além disso, lhe faltará tempo para assuntos pessoais e atividades de lazer, como relatou uma das trabalhadoras que trabalha no matutino e utiliza o período da noite para realizar um trabalho extra.

“Eu trabalho de dia e a noite do fim das contas, porque a tarde, depois que saio do serviço, tem muita coisa para resolver, tenho que aproveitar cada minuto que me sobra para conseguir organizar minha casa e minha vida. Eu durmo em torno de 4 a 6 horas por dia, e as vezes esse tempo é dividido. Nosso corpo vai se adaptando, mas eu me sinto muito cansada as vezes. ” (Maria³¹)

As visitas realizadas durante a pesquisa de campo para observação e registros no diário de campo, apontam que há um grande número de mulheres que trabalham nos horários apresentados, sendo que há mulheres trabalhando a noite toda, outras em meio período, outras em período integral. Para além dos dados levantados, percebi que nos três turnos, sempre há mulheres escaladas. Os contrapontos expostos em relação ao trabalho em período noturno nos levam a refletir sobre o marcador tempo e os elementos da miséria cotidiana que o mundo do trabalho proporciona à mulher, incluindo diversas privações, como exemplo, estar com a família e usufruir de momentos de lazer e descanso.

Um estudo intitulado *Retrato das Desigualdades de Gênero e de Raça – 1995 a 2015* (IPEA; ONU Mulheres, 2017, p.4), refere-se ao marcador uso do tempo, somando o tempo dedicado ao trabalho remunerado com o tempo dedicado ao trabalho doméstico não-

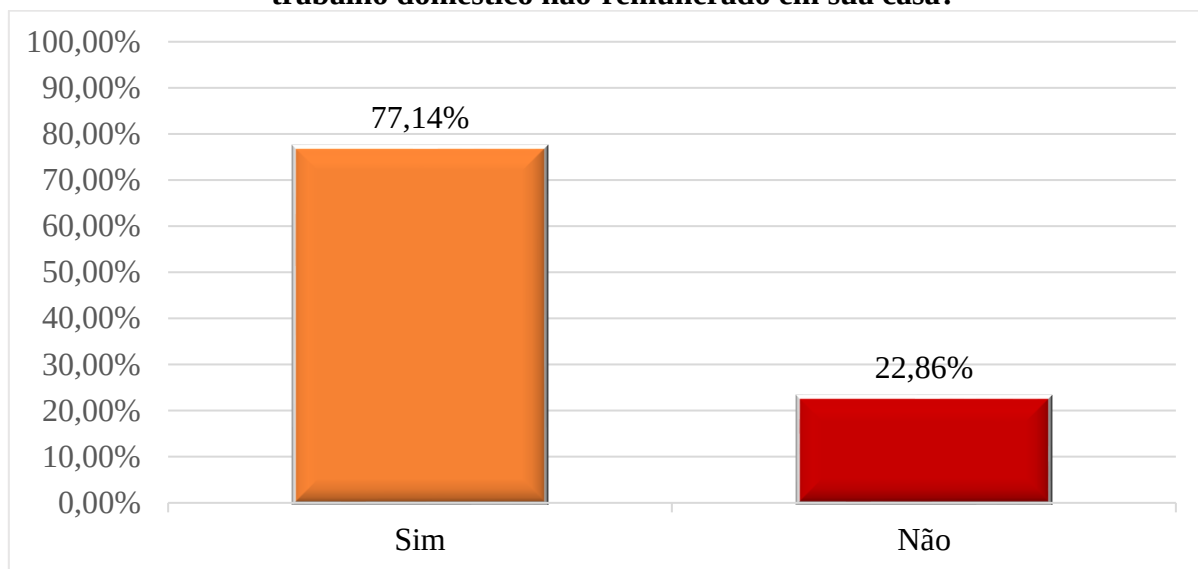
³¹ Todos os nomes mencionados nas falas descritas são fictícios, visando resguardar a identidade e a privacidade das entrevistas, em conformidade com o documento de aprovação do Comitê de Ética.

remunerado, e revela que as mulheres brasileiras trabalham, em média, 7,5 horas semanais a mais que homens, mesmo ocupando empregos de tempo parcial. Em 2015, a jornada total média das mulheres era de 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas. Mais de 90% das mulheres declararam realizar atividades domésticas não-remuneradas, proporção que se manteve quase inalterada ao longo de 20 anos (entre 94% e 91%), assim como a dos homens (em torno de 50%). Observamos esta mesma realidade com as mulheres pesquisadas, quando muitas delas nos relataram que são as responsáveis pelo trabalho doméstico.

Nogueira (2006, p.31) lembra que “[...] apesar do aumento da inserção da mulher no espaço produtivo, as chamadas tarefas domésticas ainda estão reservadas para ela” e este trabalho em jornada dupla ou até mesmo tripla, alcança e torna, também, a vida cotidiana precarizada, onde as mulheres têm pouco ou nenhum tempo destinado ao lazer, ao cuidar de si, ao descanso de tão envolvidas com os cuidados aos outros e as tarefas rotineiras características do trabalho doméstico.

Nos questionários preenchidos pelas trabalhadoras do setor hoteleiro de Catalão (GO) vimos realidade semelhante. Conforme apresentado no Gráfico 6, do total de mulheres participantes, 27 afirmaram ser responsáveis pela maior parte das atividades domésticas, totalizando 77,14% das respostas. Estas mulheres possuem idade entre 19 a 64 anos e todas as que estão casadas se enquadram nesse grupo, enquanto 8 afirmaram não serem responsáveis pelas atividades domésticas em seus lares, ou seja, apenas 22,86%, entre elas, estão mulheres na faixa etária de 19 a 26 anos, todas moram com 3 pessoas ou mais e apenas duas possuem filhos/as. É certo que há alguém responsável pelo trabalho doméstico não-remunerado e como moram em família, provavelmente a responsável é outra mulher, que pode ser a mãe, irmã, avó, tia dessa jovem trabalhadora, ou quando há trabalho doméstico remunerado, o perfil neste segmento é predominante de mulheres, afrodescendentes de baixa escolaridade (IPEA; ONU Mulheres, 2017).

Gráfico 6 – Trabalhadoras do setor hoteleiro – Catalão (GO): você é responsável pelo trabalho doméstico não-remunerado em sua casa?

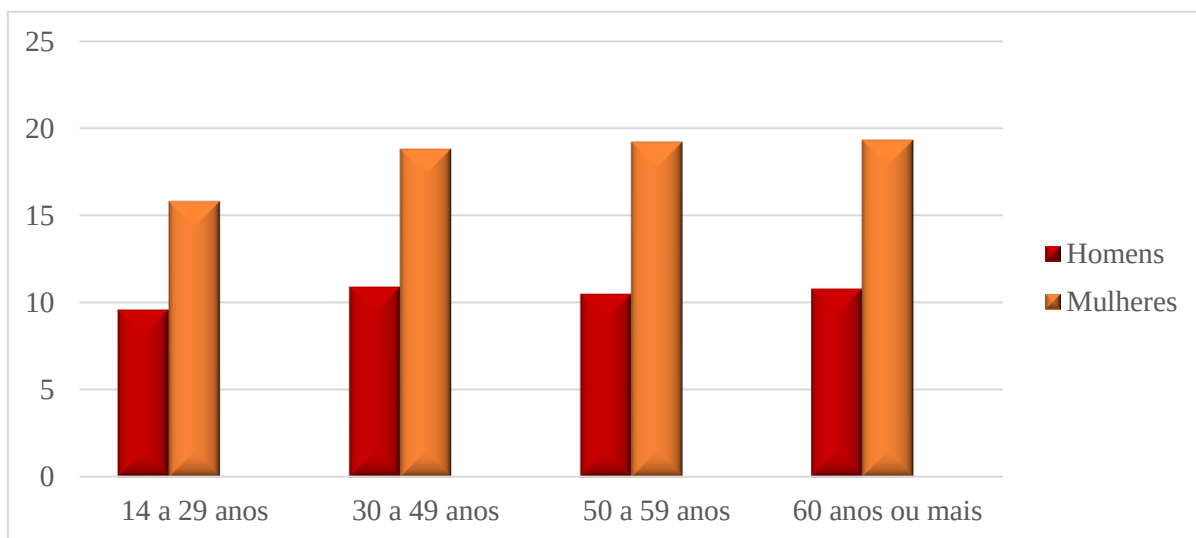


Fonte: Questionários (2017). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

O fato de mulheres casadas responderem que são as principais responsáveis pelas atividades domésticas chama a atenção, pois revela que em seu cotidiano a desigualdade de gênero no espaço reprodutivo é latente e representa a naturalização dos papéis de gênero. Isso demonstra a efetividade do casamento para a opressão e abuso do trabalho feminino. Este elemento nos leva a refletir sobre o marcador idade e como a carga doméstica pode aumentar de acordo com este marcador, conforme mostraremos adiante.

Mesmo com as transformações no mundo do trabalho em relação à perspectiva de gênero e as mudanças ocorridas no plano sociopolítico e econômico ligadas ao processo de globalização capitalista como o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho; crescente escolarização; redução da fecundidade; disseminação de métodos contraceptivos e maior acesso à informação, as mulheres continuam dedicando mais tempo às tarefas domésticas, e esse tempo aumenta conforme a idade, ou seja, quanto maior a idade mais tempo de trabalho doméstico não-remunerado (IBGE, 2018), conforme demonstrado no Gráfico 7:

Gráfico 7 – Uso do tempo dedicado aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por pessoas ocupadas, por sexo (horas semanais)



Fonte: IBGE, Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, 2018. Org.: FERREIRA, N.S. (2018)

Essa realidade também pôde ser observada com as mulheres que entrevistamos. Quando perguntei a elas como são distribuídas as tarefas domésticas nos seus lares, uma das mais jovens entrevistadas disse o seguinte: *“é a minha mãe que arruma a casa e faz comida, eu ajudo nos fins de semana, porque além do trabalho eu também estudo a noite, faço faculdade, mas nos finais de semana eu ajudo ela”* (Joana). Aqui percebi que a entrevistada não é responsável pelo trabalho doméstico de sua casa, contudo outra mulher assume esse papel.

Uma camareira, com idade entre 50 a 59 anos, também afirmou ser responsável pela maioria das tarefas do lar, alegou que seu companheiro também trabalha fora, mas costuma “ajudar” em alguma coisa. Disse: *“Ele gosta de assar uma carne de vez em quando e fazer um peixe lá, mas quem limpa a cozinha depois sou eu. Ele também lava o carro e concerta algumas coisas em casa, essa parte fica com ele, as outras coisas sou eu que faço”* (Lúcia). Na mesma perspectiva, a trabalhadora dos serviços gerais, com idade entre 30 e 49 anos, também afirmou realizar a maior parte das tarefas de casa, alegando: *“Lá em casa eu que faço a maioria das coisas, não aguento ver a casa bagunçada e esperar outra pessoa arrumar, eu já pego logo e ajeto. Tem umas coisas que meu marido não faz de jeito nenhum, como colocar a roupa para lavar e pendurar no varal, limpar a cozinha e lavar as vasilhas, de vez em quando ele joga uma água na garagem e na área”* (Maria).

O fato é que, as mulheres de maior idade realizam mais tarefas domésticas que as de menor idade e os homens, como demonstrado no Gráfico 7. Ou seja, com o passar dos anos há

um reforço exercido cotidianamente através das tarefas rotineiras do lar de que os cuidados domésticos é tarefa feminina. Não se pode então, estabelecer nenhuma afirmação sobre a jovem que hoje não realizada a maior parte dos trabalhos domésticos como uma possibilidade em construção de que mulheres terão este quadro revertido a curto prazo, pois a própria fala da entrevistada foi categórica em afirmar que outra mulher assumiu a responsabilidade: uma alteração geracional, mas manutenção da estrutura patriarcal.

A naturalização dos papéis femininos pelas próprias mulheres revela-se ao não reclamarem ou questionarem essa desigualdade, e entendemos que essa naturalização parte de uma construção social histórica na criação das meninas e meninos, fundada no patriarcado, em que Beauvoir disserta primorosamente:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *outro*. [...] Grande parte do trabalho doméstico pode ser realizado por uma menina muito criança; habitualmente dele os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se mesmo à irmã, que varra, tire o pó, limpe os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa. A irmã mais velha, em particular, é assim amiúde associada às tarefas maternas. Por comodidade, hostilidade ou sadismo, a mãe descarrega nela boa parte de suas funções; ela é então precocemente integrada no universo da seriedade; o sentido de sua importância ajudá-la-á a assumir sua feminilidade, mas a gratuidade feliz, a despreocupação infantil são-lhe-recusadas. Mulher antes da idade, ela conhece cedo demais os limites que essa especificação impõe ao ser humano. (1967, pp. 9-27, grifo da autora)

As falas e dados descritos evidenciam a forma como o trabalho doméstico é naturalizado também pelas próprias mulheres, e como esta naturalização agrega sobrecarga de trabalho às mulheres de forma explicitamente desigual. Os atos de tomar iniciativa em certas atividades como: limpar a cozinha, lavar e passar roupas, limpar fogão, varrer a casa, etc., revelam que se elas não os fazem, ninguém fará, essas práticas da vida cotidiana estabelecem uma configuração desarmônica na distribuição das tarefas do lar, em que homens e mulheres assumem durante a sua convivência matrimonial. Aqui a divisão sexual do trabalho doméstico pode parecer hierárquica, e a mulher assume uma posição de “liderança”, ou como denominadas atualmente “chefes do lar”, em que inversamente na sua essência não passa da reprodução de um ambiente de servidão e submissão, atinente ao patriarcado.

No âmbito do espaço produtivo, a divisão sexual desigual do trabalho, aparece quando verificamos a mão de obra feminina concentrada nos trabalhos ajustados aos papéis sociais determinados como femininos, ou seja, que remetem funções ligadas à atividade doméstica e

cuidados com pessoas, como por exemplo: limpeza, higiene, arrumação, organização, ensino, etc., e são amplamente majoritária nas ocupações – formais e informais – de tempo parcial, jornadas flexíveis e em postos de trabalho sujeitos a desvalorização pelo nível de escolaridade. Reflete-se também pela desigualdade salarial ainda frequente em muitos espaços, mesmo quando mulheres realizam funções semelhantes/idênticas que os homens. Isso explica a média inferior de horas trabalhadas no espaço produtivo que leva ao acúmulo de atividades no lar, elevando a carga horária total de trabalho quando somados trabalho remunerado e não remunerado. Com isso, o tempo total de trabalho das mulheres é superior ao dos homens e elas dispõem de menos horas para realizar outras formas de reprodução de sua existência.

4.2 Salário que emancipa ou precariza?

Se por um lado a atividade laboral remunerada permite certa independência feminina no que se refere à liberdade de consumo, por outro lado à problemática da diferenciação salarial entre sexos e os baixos salários agravam e precarizam ainda mais a vida das mulheres, pois reduz suas condições materiais e limita seu consumo pessoal. Dados divulgados pelo IBGE (2016) mostram que o salário da mulher ainda é 77,5% do rendimento pago aos homens no Brasil. Em Goiás, pouco se avançou nos últimos anos, os dados mais recentes mostram levantados pela Síntese de Indicadores Sociais (SIS), que faz parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) mostram que o rendimento das mulheres do Estado, para o ano de 2016 representa 76,34% do rendimento médio dos homens, valores semelhantes ao cenário nacional. A pesquisa também observou dados relacionados ao desemprego em Goiás, as mulheres representam maior índice de desocupação em relação aos homens em 2016. Para elas, o número foi de 11,9%, enquanto para eles, de 9,1%, tanto no cenário goiano quanto no cenário nacional, o estudo ainda revela que a taxa de ocupação está relacionada com o índice de escolaridade da população, esse índice também está correlacionado com a qualidade dos empregos e a média salarial.

No setor hoteleiro em Catalão (GO), temos uma variação grande entre todos os níveis de escolaridade, em cargos de gerência e outros específicos como *controller*, assistente vendas/reservas e recepcionistas, há mulheres com o Ensino Superior completo ou incompleto. No entanto, a maioria das trabalhadoras que participaram da pesquisa tem até o Ensino Médio completo, sendo que entre as que possuem Ensino Fundamental incompleto

estão às camareiras, copeira e assistente de serviços gerais/limpeza, e recebem os salários mais baixos, o que se agrega aos dados das pesquisas nacional e estadual, como a citada acima. A Tabela 4 abaixo demonstra:

Tabela 4 – Setor hoteleiro em Catalão (GO): escolaridade por cargo

Cargo	F.I	F.C	M.C	M.I	S.C	S.I	N.I	T.P
Camareira	4	1	3	1	-	-	1	10
Compradora	-	-	-	-	1	-	-	1
Controller	-	-	-	-	-	1	-	1
Copeira	1	-	1	-	1	-	-	3
Cozinheira	-	-	1	1	-	-	-	2
Gerente	-	-	-	-	1	-	-	1
Limpeza/serviços gerais	1	1	1	-	-	-	-	3
Não informado	-	-	1	-	-	-	-	1
Recepcionista	-	1	4	-	2	4	-	11
Vendas/Reservas	-	1	-	-	-	1	-	2
Total Geral	6	4	11	2	5	6	1	35

Fonte: Questionários. Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Continua

Nota: F.I - Fundamental Incompleto; F.C - Fundamental Completo; M.C - Médio Incompleto; M.I - Médio Incompleto; S.C - Superior Completo; S.I - Superior Incompleto; N.I - Não Informado; T.P - Total Parcial.

A baixa escolaridade das trabalhadoras confere uma precariedade ainda maior do trabalho e da vida, pois os salários mais baixos são destinados às pessoas com menor escolaridade e/ou qualificação (Vide Tabela 5), condicionando-as a um menor poder de compra e consequente limitação do uso do espaço, já que a cidade oferece poucas opções públicas de lazer e outros serviços escassos como transporte, saúde, educação, cultura, entre outros, acrescidos nessa conta.

Observa-se que as trabalhadoras com menor escolaridade, exercem atividades ligadas à limpeza e arrumação, recebem em sua maioria, até um salário mínimo, enquanto as outras funções de atendimento direto ao cliente recebem de um a dois salários mínimos. Apenas gerente e *controller* recebem acima de três salários mínimos, contabilizando 2 mulheres. Na maioria dos cargos a variação salarial está entre 1 a 2 salários mínimos, totalizando 19 trabalhadoras, e até 1 salário mínimo são 14 trabalhadoras. Diante disso, é possível afirmar que o setor hoteleiro emprega mulheres com baixa remuneração e só há salário compatível

com a formação superior em cargos mais altos ligados à gerência, administração e contabilidade. A Tabela 5 demonstra com detalhes a faixa salarial de cada cargo:

Tabela 5 - Faixa salarial por função – hotéis pesquisados

Função na empresa	Até 1 salário mínimo	De 1 a 2 salários mínimos	3 salários mínimos acima	Total Geral
Camareira	8	2		10
Compradora		1		1
Controller			1	1
Copeira	1	2		3
Cozinheira	1	1		2
Gerente			1	1
Limpeza/serviços gerais	1	2		3
Não Informado	1			1
Recepcionista	2	9		11
Vendas/Reservas		2		2
Total Geral	14	19	2	35

Fonte: Questionários (2017). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Ao atentar ao Gráfico 8, que ilustra a proporção de trabalhadoras que recebem até um salário mínimo. Dentre elas, destacam-se as camareiras e as recepcionistas, funções que carecem de um número maior de trabalhadoras para atender as demandas dos hotéis e que no caso das mulheres na área da limpeza, reproduzem ações consideradas “tipicamente femininas”, a partir da perspectiva patriarcal. As camareiras, conforme nos foi relatado durante a Pesquisa de Campo, recebem capacitação com intuito de padronizar suas atividades e manter o controle de qualidade nos serviços prestados nos hotéis, assim, aprendem a dobrar os lençóis e arrumar a cama a partir de uma estética que seja agradável para o público que se hospeda, conforme demonstrado na Foto 6 abaixo:

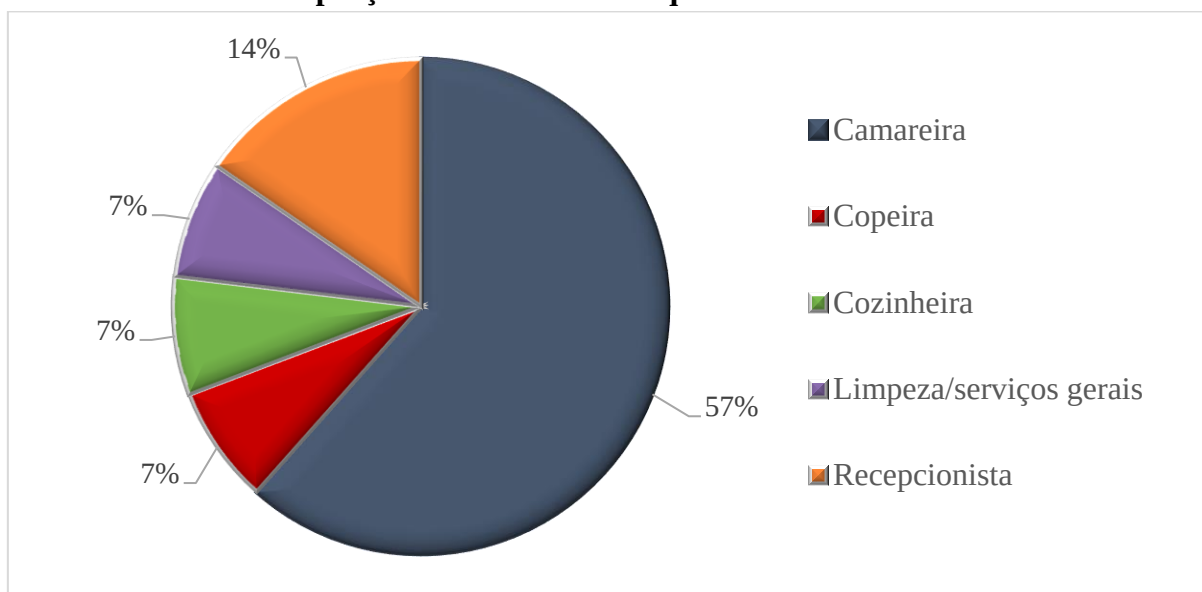
Foto 6 – Quarto arrumado em hotel 3 estrelas – Catalão (GO)



Fonte: < <https://www.booking.com/hotel/br/bristol-catalao-catalao12.pt-pt.html>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

De acordo com o PAS (Pesquisa Anual de Serviços) de 2015 o salário médio mensal das empresas de serviços prestados principalmente às famílias foi considerado mais baixo em relação a outros segmentos do setor de serviços. Haja vista que, este setor condensa grande número de trabalhadores/as sujeitos a empregos precários e de maior flexibilização.

As camareiras ocupam a maior parte dos postos de trabalho com menor remuneração. Possuem posição central, pois a imagem do apartamento é o principal produto a ser vendido, sem as camareiras para arrumarem os quartos, o hotel não funciona. A média salarial nacional das camareiras varia entre R\$987,42 a R\$1.445,97 de acordo com o BNE (Banco Nacional de Empregos). Essa média condiz com a realidade observada na cidade de Catalão (GO), e pode ser observada no Gráfico 8, logo a seguir:

Gráfico 8 – Proporção de trabalhadoras que recebem até 1 salário mínimo

Fonte: Questionários (2017). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Considerando que nesses postos de trabalho predomina mulheres, a baixa média salarial pode ser vinculada a própria condição laboral da mulher, que recebe salário menor em relação as outras atividades do setor e atua em jornadas parciais e flexíveis. Esta “integração periférica” da mão de obra feminina em relação ao sistema produtivo de bens e serviços acompanha o desenvolvimento da sociedade capitalista em geral e a força de trabalho feminina pode ser empregada volumosamente durante certas épocas da constituição da sociedade de classes. Nesse sentido,

Embora muitos países subdesenvolvidos apresentem elevada taxa de utilização da mão de obra feminina, grande parte dessa força de trabalho efetiva localiza-se em funções não produtivas (por exemplo, os serviços domésticos remunerados), permanecendo, portanto, à margem do sistema produtivo de bens e serviços da sociedade de classes. À medida que os países se industrializam, a força de trabalho feminina vai sendo absorvida, no grau em que a fase de desenvolvimento econômico permite, no setor secundário e terciário do sistema de produção dominante. (SAFFIOTI, 2013, p.83)

Percebe-se que a mão de obra feminina está posicionada à margem do sistema produtivo, ao mesmo tempo que este depende fundamente da sua força para obter maiores lucros sobre a mais-valia do trabalho abstrato, principalmente no setor de serviços e nos trabalhos domésticos remunerados, em que há elevado quantitativo de mulheres empregadas.

Entre as 19 trabalhadoras que recebem até dois salários mínimos, calcula-se o valor aproximado dos seus salários e chegou-se à média de R\$ 1.300,00 já incluso o vale transporte de R\$300,00, que é descontado 6% do salário por serem trabalhadoras celetistas, além do FGTS e outros, podendo chegar a uma média ainda mais baixa. Este elemento reforça a

discussão sobre a precariedade do uso do espaço urbano em função da cidade mercadoria, como exemplo o caso da moradia, considerando-se que gastos com aluguel e financiamento engolem a maior parte do salário dos/as trabalhadores/as.

Catalão (GO) apresenta elevado custo de vida, quando comparado a outras cidades interioranas com densidade demográfica semelhante, principalmente em relação à moradia. Fato que pode ser explicado pela acelerada urbanização e formação de grupos sociais oriundos dos novos empreendimentos, que por sua vez incorporaram novos bairros de alto padrão em setores mais afastados, contribuindo para especulação imobiliária e alta nos valores de aluguéis. Os latifundiários, grandes proprietários de terra são também os maiores proprietários de imóveis e loteamentos em Catalão, devido a sua estabilidade econômica, ele mantém estabilidade nos preços de alugueis, assim, preferem por muitas vezes manter as terras e imóveis parados, do que baixar o valor do aluguel.

Outro elemento que contribui para alta no custo de vida nessa cidade por tratar de uma “cidade universitária”. Com a expansão da UFG (Universidade Federal de Goiás), de acordo com o seu *site*³², inaugurada em 1983 e atualmente pela Lei 13.634, de 20 de março de 2018 foi criada a autônoma UFCAT (Universidade Federal de Catalão), o fluxo de estudantes cresceu significativamente, principalmente na última década, após o REUNI³³. Possui cerca de 3.500 alunos, pouco mais de 450 servidores efetivos e 150 terceirizados (limpeza, segurança, manutenção). O fluxo de estudantes (graduação, mestrado e doutorado) que vêm de outras cidades para estudar é grande e o mercado imobiliário se aproveita disso. Os preços da alimentação também são maiores em relação aos municípios circunvizinhos e até mesmo cidades turísticas como Caldas Novas (GO). Além disso, há também outras universidades particulares e de ensino a distância que contribuem para este fluxo como o CESUC, UNA, Anhanguera, Estácio de Sá, entre outras.

Quanto à moradia das trabalhadoras, temos a seguinte realidade representada pelo Gráfico 9: 45,71% das mulheres entrevistadas possuem casa própria; 40% mora de aluguel; 11,42% respondeu “outro”, que engloba pessoas que moram de favor, e não possuem gastos com pagamento pela moradia, mas que não possuem casa própria; 2,87% possui casa financiada

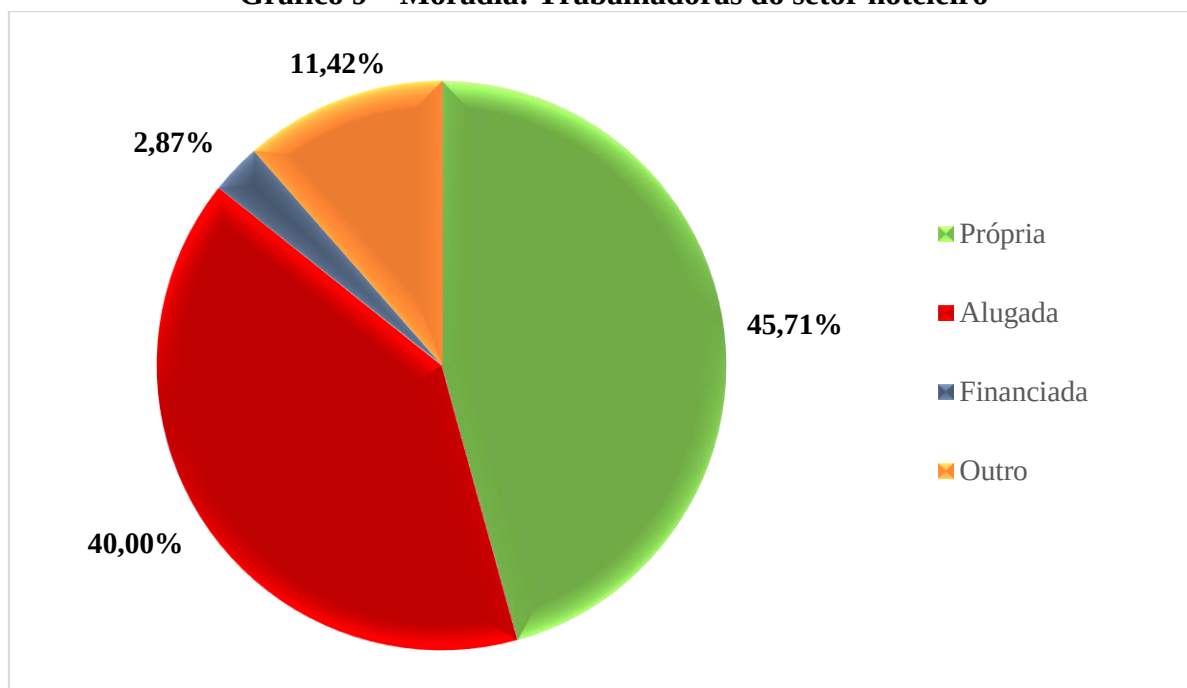
Diante disso, percebe-se que ao excluir o marcador “casa própria”, vê-se que a mais da metade dessas trabalhadoras não possui moradia própria. Os impactos da precarização da

³² Fonte: www.catalao.ufg.br. Acesso em: 19/03/2018.

³³ Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Ver mais em: <http://reuni.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 ago. 2018.

condição de vida da classe trabalhadora catalana pelos fatores supracitados impactam na forma de moradia das mulheres que trabalham no setor hoteleiro. É ainda alarmante pensar que praticamente a outra metade das mulheres de nossa pesquisa (40%) estão submetidas à especulação imobiliária através do pagamento de aluguel, pois estas tornam-se dependentes do salário para ter um teto.

Gráfico 9 – Moradia: Trabalhadoras do setor hoteleiro



Fonte: Questionários (2017). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Diante do desafio de ter que comprar a moradia para sobreviver, bem como conseguir custear outras despesas domésticas, várias mulheres buscam alternativas de renda para além da formalidade do trabalho no setor hoteleiro. Uma das trabalhadoras nos relatou:

“Meu horário é muito cheio, revezo em dois trabalhos para poder completar a renda e tirar um extra para mim, quando não estou no hotel, ajudo minha mãe fazer salgadinhos e vendemos congelados ou prontos para festas, assim consigo um pouco a mais, porque aqui é só meio período, preciso aproveitar o que sobra para conseguir mais renda e dar mais condições para minha família”. (Maria)

Este relato nos demonstra que o dinheiro pago pelo trabalho formal não é suficiente, por isso muitas trabalhadoras precisam se submeter a algum “bico” informal para complementar a renda. Esse “bico” também lhe custará tempo, ou seja, lhe custará mais uma jornada de trabalho que a impossibilitará de fazer outras coisas alheias ao trabalho que

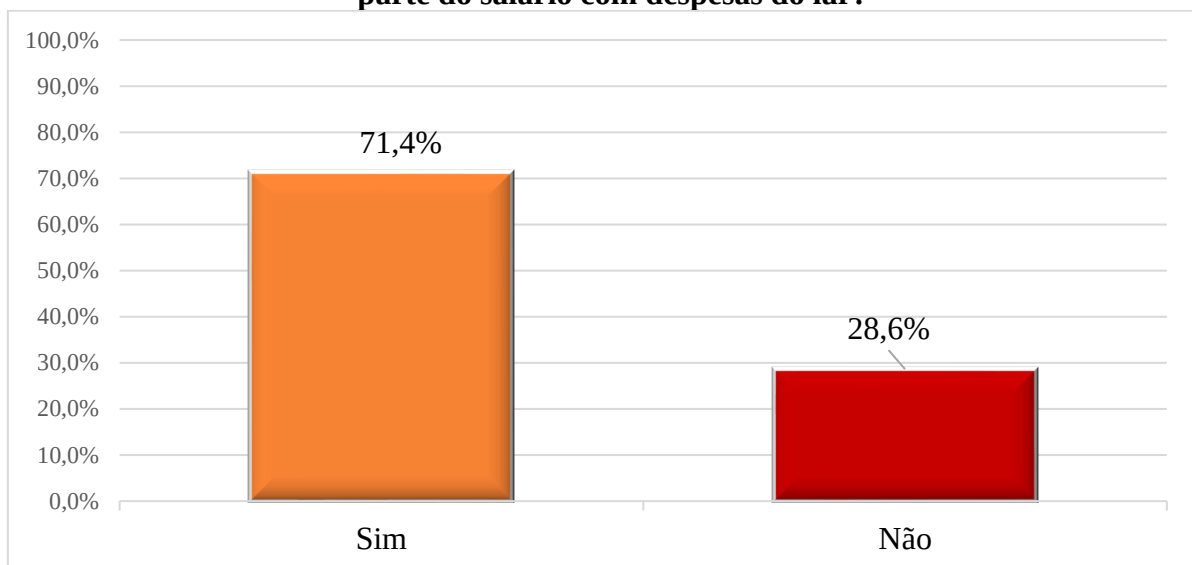
possam lhe proporcionar momentos de prazer e descanso como ficar com a família, fazer um passeio, cuidar de si. Novamente, são indicadas características da miséria e precariedade em relação às condições de existência da mulher trabalhadora.

A informalidade ainda é muito comum para as mulheres. Das quatro mulheres que alegaram exercer outra função informal fora do expediente no hotel, uma recebe de 1 a 2 salários mínimos, as outras recebem até 1 salário mínimo. O fato de ter que trabalhar informalmente em outro emprego demonstra elementos característicos da miséria no cotidiano da mulher trabalhadora, não é incomum ver mulheres fazendo outras atividades paralelas ao trabalho formal, haja vista o fato apresentado que nos tempos atuais muitas dessas mulheres são “chefes do lar” ou mães solo. Entre as atividades informais mais comuns estão: produção de alimentos congelados e doces, como o exemplo supracitado, revenda de roupas e cosméticos e confecção de artesanatos.

No que se refere ao meio de transporte, 20 disseram mulheres possuem veículo próprio (que pode ser carro, moto, bicicleta), seis utilizam ônibus e nove marcaram a opção outros, que inclui moto taxi, caronas, ou a pé. Uma das entrevistas que utiliza o transporte público nos disse que de onde ela pega o ônibus, que é um bairro periférico, passando pelo terminal até o seu ponto final ela identificou maioria de mulheres com crianças no horário entre 6h e 6h30, horário que as mulheres estão indo deixar suas crianças na escola e trabalhar. De todas elas, 12 recebem vale transporte da empresa, outras 23 não recebem, o motivo seria porque possuem veículo próprio, de acordo com uma das entrevistadas.

Outro ponto a refletir, relaciona-se a contradição da independência financeira para a mulher trabalhadora. A inserção no mercado de trabalho significou/significa um importante passo rumo à emancipação da mulher, no entanto, os estudos sobre gênero revelam o caráter contraditório dessa conquista (COSTA; CARNEIRO, 2015). Um elemento que aponta para essa contradição, além dos outros mostrados até aqui, como a questão das jornadas duplas/triplas que são fruto da divisão desigual do trabalho no ambiente doméstico e é o gasto com o próprio salário. Considerando que, muitas mulheres gastam a maior parte do seu salário com as despesas domésticas, sejam elas chefes de família ou não, atualmente, o salário feminino não é mais considerado como complementar, mas essencial nas despesas mensais da família da classe trabalhadora e para a reprodução das próprias condições de classe. O Gráfico 10 refere-se a esse marcador.

Gráfico 10 – Trabalhadoras do setor hoteleiro em Catalão (GO): Gasta a maior parte do salário com despesas do lar?



Fonte: Questionário (2017). Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Este número é deveras representativo, sobretudo quando cruzamos com o dado que mostra 77,14% das mulheres entrevistadas responsável pela atividade doméstica não-remunerada. Elas dispendem a maior parte do seu salário com despesas do lar, sobrando pouco para gastos pessoais. Estes gastos ficam em segundo plano, as entrevistadas nos disseram que quando sobra compram em roupas, calçados e acessórios, estética, passeios, porém, isso não ocorre todo mês. Isto posto, tem-se aqui a dimensão da miséria do dinheiro na vida das trabalhadoras, essa condição lhes dá o título de “chefes do lar”, e demonstra claramente a contradição em relação à emancipação feminina pelo viés do mercado de trabalho. As mulheres assumem sua autonomia, 100% das entrevistas nos disseram acreditar que o trabalho lhes proporciona mais poder de autonomia. Porém, trata-se de uma autonomia limitada às demandas e condições domésticas.

Nesse ponto, é importante retornar ao marcador idade, agora para cruzá-lo com o salário. Já sinalizei na análise uma questão de geração, em que o perfil da idade transforma a condição imediata da mulher, quando mulheres mais jovens não se colocam como a responsável pelas atividades domésticas, mas na amostragem total, dentro do recorte da pesquisa, percebem-se continuidades no processo de exploração do trabalho feminino. Compreende-se a mesma lógica na análise sobre a renda e os compromissos financeiros da mulher. No Gráfico 11, identifica-se a faixa etária das trabalhadoras e a proporção de quantas afirmaram gastar a maior parte do seu salário com as despesas domésticas, aqui, todas as

entrevistadas acima de 31 anos dispendem a maior parte do seu salário com despesas domésticas:

Gráfico 11 – Trabalhadoras do setor hoteleiro Catalão (GO): Relação entre faixa etária e gasto com despesas domésticas



Fonte: Questionários, 2017. Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

Dessa forma, temos a seguinte situação: as mulheres que não gastam a maior parte do seu salário com o lar, em sua maioria, são jovens com até 30 anos. Destas mulheres, de um total de 10, sete são solteiras, ou seja, não estão imersas na lógica do casamento já discutida neste capítulo, como instituição responsável pela reprodução. É um número significativo que casado com o dado de que apenas duas possuem filhos corroboram com nossa análise que aponta para quanto mais idade, mais trabalho, mais despesas domésticas e mais precarização.

As demais 25 mulheres que alegaram gastar maior parte do seu salário com as despesas domésticas, 19 são mães, sendo oito delas com três filhos ou mais, seis com dois filhos e cinco com um filho. Das seis mulheres sem filhos, quatro são casadas e têm entre 24 e 32 anos, e apenas duas são solteiras, sendo que uma mora sozinha. Estes dados nos mostram que as mulheres antes de casar gastam com elas mesmo, e após o casamento as despesas com a casa e filhos/as passam a ser prioridade e os gastos pessoais vão para “o segundo plano”.

No total, 60 % das mulheres entrevistadas são mães. A flexibilização do trabalho tende a atingir com mais força, as mulheres que apresentam diversas vulnerabilidades frente ao mercado de trabalho, entre elas a condição de mãe, que por muitas vezes torna-se motivo para demissões. Um estudo³⁴ ainda não divulgado realizado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) em 2017 reitera isso, incluiu 247 mil mães, com idades entre 25 e 35 anos, dentre elas, 50% alegam que foram demitidas em até dois anos depois da licença-maternidade.

³⁴ Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/politica/1502721247_786237.html. Acesso em 14 abr. 2018.

Saffioti (2013) faz dura crítica à condição da mulher mãe-trabalhadora no que se refere aos fatos biológicos dentre eles a capacidade de trabalho da mulher sofrer grande redução nos últimos meses de gestação, nos primeiros tempos que se seguem ao parto e o aleitamento. Essa descontinuidade favorece aos empregadores alguns dos argumentos que justificam a subalternidade das mulheres nas empresas, demissões e recontrações a fim de substituí-las por outras pessoas alheias a essa condição. Nesse sentido, Saffioti (2013, p.86) enfatiza

Que a maternidade envolve sérios problemas para o trabalho da mulher nas sociedades competitivas é um truísmo. [...] A maternidade não pode, pois, ser encarada como uma carga exclusiva das mulheres. Estando a sociedade interessada no nascimento e socialização de novas gerações como uma condição de sua própria sobrevivência, é ela que deve pagar pelo menos parte do preço da maternidade, ou seja, encontrar soluções satisfatórias para os problemas de natureza profissional que que a maternidade cria para as mulheres.

Enquanto essa maternidade, assim como o trabalho doméstico, não é percebida como ação comum a ser realizada por todos que tem interesse num desenvolvimento humanitário, a mulher, precarizada, ainda busca alternativas de renda para enfrentar os baixos salários e demissões. Destacamos, inclusive, que cerca de 54,28% das entrevistadas estão a menos de um ano no emprego, o que demonstra que há uma alta rotatividade nos postos de trabalho desse setor e uma dificuldade para se inserir neste universo. Esses elementos são importantes para que possamos identificar um dos papéis femininos bem delimitados no espaço doméstico e a sua relação com o mundo do trabalho, a maternidade e o casamento. Estes se tornam centrais quando falamos de tempo dedicado e gastos com as despesas do lar, visto que filhos (as) aumentam os custos do lar de forma significativa além de ocupar a maior parte do tempo da mãe quando se trata de cuidados e responsabilidades educacionais.

Para além deste estudo, outras pesquisas já foram realizadas sobre a relação emancipação/precarização do trabalho (COSTA; CARNEIRO, 2015), identificam que somente o fato de inserir as mulheres no mercado de trabalho de forma ampla, como ocorrido após a reestruturação produtiva do capital, através da feminização do trabalho (NOGUEIRA, 2006), não emancipa a mulher efetivamente, pois, se por um lado o salário traz autonomia para a mulher através da independência financeira do marido ou qualquer outra pessoa, por outro lado, o mesmo salário a aprisiona na lógica do capital, que lhes oferece os empregos mais precários e flexíveis. Logo, o salário é a libertação parcial do trabalho doméstico, mas a estrutura do patriarcado que mantém as relações desiguais entre os sexos, continua determinante no modo de vida da sociedade capitalista.

Hirata (2009) afirma que “o aumento do emprego feminino a partir dos anos noventa é acompanhado do crescimento simultâneo do emprego vulnerável e precário, uma das características principais da globalização numa perspectiva de gênero”. (HIRATA, 2009, p. 27). Ou seja, as mulheres entram no mundo do trabalho, mas as regras ainda são de exclusão, privação, dominação, exploração e precarização, pois mesmo sendo uma “vontade” da mulher a emancipação pelo trabalho, essa pode ser uma necessidade construída por estratégias que entendem a importância desta mão de obra no mercado capitalista. Desta forma, a ordem simbólica (LEFEBVRE, 1991) atravessa os níveis, alcança a vida cotidiana e reprograma-a em função de interesses distantes.

Observa-se que mesmo após anos de lutas feministas pela emancipação, por direitos civis e pelo direito à inserção no mercado de trabalho, elementos como salários mais baixos, jornadas duplas/triplas de trabalho, constantes assédios (moral e sexual) alinhados a flexibilização das leis trabalhistas, tornam-se centrais no movimento de precarização sendo que uma das dimensões é a feminização no mundo do trabalho, colocando milhares de mulheres mundialmente em situação de miséria e adoecimento.

4.3 O trabalho feminino no setor hoteleiro: limpar e arrumar é coisa de mulher?

A força de trabalho da mulher aparece no setor hoteleiro com atividades características do espaço doméstico, é possível observar que alguns cargos como camareira, copeira, cozinheira, limpeza de quartos e áreas internas do hotel são ocupados, exclusivamente, por mulheres, enquanto os homens trabalham como jardineiros, eletricitas, piscineiros e vigias. O arrumar, cuidar, zelar e limpar é reproduzido no âmbito do espaço produtivo quando mulheres ocupam cargos direcionados à limpeza, organização e cozinha. Nos hotéis pesquisados viu-se que a maioria da mão de obra é feminina, estão inclusive nas áreas administrativas, gerenciais e contábeis, mas em maior número nas chamadas “atividades de mulher”.

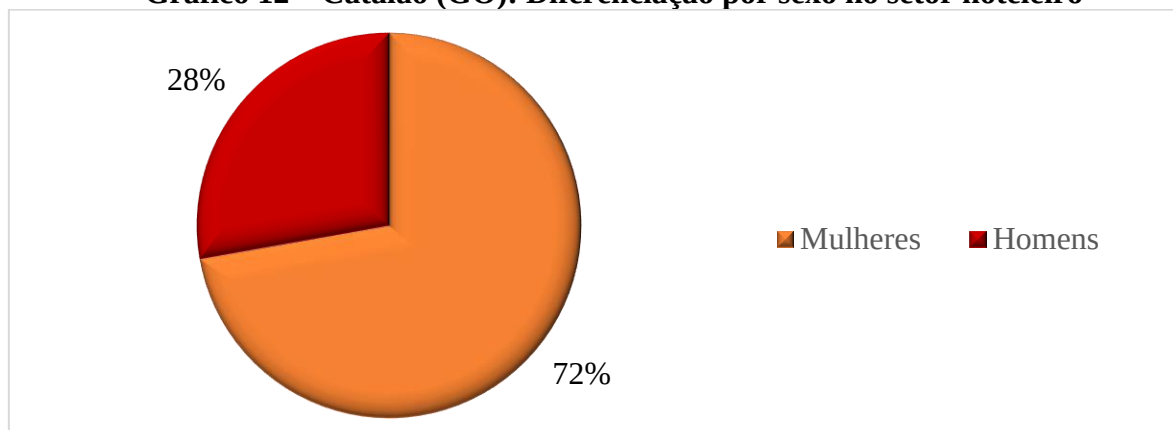
Os hotéis são os estabelecimentos que mais empregam mulheres, os dados do Censo 2010, no Brasil, mostram que de 346.470 pessoas que desempenhavam atividades no setor de alojamento, 41,9% eram homens e 58,1% mulheres. Em Catalão/GO, das 182 pessoas empregadas nos 16 hotéis pesquisados, 28% são homens e 72% são mulheres, demonstrando claramente que este setor na cidade é ocupado, sobretudo por mulheres, conforme podemos evidenciar na Tabela abaixo:

Tabela 6 - Divisão laboral por gênero

HOTEL	FEM.	MASC.	TOTAL
Bristol	16	12	28
Castellier	2	0	2
Cemarin	7	2	9
Champion	16	4	20
De Ville	11	5	16
Flamboyant	9	4	13
Golden Hotel	9	5	14
Hotel Brasil	1	1	2
IBIS	17	3	20
Lago's	6	3	9
Mara Turismo	20	10	30
Oliveiras	5	1	6
Raffas 1	3	1	4
Raffas 2	6	0	6
San Phellipe	1	0	1
Sgremmy	2	0	2
TOTAL	131	51	182

Fonte: Questionários, 2017. Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

É possível observar na tabela acima que há uma proporção maior de mulheres trabalhando nos hotéis, com uma diferença de quase o triplo a mais, caracterizando a feminização nesse espaço produtivo. Essa feminização foi visível nas visitas de campo, dentre todos os hotéis que visitados, as faces femininas predominaram, em alguns deles sequer vimos homens. O gráfico abaixo mostra essa diferença com mais clareza:

Gráfico 12 – Catalão (GO): Diferenciação por sexo no setor hoteleiro

Fonte: Questionários. Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

A grande maioria das mulheres no Brasil está empregada no setor de serviços – comércio, educação, saúde e serviços sociais, prestação de serviços, etc., como as desta pesquisa, trabalhadoras dos hotéis. No entanto, vê-se que neste setor, a feminização é característica devido às condições históricas que colocam mulheres em cargos relacionados a papéis de gênero. No âmbito geral, as mulheres ainda estão em situações de desigualdade em relação aos homens. De acordo com o estudo de *Igualdade de gênero e raça no trabalho*, publicado pela OIT no ano de 2010, após 2008 se intensificou a desvantagem das mulheres em relação aos homens no que se refere ao acesso a empregos formais, uso e controle de recursos, taxas de rendimento e proteção social em todo o mundo. Esta realidade precariza a vida das trabalhadoras, levando-me, novamente, a questionar sobre o que representa a emancipação feminina no trabalho.

Os números apresentados no relatório da OIT mostram que a taxa de participação feminina no mercado de trabalho em 2017 estimava-se em 56%, diferença de 22,1 pontos percentuais em comparação a masculina, estimada em 78,2%. A OIT afirma que, reduzir a desigualdade de gênero no mercado de trabalho poderia contribuir com o aumento do PIB global. Em 2014, os líderes do G20 se comprometeram em reduzir a diferenças nas taxas de participação entre homens e mulheres em 25%, isso poderia adicionar 5,8 trilhões de dólares na economia global. No Brasil, a redução dessa taxa poderia aumentar em até 3,3% o PIB nacional. Ainda segundo o relatório, a taxa de participação na força de trabalho global para as mulheres em 2017 é de pouco mais de 49%, 27 pontos percentuais menores do que a taxa para os homens (76%). A OIT prevê que essas taxas permanecerão inalteradas em 2018, diante da conjuntura de crises políticas e econômicas.

Mesmo com o relativo aumento no emprego feminino nas últimas décadas, a desigualdade de gênero ainda é um grande desafio que o mundo do trabalho enfrenta. As mulheres têm menor probabilidade de encontrar emprego, além da dificuldade do acesso a empregos de qualidade que podem ser afetados por uma série de fatores, incluindo discriminação, educação, maternidade, tarefas de cuidado não remuneradas, equilíbrio entre trabalho e família e estado civil. Para avançarmos nesse aspecto é preciso mudar as atitudes em relação ao papel das mulheres no mundo do trabalho e na sociedade. O relatório da OIT³⁵ recomenda como medidas: promover a igualdade de remuneração por trabalho de igual valor; abordar as causas profundas da segregação ocupacional e setorial; reconhecer, reduzir e redistribuir as tarefas de cuidado não remuneradas; e transformar as instituições para prevenir

³⁵ “Perspectivas Sociais de Emprego no Mundo – Tendências para Mulheres, 2017”.

e eliminar a discriminação, a violência e o assédio contra mulheres e homens no mundo do trabalho.

Apesar das constatações apresentadas no que se refere às diferenças de participação feminina no mercado de trabalho, o setor hoteleiro apresenta-se em outra perspectiva: nota-se a ampla participação de mulheres, como é visto no município de Catalão (GO), em que os homens ocupam apenas 28% das vagas no setor. Essa realidade é percebida também em âmbito nacional, e de acordo dados apresentados na pesquisa realizada pela Contracs (Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços) em 2015, entidade ligada à CUT (Central Única dos Trabalhadores) em parceria com o Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudo Socioeconômicos), demonstram uma série de percalços sobre a invisibilidade e a vulnerabilidade das trabalhadoras desse setor.

Na pesquisa de campo observou-se que algumas funções exercidas pelas mulheres, têm caráter de invisibilidade, como é o caso das camareiras e cozinheiras. Estas mulheres não são vistas durante o café da manhã, ou saindo e entrando dos quartos, ou limpando os corredores e banheiros. Foram observados os horários em que as camareiras passavam com os carrinhos de limpeza e foram os de menor fluxo de hóspedes. Como o público alvo dos hotéis em Catalão (GO) pertence aos “negócios”, nos horários entre 8:00 horas e 11:00 horas e 13:00 horas a 17:00 horas, foram os horários que elas mais transitaram pelos corredores e fizeram a limpeza. Como tive dificuldades em conseguir entrevistas com essas mulheres, não tive elementos suficientes para afirmar a sua real condição de trabalho precário.

No entanto, ao olhar para a tendência nacional, tem-se o seguinte panorama: jornadas excessivas de trabalho sem remuneração adicional, acúmulo de funções e baixa remuneração são algumas características retratadas no estudo da Contracs (2015). Mesmo se tratando de um dos setores da economia que mais cresce no mundo, isso não reflete nas melhorias de condições de trabalho e episódios frequentes de assédios moral e sexual e o baixo grau de proteção institucional aos empregados. Esses são parte dos relatos citados pelas trabalhadoras na pesquisa da Contracs. Essa realidade alcança grande parte das trabalhadoras e trabalhadores do setor hoteleiro, em especial as camareiras – subcategoria mais numerosa e considerada a mais desprotegida e explorada do segmento (SAKAMOTO, 2017).

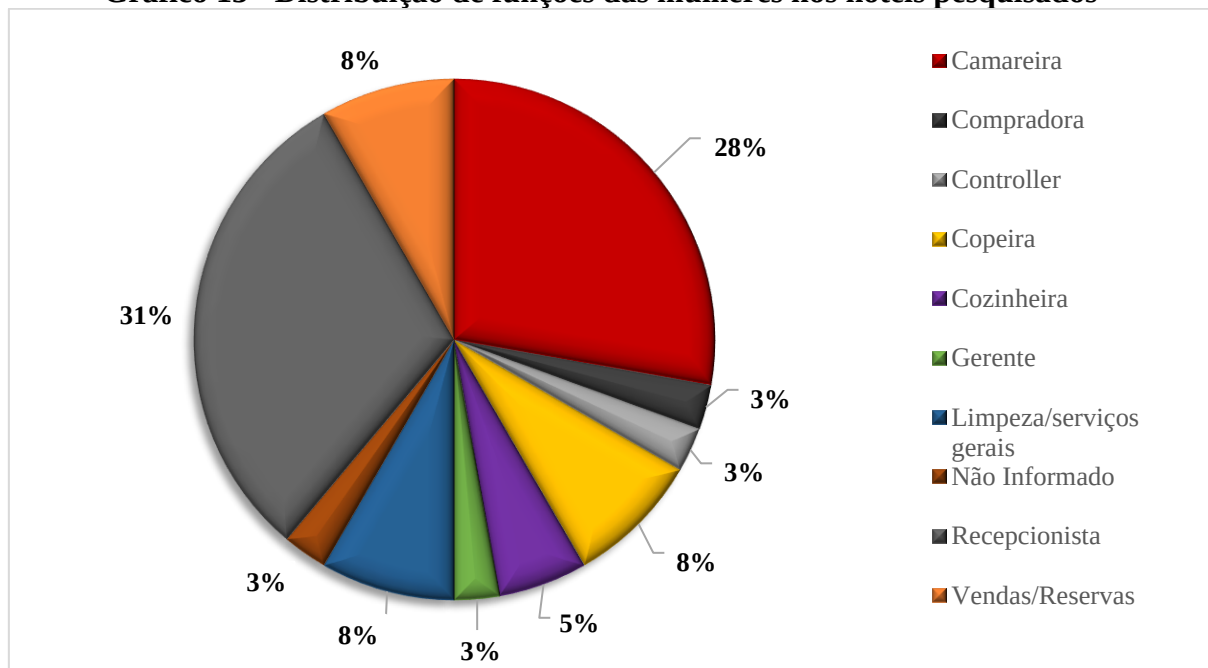
Os dados mais recentes fornecidos pela Contracs (2015) indicam que 66% das trabalhadoras do setor sofrem com ansiedade devido ao trabalho; 61% têm falta de energia no desenvolvimento das atividades do dia-a-dia e 51% se queixam de má qualidade do sono. Algumas camareiras, por exemplo, têm de limpar até 30 quartos por dia, numa jornada média

de 8 horas, comprometendo seriamente sua saúde, além dos relatos de lesões graves e crônicas, dores na lombar, nas mãos, o desenvolvimento de algum tipo de Transtorno Musculoesquelético (TME) ou de alguma Lesão por Esforços Repetitivos (LER) e, ainda, a contaminação por produtos químicos ou objetos cortantes jogados nos lixos. Como exemplo seringas, entre outras moléstias (SAKAMOTO, 2017).

De acordo com o artigo publicado por SAKAMOTO (2017), há baixa representatividade dos sindicatos brasileiros no setor hoteleiro, são pouco articulados e com poucas conquistas de direitos e benefícios, isso dificulta o avanço nas condições de trabalho no setor e que faz dessas trabalhadoras desamparadas juridicamente e sindicalmente. No Brasil, a não obrigatoriedade para a contribuição sindical, recente mudança implementada pela Reforma Trabalhista (Lei 13.467/2017) já mencionada nesta pesquisa, pode levar a baixa filiação em sindicatos, enfraquecendo ainda mais a categoria.

Nesse trabalho, as camareiras foram identificadas como maior parte das trabalhadoras. No Gráfico 13, é possível visualizar de forma mais nítida essa distribuição, a maior parte das trabalhadoras são camareiras e recepcionistas, totalizando 60% das funções, seguidas de serviços gerais de limpeza, copeira e cozinheira. Alguns hotéis possuem poucos empregados (as), nestes, há acúmulo de funções e as trabalhadoras chegam a revezar entre elas a limpeza e organização dos quartos e atendimento na recepção.

Gráfico 13 - Distribuição de funções das mulheres nos hotéis pesquisados



Fonte: Questionários. Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

No setor hoteleiro, as atividades ligadas a limpeza, organização e manutenção são as mais exercidas, e pode-se ver muitas mulheres ocupando essas áreas, visto que, as atividades de limpeza ainda são quase todas destinadas a elas. Identifica-se 18 mulheres, das 35 entrevistadas, em atividades ligadas ao trabalho de limpeza, reproduzindo no espaço do hotel, afazeres que são realizados também no espaço doméstico como arrumação de quartos, preparo de refeições, organização geral, etc. O horário de trabalho delas é diurno, limpam durante o dia enquanto os hóspedes estão ausentes, uniformizadas e empurrando seus carrinhos de limpeza, são praticamente invisíveis aos olhos deles, quase sempre homens, conforme afirmaram nos questionários sobre os hotéis.

Para melhor detalhamento das funções a fim de perceber rupturas e continuidades em relação ao trabalho doméstico não remunerado exercido nas residências, optamos por elaborar a seguinte tabela:

Tabela 7 – Descrição dos cargos ocupados por mulheres no setor hoteleiro em Catalão (GO)

Cargo	Descrição
Camareira	Arrumar e limpar o apartamento; trocar roupas de cama e toalhas; lavar o banheiro; posicionar/dobrar cortinas e lençóis, organizar o ambiente; registrar consumo e repor produtos do frigobar; tirar pó; recolher lixo; examinar se não há danificação.
Compradora	Fazer contato com fornecedores, receber e classificar as requisições de compras; cotar preços e repor produtos; avaliar equipamentos e mercadorias recebidas; atualizar-se com as tendências do mercado; Ajudar / liderar os fornecedores em implantação de projetos de Qualidade Total
Controller	Estudar/Identificar os movimentos econômicos do mercado; consolidar relatórios de desempenho; realizar análise financeira da empresa; organizar planejamento tributário; auxiliar na projeção de novos investimentos; identificar pontos de melhoria e propor ações corretivas visando potencializar os lucros
Copeira	Organizar serviços da copa; preparação de cafés sucos e lanches; organiza e prepara a mesa; cuida da limpeza de objetos e serve clientes
Cozinheira	Confecção de refeições, lanches e sobremesas
Gerente	Estabelece políticas de tarifa de acordo com a oferta e a demanda; cuida das ações de marketing e publicidade; acompanha e gerencia a rotina de todos os departamentos; controla índice de satisfação dos hóspedes; auxilia na contratação de funcionários; administra o contato com fornecedores; gerencia despesas e ações corretivas.
Limpeza/serviços	Limpeza completa de salas, salões, auditórios; retira lixos; repor materiais limpeza, copos e papéis; mantém a organização dos

gerais	ambientes; limpeza completa da copa, cozinha e área de descanso; limpeza de portas, janelas, móveis.
Recepcionista	Atende aos clientes na recepção, atende ligações externas para fazer reservas, ajuda os hóspedes com a bagagem, acompanha o hóspede até o apartamento entre outras coisas mais
Vendas/Reservas	Faz reservas de hotéis via telefone e e-mail, conhecimento de reservas online (omnibess, booking...etc), faz contato com empresas e oferece pacotes e serviços.

Fonte: Questionários. Org.: FERREIRA, N.S. (2017)

A precarização do trabalho e da vida da mulher brasileira envolve questões históricas e estruturais que vão além dos discursos colocados sobre a igualdade de gênero. Sendo as mulheres também agentes sociais de transformação do espaço, as condições determinadas para sua inserção nos mercados de trabalho ocorrem de forma estratégica extremamente desigual, a tendência é o aprofundamento dessa desigualdade com as próximas medidas legislativas que estão propostas pelo governo.

Ao passo que todas as 35 entrevistadas disseram acreditar que o trabalho fora de casa lhes proporciona maior poder de autonomia, percebemos que existem muitos elementos da vida cotidiana nos espaços público e privado que foge a esse discurso satisfatório caracterizando as dimensões antagônicas do trabalho feminino. Essas dimensões são acentuadas frente ao nível de exploração, diversificação e estratificação da classe trabalhadora diante as formas de acumulação do capital. Busquei apresentar neste capítulo dados e relatos que demonstram o quanto a precarização está presente na vida das mulheres, pois lógica do trabalho excessivo limita a liberdade de existência e uso do espaço através do corpo feminino.

O processo de reprodução espacial na sociedade produtivista se desenvolve priorizando o valor de troca em detrimento do uso e de suas possibilidades, o espaço é “produzido como mercadoria, servindo às necessidades da acumulação por meio das mudanças/readaptações dos usos e funções dos lugares” (CARLOS, 2001, p.15).

A mulher trabalhadora exerce um papel específico subordinado socialmente, esse papel perpassa pelas relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho, que configuram diversas formas de dominação/subordinação são (re) produzidas e apropriadas pelo capital (COSTA; CARNEIRO, 2015). As relações desigualdade entre homens e mulheres, permeadas pela hierarquia de gênero (ideia que homens são superiores às mulheres) estão diretamente relacionadas à perspectiva de trabalho doméstico enquanto trabalho fundamental para a reprodução da força de trabalho, mas este trabalho é historicamente invisibilizado e

naturalizado como com uma “competência” específica das mulheres. Como bem colocaram Engels e Marx em seu tempo:

O caráter particular do predomínio do homem sobre a mulher na família moderna assim como a necessidade e o modo de estabelecer uma igualdade social efetiva entre ambos, não se manifestarão com toda a nitidez senão quando homem e mulher tiverem, por lei, direitos absolutamente iguais. Então é que se há ver que a libertação da mulher exige, como primeira condição, a reincorporação de todo o sexo feminino na indústria social, o que, por sua vez, requer a supressão da família individual enquanto unidade econômica da sociedade.
(Engels e Marx, 2011, p.110)

Busquei compreender com este estudo, algumas das múltiplas faces do processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, contudo, entendi que para que as mulheres possam de fato exercer sua autonomia na vida e no trabalho, é preciso romper com práticas historicamente engessadas aos comportamentos masculino e feminino, e este rompimento só será possível através da supressão do patriarcado e a libertação da mulher do espaço doméstico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter expositivo/investigativo dessa pesquisa permitiu importantes reflexões no decorrer do trabalho. Logo, por diferentes momentos apresentei considerações que não serão repetidas nessa etapa. No entanto, foi preciso reforçar alguns elementos centrais para compreensão de determinados fenômenos e/ou processos geográficos. Substancialmente, no que se refere ao trabalho e a vida cotidiana das mulheres, enquanto produtoras de espaço. Buscar compreender a categoria de análise gênero foi muito útil para essa pesquisa e a perspectiva feminista desta categoria permitiu ampliar o leque de possibilidades de produção de um conhecimento engajado com mudanças sociais e estruturais. Buscou-se expor elementos característicos de um modelo sociedade que reproduz profundas desigualdades sociais pautadas por relações sociais de hierarquizadas, que reforçam a naturalização de papéis masculinos e femininos, característicos de um sistema que mantém o patriarcado como estratégia para ampliar o processo de exploração da classe trabalhadora.

A proposta desta pesquisa baseou-se na exposição das condições em que as trabalhadoras estão inseridas no mundo do trabalho, na perspectiva de compreender o movimento da história e na construção do espaço geográfico sinalizando, a partir de do referencial teórico e algumas das possibilidades fundamentais para a emancipação da mulher. Percebe-se que após a década de 1970 com a reestruturação produtiva do capital e a revolução técnico-científica-informal houve um aumento da feminização do mercado de trabalho. Ou seja, as mulheres passaram a ser incorporadas de forma massiva no mercado de trabalho formal, mas em condições precárias e desiguais. Essa inserção desigual ocorre porque mulheres, historicamente, são colocadas à margem da sociedade, que é em maior parte liderada e organizada por homens, brancos e detentores de capital.

Os dados apresentados em relação ao setor de serviços e, posteriormente, o setor hoteleiro mostrou que este é um dos setores que mais se sobressaiu quando comparados aos outros, pois é o mais tem empregado pessoas e se diversificado. Todavia, é o setor mais exposto a precarização do trabalho em consequência da flexibilização, jornadas parciais, informalidade e da alta rotatividade que são alguns dos pontos que identificados no setor quanto à precariedade do trabalho. Identificou-se também traços de desigualdade de gênero nos hotéis, principalmente, pelo fato de que a maioria das pessoas empregadas nesse setor são mulheres, um setor característico de serviços domésticos prestados, pois o sistema de hospedagem envolve cuidados como limpeza, arrumação, alimentação. Enfim, aliado o fato

da maioria dos hóspedes serem homens a trabalho simbolizando o termo padrão da sociedade capitalista patriarcal “homens de negócios”, e os hotéis de Catalão representam algo como um “segundo lar” haja vista que muitos o fluxo de hospedagem está concentrado entre segunda e sexta-feira.

A partir dos dados apresentados, concluí que a flexibilização das relações de trabalho, forte característica da reestruturação produtiva, atinge de forma mais intensa as mulheres, fruto do fortalecimento das políticas econômicas neoliberais, principalmente em países ainda emergentes, como o Brasil. A reestruturação produtiva do capital estabelece relações com o crescimento do emprego das mulheres, porém não garante melhoria nas condições de trabalho nem a superação das desigualdades de gênero, ao contrário, intensifica a precarização e desumanização da mulher trabalhadora.

É inegável o avanço das mulheres na conquista de espaços no mundo do trabalho, nas escolas e Universidades, na política – ainda que de forma embrionária – mas, ao olhar para realidade concreta, vê-se que ainda há muito que avançar, principalmente, no que se refere às atividades do espaço doméstico. As reflexões apresentadas nesta pesquisa têm o objetivo de dar visibilidade às condições de trabalho em que estão expostas as mulheres trabalhadoras. Compreender a reprodução do espaço urbano a partir da lógica do capital e sua racionalidade impressa no cotidiano das trabalhadoras e na paisagem.

É nessa perspectiva que compreendemos a importância de que os espaços de vivências e práticas cotidianas, em suas diferentes esferas (trabalho, ensino, cultura, lazer, lar...) proporcionem benefícios para ambos os sexos, sem distinção de homens e mulheres, e que estejam a serviços de todas as pessoas. Para que os direitos das mulheres possam ser garantidos, é preciso reduzir a pobreza e cumprir com os objetivos de desenvolvimento, apoiar o acesso das mulheres ao mundo do trabalho, porém, com condição digna e melhor meio de vida. O empoderamento econômico das mulheres é um componente primordial a ser realizado, mas somente ele não proporcionará de fato a emancipação das mulheres.

6 REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costek. **Uberização do trabalho**: subsunção real da viração. Publicado em: 19/02/2017. Disponível: <<http://passapalavra.info/2017/02/110685>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Orgs.). **Gênero no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. Tradução: Carol de Paula. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2016. (Mundo do trabalho)

ALVES, Giovanni. **A Tragédia de Prometeu**: a degradação da pessoa humana-que-trabalha na era do capitalismo manipulatório. Bauru, Canal 6, 2016. 315 p.

ANDRADE, Rogério P. de. **A agenda do Keynesianismo filosófico**: origens e perspectivas. In: **Revista de Economia Política**, vol. 20, n. 2 (78), abr-jun., 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negociação do trabalho. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A produção do território goiano**: economia, urbanização e metropolização. Goiânia: Editora UFG, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. Vol. 2. Editora Difusão Europeia do Livro. 1967, 500p.

_____. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos. Vol. 1. 4 ed. Editora Difusão Europeia do Livro. 1970, 500p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher**. 1ª impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, março de 2015. 181 p.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Observatórios de Turismo**. Disponível em: <<http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/estat%C3%ADsticaseindicadores/observat%C3%B3rios-de-turismo.html>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

_____. **Turismo de negócios e eventos: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 61 p.

CASTILHO, Denis. **Modernização territorial e redes técnicas em Goiás**. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2017. 232p.:il.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação B. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2013.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, Carmem Lúcia. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão** – Goiás. 2010. 214 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Geografia, gênero, trabalho e vida cotidiana: algumas reflexões sobre as trabalhadoras da educação em Goiás**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, p. 1-9, 2013, Florianópolis. Anais Eletrônicos. Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381953909_ARQUIVO_Geografia_Genero_Trabalho_e_Vida_Cotidiana.pdf>. Acesso em: 3 maio. 2016.

_____. O patriarcado como estratégia do capital no século XXI: mulheres e mundo do trabalho. In: CUNHA, Getúlio Nascentes da; MARTINEZ, Fabiana Jordão (Orgs.). **Faces e Interfaces da violência de gênero**. Goiânia: Gráfica, UFG, 2016. p. 209-229.

_____. **Uma leitura Marxista da vida cotidiana de trabalhadoras terceirizadas no interior de Goiás: emancipação e precarização**. Anais II Seminário Latino americano de Geografia, Gênero e Sexualidades: Interseccionalidade, Gênero e Sexualidades na análise espacial. Porto Velho (RO), 2014, p. 939-954.

_____; SANTOS, Heliany Pereira dos; CARNEIRO, Jañaine Pimentel Lino (Orgs.). **Interfaces do gênero III: gênero, trabalho e educação**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2017, 264 p.:il.

_____; CARNEIRO, Jañaine Pimentel Lino. **As trabalhadoras da ‘ITALAC Alimentos’ em Corumbá (GO): entre a emancipação e a precarização**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 140 - 153, jan. / jul. 2015.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL (DNPM). **Sumário Mineral**. Brasília: DNPM, 2014.

DIEESE. **Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos**. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. de Leandro Konder. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FERRO, José Roberto; GRANDE, Márcia Mazzeo. **Círculos de controle da qualidade (CCQs) no Brasil: sobrevivendo ao "modismo"**. ERA – Revista de Administração de Empresas, vol.37, n.4, 1997.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HAUG, Frigga. **Para uma teoria das relações de gênero**. In: A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Orgs.). Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Ed. Clascso, 2006, 488p.

HIRATA, Helena. **A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho**. Revista Sociologias – Dossiê. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 24-41.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 20 jan. 2018.

_____. **Pesquisa Anual de serviços (PAS) 2016**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/servicos/9028-pesquisa-anual-de-servicos.html?=&t=downloads>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira - 2016**. Rio de Janeiro, 2016, p. 146.

_____. Censo Demográfico 2010. **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/catalao/panorama>. Acesso em: 10 out. 2017.

IMB. Instituto Mauro Borges. **Estatísticas Municipais (Séries Históricas)**. s/d. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/>. Acesso em: 14 ago. 2017.

_____. **Painéis IMB Catalão 2016**. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/pub/paineismunicipais/00-Catal%C3%A3o201612.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

_____. **PIB dos municípios goianos 2014**. Disponível em: http://www.imb.go.gov.br/pub/pib/pibmun2014/apresentacao_pibmun_2014.pdf. Acesso em: 04 jun. 2016.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; ONU Mulheres. **Retrato das Desigualdades de Gênero e de Raça – 1995 a 2015**. Brasília: Ipea, 2017, p. 5. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/>. Acesso em: jan. 2018.

JLL. **Hotelaria em números – Brasil 2016**. Disponível em: <http://www.jll.com.br/brazil/pt-br/relatorios/127/hotelaria-em-numeros-2016>. Acesso em 29 de agosto de 2016.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros (do original: *Le vie quotidienne dans le monde modern*. Éditions Gallimard, 1968). São Paulo: Editora Ática S.A, 1991.

LIMA, Valdivino Borges de. **A espacialidade da indústria em Goiás: “a nova marcha para o oeste” – o exemplo de Catalão** [manuscrito]. 2015, 203f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1996.108 P. (Série Trilhas).

MASSEY, Doreen. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações**. Tradução de Rogério Haesbaert. Geographia. Ano 6, n. 12, Niterói, UFF, 2004.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e modernidade na história anômala**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, Paulo Henrique Marques. **Investigação geográfica do papel da hotelaria na economia urbana de Catalão (GO) de 1995 à 2015**. 2016. 70f. Trabalho de conclusão de curso. UFG/Regional Catalão, 2016.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2. ed., 2008.

_____. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo, SP: Boitempo, 2004. p. 176.

_____. **O Capital:** crítica da Economia política (Livro I – O processo de produção do capital). Tradução de Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2013. Versão digital.

_____; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino.** Campinas, SP: Navegando, 2011.

MORAIS NETO, Benedito. **Século XX e o trabalho industrial:** taylorismo/fordismo, ohnoísmo e automação em debate. São Paulo: Xamã, 2003.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo de método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011, 64p.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho:** entre a emancipação e precarização. In: O Averso do Trabalho. ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida Moraes. (Orgs.). 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-234.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado:** a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OBSERVATORIO DO TURISMO. **Classificação dos municípios goianos.** Disponível em: <<http://www.observatoriodoturismo.tur.br/?go=7&string=&categoria=18>>. Acesso em 23 jan. 2018.

OHNO, Taiichi. **O sistema Toyota de produção** – além da produção em larga escala. Porto Alegre: Bookman, 1997.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo** – Tendências para Mulheres 2017. *Disponível em:* <http://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS_558360/lang--pt/index.htm>. *Acesso em:* 22 ago. 2017.

_____. **Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo** – Tendências para Mulheres 2018. *Disponível em:* <http://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS_615927/lang--pt/index.htm>. *Acesso em:* 22 jul. 2018.

OLIVEIRA, João Maria de; KUBOTA, Luiz Claudio. **O setor de serviços e o emprego na crise.** In: **Repositório do conhecimento IPEA**, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/simple-search?query=setor+de+servi%C3%A7os+na+crise>. Acesso em: 25 ago. 2017.

OLIVEIRA, João Maria de; SOUSA, Alexandre Gervásio de. **Heterogeneidade estrutural no setor de serviços brasileiro.** In: *Repositório do conhecimento IPEA*. 2011, disponível

em:<http://repositorio.ipea.gov.br/simplesearch?query=radar+heterogeneidade+no+setor+de+servi%C3%A7os>. Acesso em: 25 ago. 2017.

OXFAM. **An economy that works for women**. 2017. Disponível em: https://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/file_attachments/bp-an-economy-that-works-for-women-020317-en.pdf. Acesso em: 11 jun. 2018.

PEREIRA, Leonardo César. **Reestruturação produtiva em Catalão (GO)**. Goiânia: Editora UFG, 2014.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Geografia e pesquisa qualitativa**: um olhar sobre o processo investigativo. In: Encontro de grupos de pesquisa, 5, 2009, Santa Maria. **Anais...** Porto de Galinhas: UFSM, 2009, 13p.

PIRES, Cyntia Miguel. **Catalão (GO): uma contribuição ao estudo de cidades médias**. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
ROSSINI, Rosa Ester. As geografias da modernidade – Geografia e Gênero – Mulher, trabalho e família. O exemplo da área de Ribeirão Preto – SP. **Revista do Departamento de Geografia**. n.12, p. 7-26, 1998.

RUBERTI, Kellen Cristina; GELINSKI, Carmen Rosário Ortiz Gutierrez Gelinski; GUIMARÃES, Valeska Nahas. **Relações de Trabalho no Setor de Serviços no Contexto da Reestruturação Produtiva**. [S.d.]. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/2/E8-03.pdf>. Acesso em: 26 maio. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. 3ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528p.

_____; BONGIOVANI, Iara. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978. 100p. (Coleção Sociologia Brasileira; v.9)

SAKAMOTO, Leonardo. **Camareiras exploradas**: o que os hotéis não contarão aos hóspedes neste verão. UOL, 2017. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2017/01/10/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1998

_____. **O Espaço como categoria filosófica.** Revista Terra Livre: O espaço em questão. São Paulo, n. 5, p. 9-20; 1998.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, v. 6, n. 2, jul./dez. 1990.

SILVA, Joseli Maria. Org. **Geografias subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

_____. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica.** Revista de História Regional 8(1): 31-45, Verão 2003.

SILVA, Magda Valéria da. **A indústria automobilística em Catalão/Goiás [manuscrito]:** da rede ao circuito especial da produção da MMC Automotores do Brasil S.A. 2011. 450 f. Tese. (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

THOMAZ JUNIOR, Antônio; GONÇALVES, Marcelino Andrade. **Informalidade e precarização do trabalho:** uma contribuição a geografia do trabalho. Scripta Nova - Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. Vol. VI, núm. 119 (31), 1 de agosto de 2002. Disponível em: < <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-31.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

7 ANEXOS

7.1 ANEXO I – QUESTIONÁRIO HOTÉL

Pesquisa: Trabalho feminino em Catalão (GO) relações de gênero e vida cotidiana de trabalhadoras do setor hoteleiro

QUESTIONÁRIO

- 1) Qual o valor da diária? _____
- 2) Café da manhã é incluso? _____
- 3) Qual total de quartos? _____
- 4) Acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida? Quantos? _____
- 5) Qual total de leitos? _____
- 6) Possui auditório/salão para eventos? _____
- 7) Total de funcionários? _____
- 8) Total de homens? _____
- 9) Total de mulheres? _____
- 10) Possui recepcionista bilíngue? _____
- 11) Camareiras recebem treinamento para arrumação? _____
- 12) Recepcionistas recebem treinamento para atendimento? _____
- 11) Qual público alvo para hospedagem? Negócios ou passeio? _____
- 12) Hospedes maioria homens ou mulheres? _____
- 13) Quais são os meses/dias da semana de maior ocupação? _____

Grata pela colaboração.

Att,

Natália Soares Ferreira
Pesquisadora UFG/Regional Catalão

7.2 ANEXO II – QUESTIONÁRIO TRABALHADORAS

Proposta de Questionário

Título da pesquisa: ARRUMAR E SERVIR: Trabalho feminino e vida cotidiana no setor hoteleiro em Catalão (GO)

Pesquisadora: Natália Soares Ferreira

Nº _____ Data: ____/____/____ Local do questionário: _____

I Identificação

27- Nome: _____ 2- Idade: _____

3- Telefone para contato: () _____

4- Cidade de nascimento: _____

5- Endereço: _____

6- Sexo:

() Feminino

7- Função na empresa: _____

8 – Nível de escolaridade:

() Ensino Fundamental Incompleto; () Ensino Fundamental Completo ;() Ensino Médio Incompleto; () Ensino Médio Completo; () Ensino Superior Incompleto; () Ensino Superior Completo; () Outro.

9 – Estado Civil:

() Casado/a; () Solteiro/a; () União Estável; () Viúvo/a; () Outro.

10 – A casa que você mora é:

() Própria; () Alugada; () Financiada; () Outro.

11 – Você participa de algum programa social ofertado pelo Governo?

() Sim; qual _____; () Não

12- Quantas pessoas moram com você?

() Moro sozinha/o; () 02 (eu e marido/esposa); () Mais de 3 pessoas.

13 – Tem filhas/os?

() Não; () 01 filha/o; () 02 filhas/os; () 03 ou mais.

14- Quanto tempo você trabalha na empresa?

() 01 a 06 meses; () 07 a 12 meses; () a mais de 01 ano.

15- Você é contratada por empresa terceirizada?

() Sim; () Não

16 – Qual é o seu turno de trabalho?

() Matutino _____ () Vespertino _____ () Noturno _____

17 – Qual sua média salarial na empresa?

☐ Até 01 salário mínimo; ☐ De 01 a 02 salários mínimos; ☐ 03 salários mínimos acima.

18 – Seu salário é utilizado para maioria das despesas do seu lar?

☐ Sim; ☐ Não

19- Exerce outra atividade remunerada fora da empresa?

☐ Sim; ☐ Não

20- Qual meio de transporte você utiliza para se deslocar até o trabalho?

☐ Ônibus; ☐ Veículo Próprio; ☐ Outros.

21 – Recebe vale alimentação ou cesta básica da empresa?

☐ Sim; ☐ Não

22 – Recebe vale transporte da empresa?

☐ Sim; Não ☐

23- Possui convênio médico e odontológico oferecido pela empresa?

☐ Sim; ☐ Não

24 – Você faz refeições no seu trabalho?

☐ Sim, (café da manhã, almoço, janta); ☐ Sim, (apenas lanche); ☐ Não.

25- As tarefas que você realiza em seu trabalho são:

☐ Extremamente rotineiras; ☐ Um pouco rotineiras; ☐ Nem um pouco rotineiras.

26- Como é a relação de trabalho entre você e seus/ suas colegas de trabalho:

☐ Extremamente tranquila; ☐ Tranquila; ☐ Nem um pouco tranquila.

27 – Você acredita que o trabalho fora de casa proporciona a mulher mais poder de autonomia sobre sua vida?

☐ Sim; ☐ Não

Obrigada pela sua participação!

7.3 ANEXO III – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevistas semiestruturada a ser aplicado com as trabalhadoras de hotéis em Catalão (GO)

Título da pesquisa: Trabalho feminino em Catalão (GO): relações de gênero e vida cotidiana de trabalhadoras do setor hoteleiro

Pesquisadora: Natália Soares Ferreira

Nº _____ Data: _____/_____/_____ Local da entrevista: _____

I Identificação

1 - Nome: _____

2 - Telefone: () _____ - _____

3 -

Endereço: _____

4 - Função na empresa:

II Roteiro de entrevistas

- 4 – Na sua casa, como são distribuídas as tarefas domésticas?
- 5 – Quais são as atividades realizadas durante sua jornada de trabalho?
- 6 – Quais pontos positivos de trabalhar fora de casa?
- 7 – Quais pontos negativos de trabalhar nessa empresa?
- 8 – Fale sobre seu cotidiano fora da empresa.
- 9 – Quando você começou a trabalhar com carteira assinada?
- 10 – O trabalho que você realiza na empresa compromete sua saúde? Como?
- 11 – Você consegue garantir todas as suas despesas com esse trabalho?
- 12 – Sua família apoia você sair de casa para trabalhar?
- 13 – Quais são as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano pelo fato de trabalhar fora de casa?
- 14 – Com qual frequência você vai ao médico ou faz exames?
- 15 – Quais motivos levou você a trabalhar fora de casa?
- 16 – Na sua casa quem é a(o) principal responsável pelas despesas financeiras?
- 17 – Já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher no seu local de trabalho?
- 18 – Se você pudesse mudar algo na empresa, o que seria?

- 19 – Você acredita que as funções que exerce na empresa são “tarefas femininas” por quê? Quais tarefas?
- 20 – Você sente no seu trabalho que as relações entre homens e mulheres são desiguais? Por que?
- 21 – Qual meio de transporte você utiliza para se deslocar até o trabalho?
- 22- Como é sua rotina antes de entrar no trabalho?
- 23- Quais são as atividades mais comuns que realiza no seu momento de lazer?
- 24 – A cidade lhe proporciona opções gratuitas de lazer? Quais e qual mais gosta?
- 25 – O que você costuma fazer quando não está no espaço de trabalho?
- 26 – Quais motivos te levaram a trabalhar fora de casa? O que isso significa para você?
- 27- Trabalhar fora lhe permite maior participação nas decisões do lar?
- 28 – Como você descreve o trabalho que realiza no hotel? Caso trabalhe a noite, como seus familiares lidam com a flexibilidade do horário?
- 30 – Como você gasta a maior parte do seu salário, com despesas pessoais ou despesas do lar?